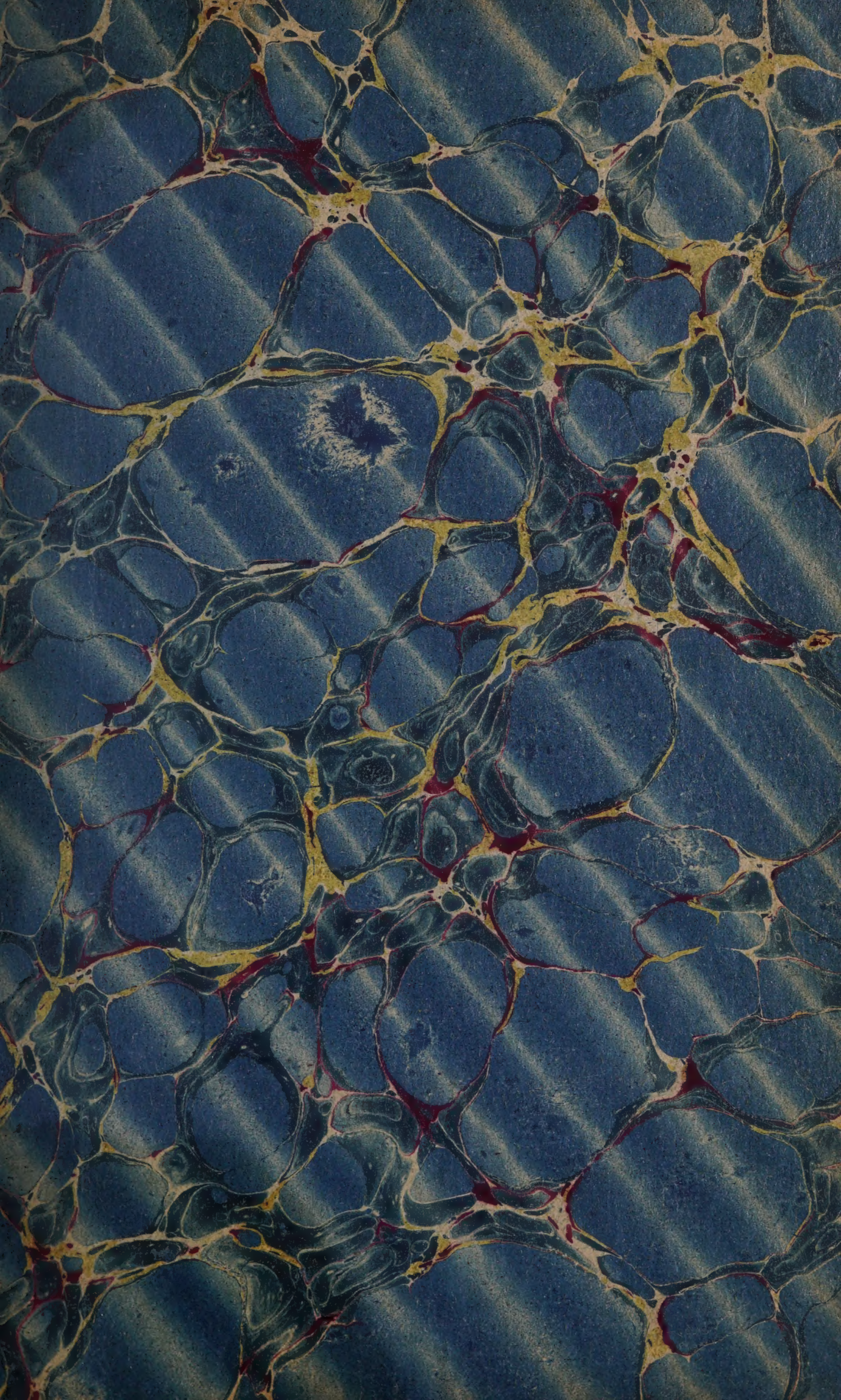
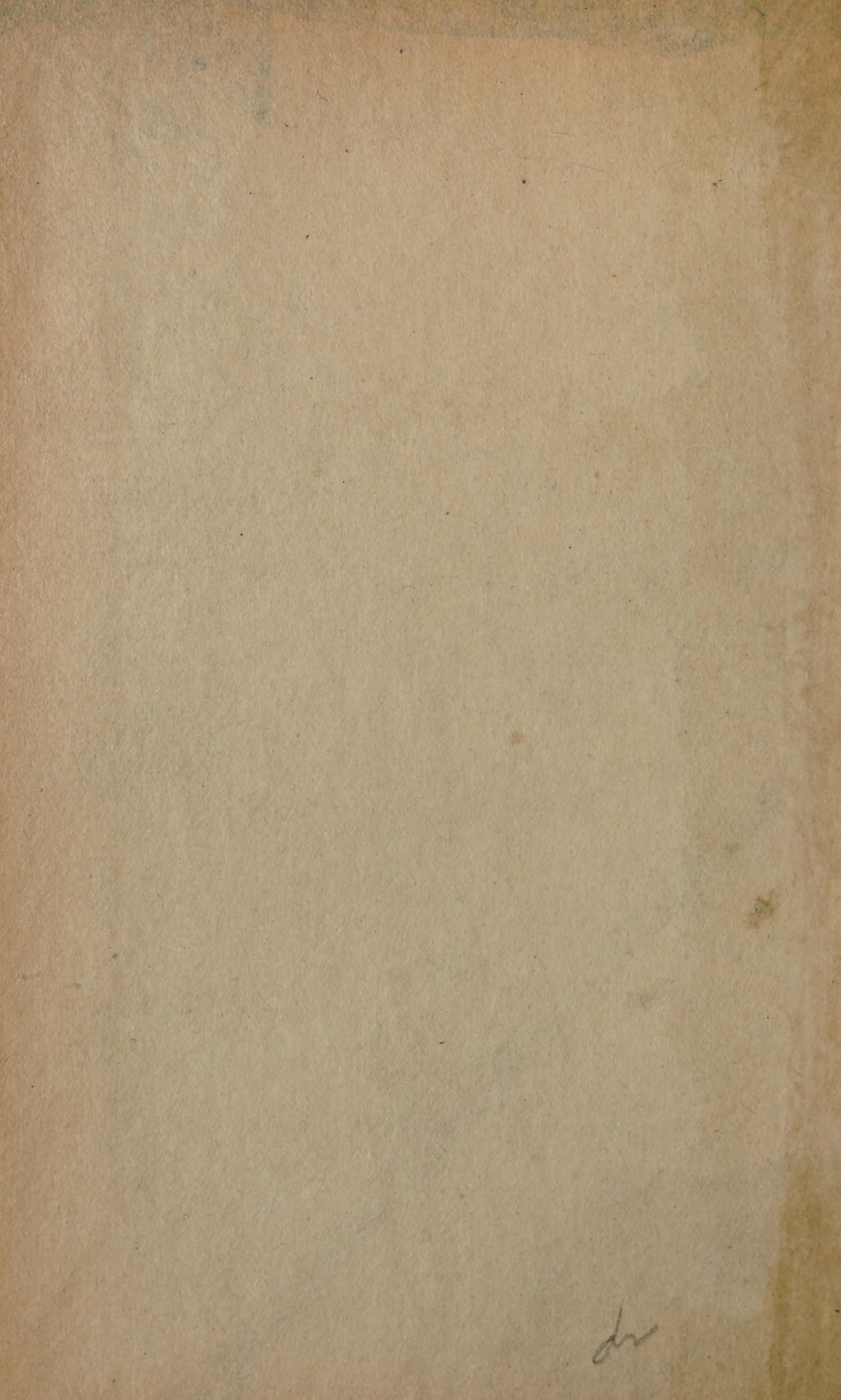




Rare Book Dept.
No. D. 155.29
THE TRVSTEES OF THE PVBLIC LIBRARY
LVX
OMNIVM
CIVIVM
OF THE CITY OF BOSTON
1852 · 1878





CONTOS TRADICIONAES DO ALGARVE

ROMANCEIRO

E

CANCIONEIRO DO ALGARVE

(LIÇÃO DE LOULÉ)

POR

Francisco Xavier d'Athaide Oliveira

PORTO

CONTOS TRADICCIONAES DO ALGARVE

EM VERSO

ROMANCEIRO

E

CANCIONEIRO DO ALGARVE

(LIÇÃO DE LOULÉ)

Acompanhado de importantes notas para esclarecimento do texto
e onde se reproduz tudo quanto ha
publicado neste genero pertencente ao Algarve

POR

Francisco Xavier d'Athaide Oliveira

Bacharel formado em Theologia e Direito
Conservador privativo do registro predial da comarca de Loulé
e socio do Instituto de Coimbra



PORTO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL (A VAPOR)
54, T. de Cedofeita, 56

1905

ROMANCEIRO e CANCIONEIRO do ALGARVE

Á SUA IRMÃ

D. Ignés Bernarda Xavier d'Athaide Oliveira

Dedica e Consagra

O Auctôr.

❊ Ao ALGARVE ❊

Este livro representa o melhor documento de que me podia servir para significar o meu profundo amor á minha querida provincia, porque a sua publicação equivale á traducção da alma algarvia vasada nos moldes sublimes da sua velha poesia, ainda hoje conservada e consagrada pela tradição dos nossos maiores.

Athaide Oliveira.



PREAMBULO



ESTUDO da poesia popular — disse um escriptor — tem occupado a attenção da maior parte dos eruditos, e de dia a dia cresce essa simpatia, á medida que se vae esclarecendo o problema das linguas romanas.

Evidentemente, no nosso seculo, importantes teem sido os estudos relativos a esse assunto e muito se tem caminhado neste genero de investigação.

Entre nós foi Garrett o primeiro escritor que neste seculo se soube inspirar destes estudos na leitura dos celebres trabalhos de Grimm, Walter Scott e outros escritores illustres, estrangeiros, e revelou essa intuição maravilhosa do bello na nossa poesia popular. O seu Romanceiro foi como um evangelho, onde o seu illustre autor manifestou por uma forma brilhante o dôce mel da antiga poesia popular. Não quer isto dizer que em Portugal não tivesse apparecido alguem que apreciasse esse genero de poesia, pois que todos conhecem as obras immortaes de Frei Bernardo de Brito, Manuel Leitão de Andrade, Manuel Faria de Sousa, o dr. Gualter, o Cavalleiro de Oliveira, e mais modernamente José Maria da Costa e Silva, que cuidadosamente conservaram, guardaram e publicaram esses monumentos antigos dum valôr excepcional, é certo, porem, que o nosso Garrett excedeu a todos pela nitida compreensão do genio do nosso povo distribuido na sua poesia.

Em seguida a Garrett apparece-nos o illustre investigador e o erudito homem de letras Theophilo Braga que no seu Romanceiro Geral reproduziu parte das poesias colligidas no Romanceiro de Garrett, e outras por elle colligidas, mas despidas das vestes primorosas de que Garrett ornara os seus romances, e simplesmente adornadas dos atavios do povo, colhidos, como o illustre escritor affirma, em flagrante delicto do entusiasmo popular. No seu Romanceiro Geral colligiu Theophilo Braga sessenta romances, emquanto que Garrett colligira apenas trinta e dois.

Em 1870 o nosso benemerito patricio S. P. M. Estacio da Veiga publicou o seu Romanceiro do Algarve no qual colligiu vinte e seis romances e nove lendas christãs.

É um pequeno livro, mas de grande merecimento tradicional. Cremos que alguns desses romances nos vieram da Espanha, não obstante o collector os suppôr aqui nascidos e criados; no entanto, se vieram da Espanha, experimentaram aqui modificações muito apreciaveis, pois que, como affirma um escritor espanhol, os portuguezes souberam sempre poetar melhor e com mais verdade.

Depois de Estacio da Veiga nenhum algarvio se occupou de colligir os antigos romances. Reis Damaso, um investigador admiravel, e uma alma cheia de luz, poderia perfeitamente ter continuado nesta provincia a fazer investigações apreciaveis do nosso romanceiro anti-

go, mas Reis Damaso morreu na flôr da idade e não pôde ir mais longe. Alem disso as suas occupações noutras esferas de acção roubavam-lhe muito tempo, e só ao seu caracter essencialmente trabalhador e ao seu genio movimentado devemos agradecer o muito que deixou feito.

*
* *

Por occasião das minhas primeiras publicações — Os Contos Infantis — recebi do nosso erudito escritor Theophilo Braga uma carta na qual chamou a minha particular attenção para os contos tradicionaes do Algarve. Digo a verdade affirmando que nunca pensara a serio neste assunto. Algumas vezes o meu particular amigo, ex.[mo] *sr. Joaquim Antonio Teixeira, muito digno escrivão de direito, me falou acerca daquelles contos, mas as minhas occupações inhibiam-me de olhar para tal assunto com a devida seriedade. A carta do ex.*[mo] *snr. dr. Theophilo Braga foi o principal motivo que em mim actuou na ultima resolução de fazer taes investigações. Ouvi as pessoas antigas, escrevi para alguns amigos da minha especial confiança, e em alguns mezes colligi mil contos, compondo-se o primeiro volume de duzentos e dezenove.*

Muitas vezes as minhas boas velhinhas, para se distrair, deixavam os contos, e entoavam numa melopea triste

e cadenciada esses versos antigos, que eu mal percebia. Pedia-lhes que deixassem o canto e me recitassem os versos. Isso para ellas era quasi impossivel: não sabiam os versos, quando os queriam recitar; só cantando chegavam ao fim. Eram os seus romances que ellas tinham ouvido aos seus avôs e os cantavam na mesma musica em que elles lh'os tinham cantado. Desses romances fiz a presente collecção.

Devo ainda dizer que cada romance de que se compõe o meu livro é a resultante de muitas lições, que ouvi. No fim deste livro espero apresentar os specimes de alguns romances, simplesmente como amostra.

Esperava batisar o meu livro com o pomposo titulo —Romanceiro e Cancioneiro do Algarve—mas a breve trecho me convenci de que o titulo não correspondia á verdade. Tendo escrito a alguns amigos, pedindo-lhes me anxiliassem nas minhas investigações, e tendo poucos correspondido ao meu convite, ainda assim foi o bastante para me convencer de que só podia formar uma collecção completa depois de ter visitado não somente as cidades, villas e povoações do Algarve, mas as mais pequenas aldeias e o mais insignificante casal. Por isso substitui o imaginado titulo por outro mais restricto e mais verdadeiro—Romanceiro e Cancioneiro do Algarve—Lição de Loulé. Não me arreceio de que me accusem de ter deixado atraz algum romance, porque bati a todas as portas, oportuna, e inoportunamente, e ouvi a toda a gente. Creio

pois, que ninguem poderia fazer mais... A este proposito poderia tambem citar expressões duras e palavras inconvenientes que ouvi de muitas velhinhas...

*

* *

Resolvido o titulo do livro e certo de que poucos escritores algarvios perderão o seu tempo, como me diziam, em pequenas ninharias, *resolvi em notas ao texto transcrever as lições que recebi de alguns amigos. Aqui não posso deixar de consignar o muito que devo ao ex.mo sr. J. J. Nunes, muito digno capellão, residente em Lagos, pela sua amavel offerta de alguns romances, que de Lagos me enviou e se acham transcritos nas notas.*

Igualmente me servi dos romances de Reis Damaso publicados na Enciclopedia Republicana, romances que me foram enviados pelo nosso erudito Theophilo Braga.

Fiz entrar na minha collecção os romances colligidos pelo benemerito algarvio Estacio da Veiga, pela muita relação que alguns tem com os que eu colligi, pela relação do parentesco que outros offerecem nas suas linhas geraes com os colligidos por Reis Damaso e J. J. Nunes, e finalmente pelo seu caracter algarvio, ou pela revelação dos nossos costumes antigos.

Parece-me, pois, que o meu livro é por assim dizer um deposito sagrado de todos os romances e lendas apuradas, até este momento, por algarvios.

*

* *

Com relação á segunda parte deste livro, que trata do nosso cancioneiro, pouco tenho que dizer. No cancioneiro colligi orações, cantigas sagradas e profanas (como aqui se diz) coplas dos bailes e por ultimo reproduzi uma profecia, que devo á amabilidade de um homem, que ligou credito extraordinario a todo o genero de profecias. A sua fé pela vinda do rei D. Sebastião era inabalavel.

Infelizmente não chegou a ver rialisadas as suas esperanças porque faleceu ha annos.

Em as competentes notas direi mais do espaço acerca desta segunda parte do meu livro.

Escusado será aqui repetir o que disse nos meus livros = As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve = e os Contos tradicionaes do Algarve: o meu trabalho limita-se simplesmente ao de mero collector. Sou simplesmente o aprendiz que reune os materiaes de que os mestres se servem na construcção dos seus monumentos. Não me sinto com forças para mais, nem o Algarve me

pode fornecer uma biblioteca, onde eu pudesse consultar os mestres em assuntos que de dia a dia estão tomando grande desenvolvimento.

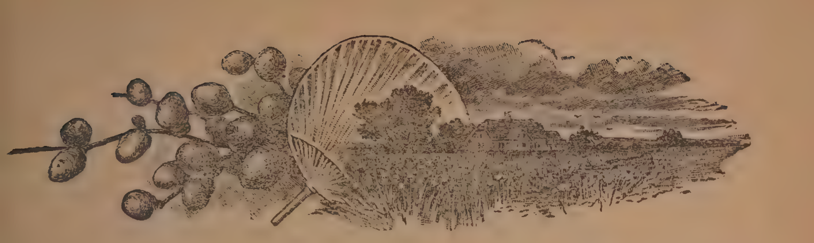
Por todas estas razões espero que os meus patricios e o publico illustrado me relevem de não poder ir mais longe.

Loulé, 1 de fevereiro de 1904.

Francisco Xavier d'Athaide Oliveira.



PRIMEIRA PARTE



I

BELLA INFANTA

Estando a bella Infanta
No seu jardim assentada
Com pente de ouro na mão
Seu cabello penteava;
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava.

—Dizei-me, ó capitão,
Dizei-me por vossa alma
Que armada é a que trazeis
Que vem tão bem governada?

—A Senhora que procura
Alguma cousa tem nella?!
—Tenho lá o meu marido,
Ha dez annos que anda em guerra.

—Não o vi nem no conheço
Dai-me os signais que levava.

—Levava cavallo branco
Cavallo branco levava
Na ponta da aguda lança
Uma cruz de Christo alçada.

—Pelos signaes que me dais
Pelos signais que me dera
O cavalleiro, Senhora,
Lá o vi morto na guerra
Tinha trinta e uma f'ridas
Quarenta e duas facadas
A mais pequena de todas
Era cabeça arrachada.

—Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Tres filhas que Deus me deu
Sem nenhuma ser casada!

—Tornai p'ra trás, ó Senhora,
E dizei-me agora ahi
Quanto darieis vós, Senhora,
A quem o trouxera aqui?

—As telhas do meu telhado
Que são d'ouro e de marfim.

—Eu não quero as vossas telhas
Não me servem para mim
Sou capitão, ando em guerra
Não resido por aqui
Quanto darieis vós, Senhora,
A quem o trouxera aqui?

—As tres bellas larangeiras
Que tenho no meu jardim

Os pés são de fino ouro
As laranjas de marfim.

—Eu não quero larangeiras
Não me servem para mim
Sou capitão, ando em guerra
Não resido por aqui
Quanto darieis vós, Senhora,
A quem o trouxera aqui?

—Os tres moinhos que tenho
Cada qual o mais gentil
Um que moe pau de canela
Outro moe pau do Brazil
Outro moe rica farinha
Que El-rei me manda pedir.

—Eu não quero vossos moinhos
Não me servem para mim
Sou capitão, ando em guerra
Não resido por aqui
Quanto darieis vós, Senhora,
A quem o trouxera aqui?

—Das tres filhas que tenho
Eu daria a mais gentil
Uma borda ouro fino
Outra prata do Brazil
Outra faz bellas camizas
Que El-rei costuma vestir.

—Eu não quero as vossas filhas
Não me servem para mim
Sou capitão, ando em guerra
Não resido por aqui
Quanto darieis vós, Senhora,
A quem o trouxera aqui?

—Não tenho mais que lhe dar
Nem você mais que pedir.

—O vosso corpo, Senhora,
Para comigo dormir.

—Vai-te d'aqui atrevido
Vai-te d'aqui mal criado
Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
A' roda do meu jardim
Ao rabo do meu cavallo.
Alto lá, ó meus criados,
Todos já ao meu mandado
Arrastem o cavalleiro
Ao rabo do meu cavallo.

—Alto lá, minha Senhora,
Alto, alto, agora aqui.
O que é feito do anel
Que comvosco reparti?
Mostrai já vossa metade
Pois a minha eil-a aqui.

—Se tu eras meu marido
Por que razão não dizias?
—Desejava ver, Senhora,
A fé que m'aguardarias. (1)

II

DOM MARTINHO

Já se começam as guerras
Nos campos de Mazagão
Triste de mim que sou velho
As guerras me matarão
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!

Responde a filha mais velha
A filha da bendicção:
Dê-me armas e cavallo
Serei seu filho varão
As guerras las vencerei
Nos campos de Mazagão.

—Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão
Tens cabello de mulher
De mulher que d'homem não
—Dê-me, pai, uma tesoura
E los deitarei ao chão
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão
Tens olhos de mulher
De mulher que d'homem não
—Quando olharem para mim
Eu olharei para o chão
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão

Tens o peito de mulher
De mulher que d'homem não
—Mando fazer um peitilho
Que m'aperte o coração
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão
Tens mãozinhas de mulher
De mulher que d'homem não
—Mando fazer umas luvas
Nunca se descalçarão
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão
Tens pezinhos de mulher
De mulher que d'homem não
—Mettel-os-ei numas botas
Nunca se descalçarão
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

—Não irás á guerra, filha,
Logo te conhecerão
Tens corpinho de mulher
De mulher que d'homem não
—Logo farei uma farda
Que m'estreite a compleição
Dê-me armas e cavallo
Quero ir a Mazagão.

O capitão dos soldados
Um grande amôr lhe tomou
Martinho como discreto
De nada se receiou.

—Ai, minha mãi da minh'alma,
Morro-me do coração
Os olhos de dom Martinho
São de mulher, d'homem não
—Convidal-o tu, meu filho,
Convidal-o p'r'o jantar
Porque se elle fôr mulher
Pão ao peito ha de cortar.

Martinho como discreto
De nada se receiou
Pegou na faca de ponta
Pão e queijo quartejou.

Ai, minha mãe da minh'alma,
Morro-me do coração
Os olhos de dom Martinho
São de mulher, d'homem não
—Bota-lhe cadeiras altas
Cadeiras baixas a par
Porque se elle fôr mulher
Nas baixas se ha de sentar.

Martinho como discreto
Pelas baixas foi passar
Desprezando todas estas
Nas altas se foi sentar.

Ai, minha mãi da minh'alma,
etc. etc. etc.
—Se queres saber se é homem
Leva-o a passear
Porque se elle fôr mulher
Nas flores se ha de enlevar.

—Bellas flores, dom Martinho,
Par'as damas offertar
Não as leves n'algibeira
Que se podem desfolhar

—As damas se las quizerem
Ellas que as venham buscar.

Ai, minha mãi da minh'alma,
etc. etc etc.
Se queres saber se é homem
Leva-o a enfeirar
Porque se elle fôr mulher
A's fitas se ha pegar.

—Bellas fitas, dom Martinho
Par'as damas enfeitar
Não as leves na algibeira
Que se podem estragar
—As damas se querem fitas
Ellas que as venham comprar.

Ai, minha mãi da minh'alma,
etc. etc. etc.
—Se queres saber se e homem
Convida-o a banhar
Porque se elle for mulher
Logo se ha de recusar
—Dom Martinho como discreto
Foi-se logo descalçar.

«Cartas me cahem do ceu
Cartas me estão a chegar
Talvez meu pai seja morto
Ou minha mai a acabar
As seis manas que la tenho
Eu as vou a amparar
Adeus, ó meu capitão
Adeus, que vou a marchar.

—Parai, ó meu cavalleiro
Que vos quero acompanhar
Quando chegarmos a casa
Comtigo quero casar.

III

DOM MARCOS

2.ª LIÇÃO

Já começam as guerras
No campo de Mazagão
Ai de mim que já estou velho
As guerras me matarão
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!

Leonor como entendida
Respondeu-lhe com razão:
Dê-me lança, c'roa e sceptro
Qu'eu irei p'ra Mazagão

—Filha minha da minh'alma
Filha do meu coração
Téndes peitos de mulher
De mulher que d'homem não.

—Mando fazer um peitilho
Que me aperte o coração
Dê me lança, c'roa e sceptro
Qu'eu irei p'ra Mazagão.

—Filha minha da minh'alma
Filha do meu coração
Téndes uns pés de mulher
De mulher que d'homem não.

Venham uns sapatos grandes
Qu' os pés nelles crescerão
Dê-me lança, c'roa e sceptro
Qu'eu irei p'ra Mazagão

— Filha minha da minh'alma
Filha do meu coração
Téndes olhos de mulher
De mulher que d'homem não.

—Andarei dum lado ao outro
Com elles sempre no chão
Dê-me lança, c'roa e sceptro
Qu'eu irei p'ra Mazagão.

Filha minha da minh'alma
Filha do meu coração
Téndes cabello de mulher
De mulher que d'homem não.

Dê-me, meu pai, uma tesoura
Vel-os-á cair no chão
Dê-me lança, c'roa e sceptro
Qu'eu irei p'ra Mazagão.

Oh! qu'rido pai da minh'alma
Minha mãi do coração
Os olhares de dom Marcos
São de mulher, d'homem não.

Convida-o tu, meu filho
Convida-o p'r'o jantar
Porque no partir do pão
Se virá a delatar
Que s'elle o partir ao peito
Por mulher s'ha de mostrar.

— Oh' dom Marcos, ó dom Marcos,
Comigo vinde jantar
—Pronto, pronto, ó meu principe
Sempre pronto ao teu mandar

Leonor como intendida
A' mesa se foi sentar

Pegou logo numa faca
Pão ao largo a cortar.

O' qu'rido pai da minh'alma
etc. etc. etc.

—Convida-o tu, meu filho
Convida-o a caçar
Se mulher acaso for
Por força s'ha d'acanhar.

—O' dom Marcos, ó dom Marcos
Vamos ambos a caçar
— Pronto, pronto, ó meu principe
Sempre pronto ao teu mandar.

Leonor como intendida
Não teve mais que pensar
Saiu logo do caminho
E p'r'os matos foi caçar.

—O' qu'rido pai da minh'alma
etc. etc. etc.

—Convida-o tu, meu filho
Que comtigo vá dormir
Se mulher acaso for
Então s'ha de descobrir

—O' dom Marcos, ó dom Marcos
Comigo t'has de deitar
—Pronto, pronto, ó meu principe
Sempre pronto ao teu mandar.

Leonor como intendida
Não teve que receiar
Vestiu camisa e ceroulas
Com elle se foi deitar.

—O' q'urido pai da minh'alma
etc. etc. etc.

Convida-o tu, meu filho
No jardim a passear
Que s'accaso for mulher
Aos cravos se ha de pegar
Se homem accaso for
As rosas ha de cheirar.

—O' dom Marcos, ó dom Marcos
Ao jardim a passear
Pronto, pronto, ó meu principe
Sempre pronto ao teu mandar

Leonor como intendida
Poz-se logo a gracejar:
Lindos cravos p'r'as senhoras
Que os poderão levar
Lindas rosas, bellas rosas
Quanto gosto de as cheirar.

—O' qu'rido pai da minh'alma
etc. etc. etc.

—Convida-o tu, meu filho
Que comtigo vá nadar
Que s'accaso fôr mulher
Logo s'ha de desculpar.

—O' dom Marcos, ó dom Marcos
Vamos ambos a nadar.
—Pronto, pronto, ó meu principe
Sempre pronto ao teu mandar.

Leonor como intendida
No cavallo foi montar
O principe entrou n'agua
Leonor a passear.

—Vinde, vinde, ó dom Marcos
Vinde p'ra dentro do mar
—Banhai, principe, banhai,
Tenho o corpo a suar

—Vinde, vinde, ó dom Marcos
Vinde, p'ra dentro do mar
—Banhai, principe, banhai,
Qu'eu me vou a caminhar
Os sinos da minha terra
Aqui os ouço dobrar
Talvez meu pai seja morto
Minha mãi a enterrar
Tenho seis irmãs mais novas
Quero-as ir amparar.
Adeus, meu principe, adeus
Adeus meu qu'rido senhor
Sete annos andou em guerra
O soldado. . . Leonôr. . .

—Antes que chegues á porta
Chegarei ao teu portal
Irei pedir-t'ao teu pai
Comtigo quero casar. (2)

IV

GIRINALDO

—Girinaldo, Girinaldo,
Pagem d'El-rei, o mais qu'rido
Bem podias, Girinaldo,
Dormir á noite comigo

—A senhora está brincando
Ou quer caçoar comigo?

—Eu não caçôo, Girinaldo,
Eu bem deveras t'o digo

—Diga a senhora a que horas
Hei de vir ao seu serviço

Vem lá das dez par'ás onze
Que meu pai esteja dormindo

A hora certa que dava
Girinaldo que chegava.

—Quem é esse cavalheiro
Que as portas está abrindo
—E', senhora, Girinaldo
Que é chegado ao serviço
—Dá de mão a essa porta
E vem deitar-te comigo

El-rei que bem os ouvira
Logo da cama descera
De sapatinho calçado
A muitas portas batera

Foi ao quarto da princeza
Viu Girinaldo e a filha
De rosto com rosto unido
Como mulher e marido

«Eu se mato, Girinaldo,
Girinaldo é meu amigo,
Eu se mato la Infanta
Fica o reinado perdido,
Ahi fica o meu punhal
Entre um e outro mettido

—Acorda, meu Girinaldo,
O nosso somno é sabido
Vê o punhal de meu pai
Entre um e outro mettido

Girinaldo qu'isto ouviu
Ficou mui desmorecido

—Não te aflijas, Girinaldo,
Não sejas desmorecido
Vai-te aos pés do meu pai
E chora de arrependido
O meu pai não é tão mau
Que te não case comigo.

—D'onde vens, ó Girinaldo,
D'onde vens espavorido?
—Aos vossos pés, meu senhor
Venho buscar o castigo

—Nunca pensei, Girinaldo,
Que fosses tão atrevido
Inda hontem meu vassallo
Já hoje meu genro q'rido.

—Eu sou um vassallo vosso
Mas de linhagens reais
Sou filho do rei de Hespanha
Neto do rei de Cascais
Sobrinho do Padre Santo,
Que quereis que eu seja mais?

—Se és filho do rei de Hespanha
Neto do rei de Cascais
Sobrinho do Padre Santo
Agora te quero mais. (3)

V

A ENCANTADA

Indo um cavalleiro á caça
A' caça da altanaria
Foi de tarde descançar
Nuns matos da Berberia

Viu uma linda donzella
Um loureiro a encobria.

Que fazeis aqui, senhora,
Que fazeis aqui, menina?

—Sete fadas me fadaram
Lá no collo de uma tia
Se te prezas, cavalleiro,
Leva-me por companhia

Cavalleiro que isto ouvia
No cavallo a montaria

Então viu-lh'elle um punhal
Ella lh'o esconderia.

Indo no meio do caminho
D'amor elle fallaria

—O que queres, cavalleiro,
De uma moura da Turquia
Filha qu'rida d'um califa
Natural de Berberia?
Fadada como me ves
Grão loucura tu farias
Sete fadas me fadaram
La no collo de uma tia
De eu estar aqui sete annos
Sete annos e mais um dia
Sete annos são acabados
Mas não acabou o dia
Os fados das sete fadas
Nisto se resumiriam.
«O caminho que eu andasse
A mato se tornasse
A fonte onde eu bebesse
Logo ella se seccasse
Homem com quem eu fallasse
Logo em mouro se tornasse
O cavallo onde eu montasse
Elle logo arrebentasse»

—O' menina que falais
Largai a minha companhia

O cavallo fez parar
E a menina se descia

Indo lá mais adiante
A menina se sorria
Se o cavallo bem andava
A menina mais se ria

—De que se ri, ó senhora,
De que se ri, ó menina?
—Rio-me d'esse cavalleiro
E da sua cobardia
De achar meninas nos mattos
E lhes guardar cortezia.

Cavalleiro que voltava
Ella logo lhe diria

—Não voltes, ó cavalleiro
Segue a tua correria
Se tens punhal de prata
Eu um d'ouro te daria
Que na casa de meu pai
Bate-se ouro todo o dia
Sou filha do rei de França
Netta do rei de Castilha

—Ái, triste de mim, coitado!
Grande mal eu não faria
Ella é minha irmã
Eu d'amores a accommettia. (4)

VI

D. SILVANA

Estando dona Silvana
No seu corredor um dia
Veiu seu pai d'uma caçada
D'amores a perseguia

—Bem podias tu, Slivana,
Bem podias, filha minha,
Dormir comigo uma noite
E brincar comigo um dia.

– Eu dormir, sim dormiria
Eu brincar, sim brincaria
Mas as penas do inferno
Meu pai, quem as passaria

—Deixa, filha, lo inferno
Que isso é uma fantasia
Inda penas mais custosas
As passo eu em todo o dia

A mãi que os estava ouvindo
A' filha perguntaria:
—São amores de meu pai
D'amores me perseguia.

—Deixa la, filha Silvana,
Eu remedio te daria

Veste tu os meus vestidos
Que eu os teus vestiria
Assoma-te ao meu espelho
Que eu ao teu me assomaria
Deita-te na minha cama
Que eu na tua me deitaria.

Já junto da meia noite
Seu pai la perseguia
Dormindo com a mulher
Crendo que a filha seria.

—Se eu soubesse, Silvana,
Que estavas tão corrompida
Oh! las penas do inferno
Por ti las não passaria

—Esta não é a Silvana,
E sim a mãe que a paria
Silvana não está aqui
Que seu pai a perseguia

— Cala-te, dona Silvana
Cala-te, maldiçoada
Metter-te-ei n'uma torre
E deixar-te ali cerrada.

Lá de manhã muito cedo
N'uma torre a metteria
Dava-lhe comer ás onças
E agua n'unca a bebia.

Ao cabo de sete annos
Eis a torre que se abria

Subiu a uma varanda
Das mais altas que haveria
Viu lá estar o seu irmão
Bolas doiro jogaria

—Oh meu irmão, meu irmão,
Irmão querido da minh'alma!
P'lo amor de Deus lhe peço
E pela hostia consagrada
Que me dê um jarro de agua,
Ou de fome ou de sêde
Já se m'arranca a minh'alma:
Ha sete annos estou nesta torre
Aqui mettida e fechada
Comendo comer por onças
E agua só a salgada.

—Como hei de te dar agua
Mana qu'rida da minh'alma
Se o mau do nosso pai
Té a agua traz fechada.

E Silvana o que soffria?!
Chorar de noite e de dia
Não podia já viver
No meio d'aquella agonia

Subiu a outra varanda
Das mais altas que haveria
Viu lá estar sua irmã
Seus cabellos trançaria.

Oh minha irmã, minh'irmã,
Irmã qu'rida da minh'alma!

P'lo amor de Deus lhe peço
E p'la hostia consagrada
Que me dê um jarro de agua;
Ou de fome ou de sede
Já se m'arranca a minh'alma:
Ha sete annos estou nesta torre
Aqui mettida e fechada
Comendo o comer por onças
E agua só a salgada.

Tira-te d'ahi, Silvana,
Tira-te perra judia,
Por que não fizeste tu
O que teu pai pedia?

E Silvana o que soffria?
Chorar de noite e de dia
Não podia já viver
No meio d'aquella agonia.

Subiu a outra varanda
Das mais altas que haveria
Viu lá estar sua mãi
N'uma cama entrevada.

Oh minha mãi, minha mãi,
Mãi qu'rida da minh'alma
P'lo amor de Deus lhe peço
E p'la hostia consagrada
Que me dê um jarro d'agua;
Ou de fome ou de sede
Já se m'arranca a minh'alma
Ha sete annos estou n'esta torre
Aqui mettida e fechada
Comendo o comer por onças
E agua só a salgada.

—Como queres te dê agua
Filha qu'rida da minh'alma
Se o maldito do teu pai
A agua me traz fechada?

E Silvana o que soffria
Chorar de noite e de dia
Não podia já viver
No meio d'aquella agonia

Subiu a outra varanda
Das mais altas que haveria
Viu estar seu pai sentado
Jogos elle jogaria.

Oh meu pai, meu qu'rido pai,
Pai qu'rido da minha alma!
P'lo amor de Deus lhe peço
E p'la hostia consagrada
Que me dê um jarro de agua;
Ou de fome ou de sede
Já se m'arranca a minh'alma
Ha sete annos estou n'esta torre
Aqui mettida e fechada
Comendo o comer por onças
E agua só a salgada
Deste dia por diante
Serei vossa namorada.

Alto lá, ó meus criados,
Todos já ao meu mandado
Vão levar agua a Silvana
Como vos tenho ordenado
Não por pucaro de lata
Nem tão pouco de latão

E sim por um jarro d'ouro
Que refresca o coração
O que lá chegar primeiro
O armarei cavalleiro
O que á ultima chegar
A forca o ha de esperar

Cavalleiro que chegava
Silvana que era faltada

—Como quer que lhe dê agua
Se ella está amortalhada?

A' cabeça se lhe achava
Uma fonte d'agua clara
A cera que a allumiava
Não tinha pau nem fio
Os anjos que acompanhavam
Passavam mais de mil

. . . .

—Silvana, minha Silvana
Filha minha, muito amada
Tu bem ganhaste lo ceu
E eu perdi a minha alma. (5)

VII

O BERNAL-FRANCEZ

Oh quem bate á minha porta
A's horas do meu dormir!
Ai se é Bernal-Francez!
A porta lhe vou abrir
Se outro é o cavalleiro
Já se póde despedir

—E' Bernal-Francez, senhora,
A porta lhe vinde abrir.

Ao descer a minha escada
Me caíu o meu chapim
No portal da minha porta
Apagou-se m'o candil
Peguei nelle nos meus braços
Levei-o para o jardim
Fiz-lhe uma cama de rosas
Deitei-o ao pé de mim
Meia noite era dada
Sem dar aviso de si.

—Que é isto Bernal-Francez
O que é isto agora aqui?
Meia noite é já dada
Sem te voltares pr'a mim?
Se tens medo dos meus filhos
Elles não veem por aqui.

—Não me temo dos teus filhos
Que elles filhos são de mim.

—Se tens medo dos criados
Elles não estão por aqui.

—Não me temo dos criados
Que me querem mais que a ti

—Se tens medo da minha mãi
Ella não vem por aqui
—Não me temo de tua mãi
Que ella sogra é de mim.

—Se tens medo do meu pai
Elle não vem por aqui
—Não me temo de teu pai
Que elle sogro é de mim.

—Se tens medo da Justiça
Ella não vem por aqui
—Não me temo da justiça
Inda agora de lá vim.

—Se temes os negros muros
Eu os vou tirar d'ali
—Não receio d'esses muros
Inda ha pouco ali os vi.

—Damas tens talvez em França
Que dissessem mal de mim?
—Não tenho damas em França
Que dissessem mal de ti.

—Se temes o meu marido
Ella está lá no Brazil
Estocadas lá o matem
Que elle não torne cá vir.
—Estocadas não o matam
Que elle está ao par de ti.

—Perdoa-me, meu marido,
Tudo isto é somno em mim.
—Seja somno ou não seja
Não has de passar assim

Deixa vir a madrugada
Vestirás de carmezim.

Inda a manhã não rompia
Nem o sol inda raiava
Na capella do Argil
Sería ella sepultada.

—Donde vindes cavalleiro
Donde vindes da noitada
— Venho ver os meus amores
Visitar a minha amada

—Tua amada está já morta
Morta que bem na vi
As facadas que dei n'ella
Deveria dar em ti
Volta atraz cavalleiro
Volta já d'essa iornada
Na capella do Argil
Lá jaz ella sepultada
A tumba em que está mettida
E' de flores de alecrim
A mortalha que ella veste
E' de ganga-carmezim.

P'ra capella do Argil
Atraz elle voltaria
Chega ao pé da sepultura
D'esta sorte falaria;

Abre-te, ó sepultura,
Abre-te, agora aqui
Quero ver a minh'amada
Quero vel-a ao pé de mim.

—Vai-te já, Bernal Francez
Vai-te embora, vida minha
Uma coisa vou pedir-te

P'lo muito amôr que te tenho
Se chegares a casar
Busca Anna como a mim
Quando por ella chamares
Te recordares de mim
Se chegares a ter filhos
Põe-lhes Marcos e Matheus
Quando por elles bradares
Te recordares dos meus.
Se chegares a ter filhas
Tral-as sempre ao pé de ti
P'ra não morrerem p'los homens
Como me succedeu a mim.
Os braços que te abraçavam
Já na terra os envolvi
Os olhos com que te olhava
Já não dão a luz a mim.
A boca que te beijava
Já de terra a enchi
Vive tu, meu qu'rido amôr
Vive tu que eu já vivi. (6)

VIII

DOM NINO OU DOM NILLO

Estava o conde Dom Nino
Numa noite de Natal
Dando agua ao seu cavallo
La sobre as ribas dél mar
O cavallo que bebia
Elle se poz a cantar
E El-Rei que bem ouvia
Se poz logo a escutar.

—Acorda já, filha minha,
Se queres ouvir cantar
Ou são os anjos lá do ceu
Ou serenas cá do mar

—Não são os anjos do ceu
Nem as serenas do mar
E' sim o conde Dom Nino
Que comigo quer casar.

—Se é Dom Nino, minha filha
Eu o mandarei matar.

—Se lo quer mandar matar
Mande-me já degolar
Um que se enterre no adro
O outro ao pé do altar.

Tres annos eram passados
N'igreja o mesmo cantar
O cantar que El-rei ouvira
Lá sobre as ribas del mar.
D'ella nasceu uma rosa
Do outro um canavial

E as cannas tanto cresceram
Que em arco se iam cruzar
Manda El-rei cortar as cannas
Mais as rosas do altar.

Tres annos eram passados
Na egreja o mesmo cantar
O cantar que El-rei ouvira
Lá sobre as ribas del mar.
D'ella nasceu uma pomba
D'elle um pomho a rolar
Mas El-rei d'enraivecido
Laços lhes mandou armar
Voavam azas com azas
Para no ar se abraçar.
Voavam bico com bico
Para no ar se beijar
Padre Santo que isto ouviu
Mandou-os logo juntar
Levou-os p'r'o seu palacio
P'r'o seu palacio real.

Tres annos eram passados
Na egreja o mesmo cantar
O cantar que El-rei ouvira
La sobre as ribas del mar.

O pombo e pomba voaram
E ao ceu foram parar. (7)

IX

DOM ALEIXO

Na cidade de Madrid
Entre los grandes vivia
Nobre e bello cavalleiro
Que era a flor da fidalguia
Dom Aleixo lhe chamavam
Dom Aleixo se dizia
Secretario era de El-rei
E El-rei mui bem lhe queria
De amores elle tratava
Com dama de alta valia
Camareira Mor d'El-rei
Chamada Dona Maria
De dia andava-lhe á porta
E de noite a perseguia.

—Tres cousas te peço Aleixo
Que á tua honra pretendia
Primeira que venhas tarde
E quando a gente dormia
Segunda que venhas só
Sem nenhuma companhia
Terceira que tragas armas
Como é uso e cortezia.

D. Aleixo de contente
Pelas calhas não cabia
Foi-se deitar ao sol posto
O que dantes não fazia
Meia noite que era em ponto
Dom Aleixo que se erguia
Perguntou-lh'então o pagem
Se elle queria companhia.

—Eu não quero companhia
Nem d'ella precisaria
O punhal de ouro que levo
Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima
Dom Aleixo se partia
Encontrou um penitente
Que mui de perto o vigia
—Diz se és alma penada
Pelas ruas da agonia
Que se vens buscar conforto
Conforto eu te daria.

—Eu não sou penitente
Nem faço penitencia
Sou o anjo da tua guarda
Só assim te avisaria
Não te vas por esta noite
Visitar Dona Maria
Estão lá sete ladrões
Contra a tua bizarria.

Jurei ao senhor d'Arcello
Que p'ra traz não voltaria
Um punhal de ouro que levo
Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima
Dom Aleixo que partia
Mas a pedra era tanta
Que na calha não cabia.

Alto la com essas pedras
Estilo de vilania
O puchar pelas espadas
E' sinal de fidalguia
Se por ventura as não teem
Eu a minha prestaria

Um punhal de ouro que levo
Meu peito defenderia.

Calha abaixo, calha acima
Dom Aleixo que partia
Mas as pedras eram tantas
Dom Aleixo que caía
E os gritos eram tais
Que acudiu Dona Maria.

Que é isto na minha rua
Oh que mortes haveria
Quem te matou, Dom Aleixo,
Quem matar-te mandaria.

Mandaste-lo vós, senhora,
Com traição e covardia
Não se me dá de morrer
Que vida assim mal servia
Bem certo dizer é esse
Que desde infante eu ouvia
Perde quem anda de noite
Ganha quem anda de dia
Perde quem tem seus amores
Quando em donzellas se fia
Se d'ellas não me fiara
Tão cedo não morreria. (8)

X

DOM BRUNO

Quem me dera ir agora
A' hortinha de Mouvadre
Só p'ra estar na companhia
Da minha querida madre

—Vai-te, vai-te, dona Auzenda,
P'ra hortinha de Mouvadre
Dar-te-ei mula de gosto
E chapeu que te resguarde.

—Quando Dom Bruno vier
Quem-n'o irá abraçar,
Quem lhe ha de pôr a meza
A meza para o jantar?

—Vai-te, vai-te, dona Auzenda,
P'ra hortinha de Mouvadre
E quando vier dom Bruno
Eu o irei abraçar
E logo lhe ponho a meza
A meza para o jantar.

Dona Auzenda que partia
Dom Bruno que era chegado.

Onde estará dona Auzenda
Que me não vem abraçar
Nem me vem já pôr a meza
A meza para o jantar?
Fora da terra estará
Ou na cama muito mal.

—Dona Auzenda de pejada
Foi p'ra casa de sua madre

O que ella de mim fallou
Antes de uma hora pague
Tu que eras filho d'um principe
Eu filha de um triste frade
E uma irmã que ainda tens
Filha era de um abbade.

Cala-te lá minha mãe
Nada mais a delatar
Ponho-me já a caminho
E na cama a vou matar.

Indo lá a meio caminho
Caminheiro a saudar

Alviçaras, ó meu dom Bruno,
Alviçaras me ha de dar
Já lá tem um filho Infante
Que Deus ajude a criar
—Nem o infante se crie
Nem Deus ajude a criar
Nem a mãe que lo pariu
Uma hora ha de durar.

Indo lá mais adiante
Um cunhado a saudar

—Alviçaras, ó meu dom Bruno,
Alviçaras me has de dar
Já lá tens um filho Infante
Que Deus ajude a criar
—Nem o infante se crie
Nem Deus ajude a criar
Nem a mãi que lo pariu
Meia hora ha de durar.

Indo lá mais adiante
Um cunhado a saudar

—Alviçaras, ó meu dom Bruno,
Alviçaras me has de dar
Já lá tens um filho Infante
Que Deus ajude a criar
—Nem o Infante se crie
Nem Deus ajude a criar
Nem a mãi que lo pariu
Quarto de hora ha de durar.

Chegando mais adiante
A casa fôra parar.

—Que é feito de Dona Auzenda
P'ra comigo caminhar?

—Deus te salve, ó meu dom Bruno,
Veiu a sogra a lo saudar
Deus te deu um filho Infante
Filho Infante p'ra reinar.

—O filho que Deus me deu
Elle não chegue a reinar
Su madre que lo pariu
Minutos ha de durar.
—O que tens, ó meu dom Bruno,
Que mil paixões nos vens dar
—Venho buscar dona Auzenda
P'ro meu palacio real.

—Parida d'uma só hora
Não poderá caminhar
—Meia hora que ella fôra
Não havia d'aqui ficar.

Auzenda se levantou
No cavallo se montara
Logo dom Bruno p'la mão
Na anca a fe-la sentar.

O sangue tanto corria
Que o cavallo e chão cobria

Indo lá mais adiante
Auzenda não podia estar.

—Abaixo, ó meu dom Bruno,
Confissão me queiras dar
A alma deste meu corpo
Sinto-a já separar
—Anda lá mais p'ra diante
Confissão te quero dar.

Indo lá mais adiante
Auzenda não podia estar.

Abaixo, ó meu dom Bruno,
Confissão me queiras dar
A alma deste meu corpo
Sinto-a já separar
—Anda lá mais p'ra diante
Confissão te quero dar.

Indo lá mais adiante
Auzenda não podia estar

—Abaixo, ó meu dom Bruno,
Confissão me queiras dar
A alma deste meu corpo
Sinto-a já separar
—Anda la p'r'aquelle valle
Confissão te quero dar.

Quando ao valle elle a chegar
Dona Auzenda a expirar.

—Mal o haja a tua mãi
Que te deixou levantar

—Mal haja a tua, dom Bruno,
Que mal me quiz intrigar
Cá te fica filho Infante
Cá o darás a criar
Não o dês a tua mãi
Que jura de m'o matar
Da-o cá antes á minha
Que o dará á criar.

Acabando de falar
Acabava d'expirar.

Com a ponta da sua espada
Uma cova lhe abriria
As lagrimas dos seus olhos
Os torrões abrandariam

Mal haja quem se confia
Em palavras de sú madre
Aqui matei dona Auzenda
Por dolo, sem piedade. (9)

XI

D. SILVANA

Ergueu-se dona Silvana
Uma vez do seu jantar
Com a viola no braço
Par'o jardim foi tocar.

Que tendes, dona Silvana,
Que tendes, ó filha minha?
—Raparigas dos meus annos
São casadas, têm familia
Eu que sou a mais formosa
Par'um canto ficaria.

Casa-te, dona Silvana,
Casa-te, ó filha minha
—Não tenho com quem me case
Nem pessoa igual á minha
Só se fôr o conde Alberto...
Elle se descasaria.

Eu lo mandarei chamar
Ao meu palacio em um dia
—Mandaria já chamal-o
Da sua parte e da minha.

Alto, alto, ó meus criados,
Todos já ao meu mandado
Vão chamar o conde Alberto
Ao meu palacio real.

Anda cá, ó conde Alberto,
El-rei te manda chamar
Que vas já ao seu palacio
Ao seu palacio real.

—Inda agora eu vim da côrte...
El-rei me manda chamar?!
Será para me dar tensa
Ou p'ra me mandar matar?!

—Aqui estou, ó Vossa Alteza,
—Venha cá a senhoria
Quero mates a condessa
E cases com minha filha.

—Eu a condessa não mato
Ella a morte não mer'cia
—Mata, conde, a condessa
Não uses de mais porfia.

—Eu a condessa não mato
Ella a morte não mer'cia
Mando-a p'ra seu pai
E nunca mais me veria
—Mata, conde, a condessa
Não uses de mais porfia.

—Eu a condessa não mato
Ella a morte não mer'cia
Mando-a par'um convento
E nunca mais me veria
—Mata, conde, a condessa
Não uses de mais porfia.

—Eu a condessa não matto
Ella a morte não mer'cia
Mando-a par'umas brenhas
Manjar dos bichos seria
—Mata, conde, a condessa,
Não uses de mais porfia
E d'ella traze a cabeça
Nesta dourada bacia.

Volta o conde p'ra palacio
Par'o palacio voltaria
Portas e janellas fechara
Cousa que nunca fazia
Manda vestir os criados
De luto á maravilha
Manda pôr a sua meza
Só p'ra fingir que comia
Com lagrimas dos seus olhos
Todos los pratos enchia
Os suspiros que elle dava
Em o palacio se ouviam
Desceu a condessa abaixo
Que ella de nada sabia.

—Que tendes, ó conde Alberto,
Que tendes, ó vida minha?
Conta-me as tuas paixões
Como contas as alegrias.

—Eu as paixões que tenho
Na cama te as contaria

Pegando-lhe pela mão
P'rá'sua cama a levaria
As lagrimas dos seus olhos
P'la cama correriam
E os suspiros que elle dava
Em o palacio se ouviam.

Que tendes, ó conde Alberto,
Que tendes, ó vida minha,
Conta-me as tuas paixões
Como contas as alegrias.

—Eu as paixões que tenho
No jardim te as contaria.

Pegando-lhe pela mão
Ao jardim a leveria
As lagrimas dos seus olhos
Pegos no jardim fariam
Os suspiros que elle dava
Em todo o jardim se ouviam.

Que tendes, ó conde Alberto,
Que tendes, ó vida minha,
Conta-me as tuas lagrimas
Por Deus e Santa Maria.

As tristezas que elle tinha
Encobril-as não podia
—Manda-me El-rei que te mate
P'ra casar com sua filha.

Cala-te, ó conde Alberto,
Que remedio te daria
Vou p'ra casa de meu pai
Que elle me acceitaria.
—Isso mesmo lhe disse eu
Elle só me respondia
Quero ver-lhe a cabeça
Numa dourada bacia.

—Não disseste que um convento
Mui bem me albergaria
E mettida numa cella
P'ra sempre lá ficaria?
—Isso mesmo lhe disse eu
Elle só me respondia
Quero ver-lhe a cabeça
Numa dourada bacia.

—Não disseste numas brenhas
Eu de todo ficaria
Entre os bichos e mais feras
Alli mesmo morreria?

—Isso mesmo lhe disse eu
Elle só me respondia
Quero ver-lhe a cabeça
Numa dourada bacia.

Palavras não eram ditas
Sino da Sé tocaria.

Ai Jesus, ai! quem morreu
Ai Jesus! quem morreria.

Já morreu El-rei, o pai
Tambem Silvana su filha
Apartar qu'riam casais
Coisa que Deus não qu'ria.

XII

DONA IRIA

2.ª LIÇÃO

Caminhando dona Iria
P'lo seu corredor acima
Tocando a sua guitarra
Muito triste em demasia
O seu pai la encontrou
Desta sorte lhe falaria

—O que tendes, dona Iria,
O que tendes, filha minha?
—Muito triste estou, meu pai,
De nada me alegraria
Outras de menor idade
Teem casa e seu marido
E só eu, real senhor,
Solteira e abborrecida.

—E quem queres tu, ó filha,
P'ra tua companhia?
—Só o bello conde Alberto
De amores me perseguia,

—Não te afflijas, filha minha,
E enche-te de alegria
Eu mandal-o vou chamar
P'ra jantar comnosco um dia.

—Que me diz, real senhor,
Que me dá tanta alegria?
Se fosse vontade minha
Hoje mesmo o chamaria.

—Alto, alto, meus criados,
Todos já ao meu mandado

A chamar o conde Alberto
Conde Alberto, o meu amado.

Conde Alberto teve a nova
Começou-se a assustar;
Haverá alguma guerra
Ou será p'ra lá jantar?

El-rei apenas o viu
Lhe falou em tom amigo
Hoje és apenas meu servo
Amanhã meu genro qu'rido.

—Real Senhor, esquecestes
Ou estais acaso dormindo
Conde Alberto é casado
E tem um tenro filhinho.

Conde, mata tua mulher
Casarás com dona Iria
E faze isto que te digo
Antes d'uma Ave Maria.

— Como quereis que eu a mate
Se ella a morte não mer'cia?
—Faze conde o que te digo
Não uses de mais porfia
Traze aqui a sua cabeça
Antes d'uma Ave Maria.

—Mando-a par'o seu pai
Como solteira estaria
— Faze, conde, o que te digo
Não uses de mais porfia
Traze aqui a sua cabeça
Antes de uma Ave Maria.

—Mando-a par'umas brenhas
Ella por lá morreria

— Faze, conde, o que te digo
Não uses de mais porfia
Traze aqui a sua cabeça
Antes de uma Ave Maria.

— Mando-a par'um convento
Nunca mais de la saía
— Faze, conde, o que te digo
Não uses de mais porfia
Traze aqui a sua cabeça
N'esta dourada bacia.

Conde Alberto foi p'ra casa
Em muito grand'agonia
Mandou fechar suas portas
Cousa que nunca fazia
Mandou vestir suas aias
Com maior luto que havia.

A condessa que isto viu
D'esta sorte lhe dizia

— O que tendes, conde Alberto,
O que tendes, vida minha,
Conta-me as tuas paixões
Como contas as alegrias?

— As minhas paixões, senhora,
Não são p'ra já vos contar
— Conde, conta las paixões
Para d'ellas te aliviar.

— Manda prestes pôr a meza
Então te as hei de contar.

Sentaram-se á mesma meza
Nem um nem outro comiam
As lagrimas eram tantas
Que os pratos d'ellas enchiam.

—Conde, conta las paixões
P'ra d'ellas te aliviar
— As minhas paixôes, senhora,
Não são p'ra já vos contar.

As palavras não eram ditas
A' sua porta se batia
Era o escudeiro do rei
Que desta sorte dizia:

—Lá manda dizer el-rei
Não uses de mais porfia
Que lhe mandes a cabeça
Nesta dourada bacia.

Grande foi a sua tristeza
Quando ella aquillo ouvia
Aperta o filhinho ao peito
Desta sorte falaria.

—Manda-me par'o meu pai
E solteira ficaria
— Isso mesmo disse ao rei
E respondeu que não qu'ria.

—Manda-me par'umas brenhas
O bicho me comeria
— Isso mesmo disse ao rei
E respondeu que não qu'ria.

—Manda-me par'um convento
De lá nunca te veria
— Isso mesmo disse ao rei
E respondeu que não qu'ria.

—Da-me cá aquelle tinteiro
Mais aquella escrivaninha
Quero escrever a meu pai
As desgraças d'esta filha.

Mama, filho, mama, filho
Este leite d'agonia
Logo tens uma madrasta
Da mais alta senhoria.

Palavras não eram ditas
Sino da Sé dobraria
A condessa commovida
Desta sorte falaria:

—Quem será o que morreu
Quem será que morreria?
E uma voz vinda do ceu,
E que ella bem ouviria:
Não lastimes, ó condessa,
Não vivas com agonia
Que morreu el-rei, o pai
E tambem a filha Iria
Queriam apartar casais
Cousa que Deus não qu'ria.

Anda cá, ó conde Alberto,
Anda cá, ó vida minha,
Não perdôu a morte ao rei
Nem tão pouco á filh'Iria
Perdôu ao meu qu'rido conde.
Pelo muito que me qu'ria. ([10])

XIII

DONA GALAÇUA

Estando Dona Galaçua
No seu jardim a brincar
Passou por ali dom Carlos
Dom Carlos de Montealbar.

—Oh que linda formosura
P'ra comigo ir brincar
—Brincaria sim, senhor,
Se vos não fosseis gabar.

—Tenho feito juramento
Lá nas folhas do missal
Menina com quem dormisse
De eu a não ir difamar.

Dom Carlos d'ali saiu
Ao jogo se foi gabar
Brinquei com uma menina
No mundo não ha egual.

Dois que estavam mesmo ao pé
Se puzeram a pensar
Quem será quem não será
Talvez Dona Galaçua
Filha de sangue real.

Um primo que estava ali
Logo se poz a falar:
Cala-te, ó amigo meu,
Ao meu tio hei de contar.

—Venha cá senhor meu tio
Uma nova lhe vou dar

Estava dona Galaçua
No jardim posta a brincar
Com um moço ainda novo
Dom Carlos de Montealbar.

—Cala-te, sobrinho meu,
Que eu a mandarei matar
Se tivera lenha agora
Hoje a mandava queimar.

Galaçua que isto ouviu
Logo se poz a chorar
«Ai quem levara uma carta
A Dom Carlos Montealbar!»

Um anjo do ceu falou:
«Escreve que a vou levar.»

—Vai-me levar esta carta
A Carlos de Montealbar
Se elle estiver jantando
Não o deixes acabar
Se elle estiver dormindo
Manda-o logo acordar
E se estiver passeando
Vai-lhe logo a falar.

Em tão boa hora foi
Que elle andava a passear.

—Cartas lhe trago, senhor,
Cartas de muito pesar
A menina Galaçua
Amanhã a vão queimar.

Ala, ala, meus criados,
Meus cavallos vão ferrar
Com ferraduras de bronze
Que não se hájam d'estragar

Jornada de quinze dias
N'uma noite se hade andar.

Elle foi-se a um barbeiro
A c'roa mandou rapar
Logo foi-se a um convento
Um habito foi comprar
Vestiu-se em trajos de frade
E se poz a caminhar.

—Que é isto? quem vai ahi?
Mourinha a confessar!
—E' uma infeliz menina
Que seu pai manda queimar.

—Arreda, justiça, arreda
Que mando eu desarredar
A menina que ahi vai
Inda vai por confessar.

—Confesse-a, senhor padre,
Emquanto vamos jantar
A confissão de quem morre
Tempo deve demorar.

— Diga lá a confissão
Faça o seu «pelo signal»
Em seguida á confissão
Logo um beijo me hade dar.

—Eu fiz trinta juramentos
Lá nas folhas do missal
Onde Carlos poz a boca
Outro não ha de beijar.

—Diga lá a confissão
Faça o seu «pelo signal»
Lá no meio da confissão
Um abraço me ha de dar.

—Eu fiz trinta juramentos
Lá nas folhas do missal
Onde Carlos poz os braços
Outro não ha de abraçar.

—Diga lá a confissão
Faça o seu «pelo signal»
Lá no fim da confissão
A sua mão me ha de dar.
Trapos de frade eu vesti
Para da morte a livrar
Dê já a sua mão de prata
A Carlos de Montealabr.

Tomou-a logo nos braços
Puzeram-se a caminhar.

—Senhor frade, deixe a moça,
Que seu pai manda matar
—Vão dizer agora ao pai
Que a venha d'aqui tirar.

XIV

CARLOS DE MONTEALBAR

2.ª LIÇÃO

— Minha mãi, tenh'uma aposta
De perder ou de ganhar:
Enganar dona Maria
Filha do conde real.

— Não apostes, ó meu filho,
Tu a não has de ganhar
Dona Maria é honesta
Tu a não has de enganar.

Já se veste de donzella
Pela rua a passear
— Que donzella é aquella
Qu'alem anda a passear?

— Sou donzella, ó senhora,
Venho lá do meu tear
Tenho de urdir uma têa
Fiado eu venho buscar.

— Fiado tenho donzella
Mas ainda por dobar
— Pois vá dobal-o a senhora
Ou o mande já dobar
Donzellas a estas horas
P'la rua parece mal.

— Cala-te lá, ó donzella,
Em palacio dormirás
— Hav'rá la algum mancebo
Que de mim queira zombar
— Cala-te, ó donzella,
Que comigo dormirás.

Lá pela noite adiante
Dona Maria quiz gritar
— Cala-te dona Maria
Não te quero difamar
Qu'eu sou mocito solteiro
E comtigo hei de casar.

— Eu te peço, ó cavalleiro,
Que não te vás a gabar
— Pela cruz da minha espada
Eu me atrevo a jurar.

Na manhã do outro dia
P'ra praça se foi gabar:
Dormi com dona Maria
Filha do conde real.

Los hermanos que isto ouviram
A seu pae foram contar
— Hoje mando buscar lenha
Amanhã vai a queimar.

Dona Maria que ouviu
P'ra varanda foi chorar
«Ai quem me dera um creado
Que meu pão fosse ganhar
Levando uma carta minha
Ao conde de Montealbar».

Anjo do ceu lh'appar'ceu
Logo se poz a falar:

— Escreva, senhora, a carta
Que eu já a irei levar
Mas escreva-a depressa
Que eu não posso demorar.

—Novas te trago, Dom Carlos,
Novas de muito pezar

Que a tua dona Maria
Amanhã a vão queimar.

— Não se me dá que a queimem
Nem que a tornem a queimar
Dá-se-me da formosura
Que a terra vai gastar.

Alto, alto, meus criados
Meus cavallos vão ferrar
Com ferraduras de bronze
P'ra melhor aguentar
Jornada de quinze dias
Numa noite s'ha d'andar.

La no andar do caminho
A Justiça a encontrar.

—Arredai-vos, ó justiça,
Tratai de vos arredar
Essa menina qu'hi vai
Eu a quero confessar.

—Confessai-a, meu fradinho,
Emquanto vamos jantar.
—Lá no meio da confissão
Um beijinho lhe quiz dar.

Alto, alto, ó senhor frade,
Não se queira adiantar
Onde D. Carlos beijou
Outro não ha de beijar.

Dom Carlos sou eu, menina,
Dom Carlos de Montealbar
Eu servi-me destes habitos
P'ra da morte vos livrar.
Agora venha comigo
Seu pai que a venha buscar
Entrámos p'la porta trazeira
Saimos p'la principal.

XV

VALDEVINOS

Debaixo da flôr da murta
Corre um cano de agua clara
A mulher que d'ella bebe
Logo se sente pejada
Bebeu d'ella Dona Auzenda
Em má hora, desgraçada.

Ao cabo de nove mezes
O seu pai bem a mirava
Dona Auzenda, filha minha,
Dona Auzenda, estás pejada,
— Não, senhor, meu pai, não estou;
E' a saia mal talhada.

Mandou chamar alfaiates
Da sua profissão mais alta
Estas saias, meu senhor,
Não nos revelam ter falta.

Mandou chamar a parteira
A melhor examinada
—Se esta saia não tem falta
Dona Auzenda está pejada.

—Recolhe-te, Dona Auzenda,
Recolhe-te á tua sala
Nunca mais tu m'apparecerás
Com saia tão mal talhada.

Retirou-se dona Auzenda
Muito triste e magoada
Indo já no meio da escada
Dôr de parto que apertava.

Chegou a uma ventana
Para ver quem passeava
Passeava Valdevinos
Valdevinos passeava.

Acode-me ó Valdevinos
Com as abas da tua capa
Leva já esta criança
Que a ama será bem paga.

Valdevinos que descia
Com seu tio se encontrava
— Dize-me, ó Valdevinos,
O que levas sob a capa
—Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada
— Da-me uma, dá-me duas
Deixa ver se estão coalhadas
—Não posso, senhor, meu tio
Que ellas vão aqui contadas.

Ao dizer estas palavras
O anjinho que chorava.

Valdevinos, Valdevinos,
Desgraça da minha casa
Se não fôras meu sobrinho
Aqui mesmo te matara

Dona Auzenda, tua prima
Amanhã vai ser queimada.

—Não se me dá que me matem
Nem que ella seja queimada
Dá-se-me desta innocente
Que me fica desgraçada.

—Eu se mato Dona Auzenda
E' minha filha adorada
Eu se mato Valdevinos
Ella fica deshonrada
Casal-os-ei um com outro
N'esta hora aventurada. (11)

XVI

O CATIVO

O meu pai era d'Hamburgo
Minha mãe d'Hamburgo era
Os mouros me cativaram
Numa linda caravella
Não houve mouro nem moura
Que por mim dinheiro dera
Um vil judio e mui perro
Então camprar-me quizera.

Leva-me para a sua terra
Num presidio me mettera
De dia pisava esparto
De noite a moer canella
C'uma mordaça na boca
P'ra que não provasse d'ella
Porque se d'ella provara
Tres mil açoites me dera.

Deu-me Deus boa ventura
De encontrar patroa bella
Quando o perro ia á caça
Do presidio me soltava
Dava-me de comer bom grão
Do mesmo o perro manjava
Dava-me de beber bom vinho
O melhor qu'havia em casa.

Tambem ella me dizia
Cristão vai p'ra tua terra.

—Eu sim iria, senhora,
Se la moeda tivera
—Se ficas pela moeda
Mil dobrões te dar quizera

Se ficas pelo cavallo
Uma egoa eu te dera
Cada passo de mil pés
Cada galope uma legoa:
Se ficas pela companha
Ir-me contigo pudera.

Estando nestas razões
Perro judeu que chegava.

— Qu'é isto, filha, qu'é isto,
Que tens teu rosto mudado?
Qu'é isto na nossa casa
Com o christão ao teu lado?

— Diga-me, senhor meu amo
Se de mim tiene aggravo;
S'algum dia o servi mal
Foi por falta de mandado.

— Te digo agora, christão,
Qu'és muito engraçado
Se quizeras ser um turco
Ou um mouro arrenegado
Dera-te a mais linda cara
Que em Argel se ha criado.

— Não me quero fazer turco
E nem mouro arrenegado,
Que tenho em meu branco peito
O senhor cruxificado;
Se essa offensa lh'eu fizesse
Logo era castigado.

— Desce abaixo, Angelina,
Que se vae nosso João
Dize, dize, ó filha minha,
O que te deve o christão?

Se te deve alguma cousa
Elle está na nossa mão.

Deixe-o, pai da minh'alma,
O christão não deve nada;
Se lhe dei a flôr do rôsto
Dei-a por bem empregada.

— Adeus, adeus, Angelina,
Espelho dando meio dia;
Se não fôra a tua lei
De ti não m'apartaria.

— Já lá vai mar em fóra
A flôr do meu coração
Viola, minha viola,
Não mais te terei na mão. (12)

XVII

SANTA IRIA

'Stando eu bordando
Na minha almofada,
Com agulha de ouro
E dedal de prata,
Veiu um cavalleiro
Me pediu pousada.

— Se meu pai lh'a der
'Stá muito bem dada;
Deu-lh'a minha mãi
Muito me pesava.

Lá noite a fora
Elle me pegava,
Na anca do cavallo
Elle me montava.

Findas sete legoas
Elle perguntava:
«Como vos chamavam
Lá na vossa casa?»

— Lá na minha casa
Iria fidalga;
Em terras alheias
Serei «desgraçada».

Elle me pegava
Elle me matava
Entre dois madeiros
Fiquei degolada.

Ao fim de sete annos
Elle ali passava:

A uns pastorinhos
Elle assim falava:

— Dizei, pastorinhos,
Dizei por minh'alma,
Qu'ermida é aquella
Alem levantada?

— E' de Santa Iria
Bemaventurada
Uma santa virgem
Aqui degolada.

— Minha Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Perdoa-m'a morte,
Serei teu romeiro.

— Não perdôo a morte
Cruel carniceiro,
Que me degolaste
Que nem um carneiro.

Faze reverencia
Tira o teu chapeu,
Fica ahi cruel
Que vou para o ceu.

XVIII

SANTA IRIA

OUTRA VERSÃO DE LOULÉ

'Stando Dona Iria
A' porta assentada,
Bordando a fio de ouro
Na sua almofada,
Veiu um cavalleiro
Pedir-lhe pousada.

Se meu pai lh'a der
'Stá muito bem dada,
Se lh'a recusar
Não fico zangada.

Seu pai veiu á noite
Pousada lhe dava
Na sala da casa
Pronto se deitava.

Era meia noite
Se alevantava
Das tres irmans qu'eram
Iria levava.

Caminho andado
Elle perguntava:
Em sua casa, Iria,
O que almoçava?

— Em casa almoçava
Sopinhas de mel,
Meu almoço'aqui
Sopinhas de fel.

Andou sete legoas
Elle perguntava:
Em sua casa, Iria,
O que é que jantava?

— Em casa comia
Carne bem guisada,
Meu jantar aqui
Sardinha salgada.

Andou sete legoas
Elle perguntava:
Em sua casa, Iria,
Como era chamada?

— Lá me chamariam
Iria fidalga,
Cá nestes penedos
Sou «a desgraçada».

Tirou do alfange
E logo a matava
Cobriu-a de ramos
E lá a deixava.

Findos os sete annos
Por ali tornava.

— Pastores dos bosques
Que guardais o gado
Qu'ermida é aquella
Que está naquelle adro?

— E' de Santa Iria
Da santa fidalga,
Qu'ao pé dum penedo
Morreu degolada.

— Minha Santa Iria
Meu amôr primeiro,
Perdoa-m'a morte
Serei teu romeiro.

— Perdoar não quero
Cruel carniceiro,
Que me degolaste
Com'a um carneiro.

— Perdoa-me, Iria,
Em nome do ceu
Serei teu romeiro
Ser romeiro quero.

— Veste-te d'azul
Ped'a Deus d'Arcello
Se Deus perdoar
Perdoar-te quero. ([13])

XIX

A DEVOTA DA ERMIDA

D'onde vindes, mulher minha,
Qual foi a vossa jornada?
— Venho da Virgem da Lapa
Mais forte do que cançada;
Se eu tivesse companhia
Inda hoje lá tornava,
Só p'ra ver a «pastorinha»
Que lá vi tão bem pintada.

— Confessa-te mulher minha
Que a vida tens acabada.

— Quer me mates quer me deixes
Eu já confessar-me qu'ria;
Só te peço, ó marido,
Que me enterres na ermida,
Aos pés da Nossa Senhora,
Aos pés da Virgem Maria.

Occupada de oito mezes
Par'os nove já corria;
Ao cabo de nove mezes
A ermida retinia
Foram ver a sepultura
Menina que era nascida;
Quem a tinha em seus braços
Senhora Santa Catharina
Quem a estava a baptisar
São João, Virgem Maria.

Foram chamar o marido
Logo a morta assim dizia:

— Vê tu, ó marido meu,
Qual a vida em que eu andava;
A maldita da visinha
Continuo me protestava
Que dizer a ti iria
Que lá d'um padre de missa
Eu andava namorada.
Esse tal padre de missa
Era o meu Anjo da Guarda.

— Perdoa-me, ó mulher minha,
Perdoa-me, mulher qu'rida;
— Perdoar-t'eu já não posso:
Tens a tua alma perdida
A minha está na gloria
Dos anjos sou assistida. (14)

XX

A CATIVA

Foram o conde e condessa
Fazer uma romaria
A pedir ao Deus d'Arcello
E mais á Virgem Maria
Que lhes desse filho ou filha
Herdeiro da jerarchia.

O conde como era velho
Depressa adormeceria
Logo uma zebra de mouros
Ali a cativaria
Levaram-na de presente
A' rainha da Turquia.

Permissão do Deus d'Arcello,
E mais da Virgem Maria
A rainha era pejada,
Condessa pejada ia.

Permittiu o Deus d'Arcello
E mais a Virgem Maria
Que parissem á mesma hora
E até no mesmo dia.

A parteira como moura.
Oh que troças não faria!
Deu á rainha o menino
A menina á Christania
Esta embalava a menina
E muito bem lhe dizia:

«S'eu fôra na minha terra,
Filha, te batisaria
La punha-t'os santos oleos

E agua benta da pia,
Chamava-te flôr das flôres
E Rosa de Alexandria;
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que então eu tinha:
Cativaram-na os mouros
Dia de Paschoa Florida.

A rainha que isto ouvira
Logo lhe perguntaria:
Que cantiga essa tão linda
Que cantas a tua filha?
Repete a tua cantiga
Que muito me folgaria,

«Se eu fora na minha terra,
Filha, te batisaria
La punha-t'os santos oleos
E agua benta da pia;
Chamava-te flôr das flôres
E Rosa de Alexandria;
Que assim se chamava d'antes
Uma irmã que então eu tinha
Cativaram-na os mouros
Dia de Paschoa Florida».

—E essa irmã que tu tinhas
Se a visses a conhecias?

Não conhecia, senhora,
Porque eu era pequenina,
Somente se a visse nua
Da cintura para cima
Debaixo do peito esquerdo
Sinal preto ella teria
E tinha o cabello louro
Que a cintura lhe cobria.

—Ai triste de mim coitada
Ai triste de mim mofina!
Mandei comprar uma escrava
Trazem-me uma irmã minha!
Se tu eras minha irmã
Por que é que m'o não dizias?

—Eu não sabia quem eras
Por que te não conhecia,
Quem se vira em Portugal
Terra que Deus bemdizia!

Juntaram grandes riquezas
De ouro e de pedraria
Uma noite abençoada
Fugiram da mouraria
Foram ter á sua terra
Terra de Santa Maria. ([15])

XXI

O CONDE DA ALLEMANHA

Já lá vem a luz da aurora
Ja lá vem o claro dia
Inda o conde da Allemanha
Com a rainha dormia.
Sabia-o a Dona Infanta
Filha da mesma rainha.

— Cala-te lá, minha filha,
Não nos queiras descobrir
Que o conde é muito rico
De ouro te ha de vestir.

— Não quero vestidos de ouro
Nem de seda ou de damasco
Que eu tenho ainda pai vivo
Não me queiram dar padrasto;
As mangas desta camisa
Não as chegue eu a romper
Se meu pai quando chegar
Tudo lhe não fôr dizer.

Estando nestas razões
Seu pai á porta chegava.

— O que é isso, ó filha minha,
Por que estás tão enfadada.

Estava eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Vem o conde da Allemanha
E tres fios me tirou d'ella.

— Deixa lá, ó minha filha,
Que elle é novo e quer brincar

— Mui mal haja esse seu rir
E tambem o seu brincar
Elle me pegou p'la mão
A' cama me quiz levar.

— Cala-te lá, ó minha filha,
Vamos ao nosso jantar
Quando derem duas horas
Eu o mandarei matar.

— Venha cá, ó minha mãi,
Venha á janella terceira.
Ver o conde da Allemanha
Que lá vai na deanteira.
Venha cá, ó minha mãi,
Venha á janella do canto
Ver o conde da Allemanha
Todo vestido de branco.
Venha cá, ó minha mãi,
A' janellinha do poço
Ver o conde da Allemanha
Com uma corda ao pescoço.
Venha cá, ó minha mãi,
A' janellinha do meio
Ver o conde da Allemanha
Parece um cravo vermelho.
Venha, venha, minha mãi,
A' janella do quintal
Ver o conde da Allemanha
Que já se vai enforcar.

—Mui maldita sejas, filha,
Mais o leite que mamaste
A um conde tão bonito
A morte que lhe causaste.

— Cale-se, lá, minha mãi,
Não me faça arrenegar

Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar.

— Mui bendicta sejas, filha,
Mais o leite que mamaste.
E's menina de quinze annos
E da morte a mãi livraste. [16]

XXII

A LINDA PASTORINHA

Deus te salve, Rosa,
Lindo Serafim;
Bella pastorinha
Que fazes aqui?

Você que lh'importa
O que faço aqui?
Guiando o meu gado
Que deixei ali.

—Linda pastorinha
A guardar o gado!
—Senhor, só nasci
Para este fado!

— Diga-me, menina,
Onde pasta o gado!
— Nas altas montanhas
Que lá ha bom pasto.

— Nas altas montanhas
Corre grande p'rigo,
Diga-me, menina,
Se quer ir comigo.

— Não é d'homem nobre
O dar tal conselho,
Pois quer se perca
O gado alheio.

— O gado alheio
Não quero se perca
Quero'star comvosco
A' hora da sexta.

—A' hora da sexta
Não o ouvirei,
Perguntam meus amos
Em que me occupei.

— S'elles perguntarem
Em que se occupou:
Guardou-se da agua
Que tudo molhou.

— Eu falo verdade
Mentir eu não sei
Vou soltar meu gado
Que pasce além.

— Seu gado, menina,
Eu aqui lh'o trago;
Serei venturoso
Se fôr seu criado.

— Não quero criados
De tanta nobreza,
Calça de velludo
E meias de seda!

— Sapatos e meias
Tudo romperei
Para vos dar gosto
Minh'alma, meu bem!

— Va-s'embora, homem,
Não me dê mais pena
Lá vem meus amos
Trazer-m'a merenda.

— Qu'importa, menina,
Que venham seus amos?
Quero que'elles saibam
Que falamos ambos.

— Senhor, vá-s'embora
Não me dê tormentos,
Não o posso ver
Nem por pensamentos.

— Pastôra formosa
Tão impertinente!
Homens não são lobos
Que comam a gente!

Pastôra formosa
Porqu'és tão ingrata
Homem não é lobo
Que donzellas mata!

Tiranna, ingrata
Mal agradecida,
Só por causa d'ella
Eu perco a vida!

—Se eu sou ingrata
Faço muito bem,
Quero ser ingrata,
Assim me convem.

—Se quer ser ingrata
Seja muito embora,
Eu cá vou chorando
Pela serra a fóra.

Aqui dou um grito
Alem dou um brado,
Senhora da Penha
Guardai este gado.

—Volte cá, senhor,
Volte cá, não chore,
Diga-me quem é
Não se desconsole.

Volte cá, senhor,
Volte cá correndo
O amor é cego
Já me vou vencendo.

—Digo-lh'a verdade
O' meu camarada,
Eu fiz uma aposta
Tenho-a ganhada.

Volto, voltarei,
Não com má tenção,
Digo a verdade
Eu sou teu irmão.

—S'eras meu irmão
Por qu'o não dizias?
Tu, meu claro sol!
Tu, luz dos meus dias!

. . . .

Oh gente do povo
Acudi ao gado
Que foge a pastora
Com um namorado.

—Se a pastora foge
Deixem-na fugir
Nem cravos, nem rosas
Lhe hão de acudir. ([17])

XXVII

OS NAMORADOS

No tribunal de Cupido
A amar-te eu aprendi,
Com pena de te não ver
Uma carta t'escrevi.

—Essa carta, ó mancebo,
Inda aqui não chegou,
Se me queres já falar
Fala agora, eu aqui estou.

— O' Rosinha, cara linda,
E's meu amôr verdadeiro,
A vergonha me retira,
Por isso fala primeiro.

—Eu falar-te, falaria
De todo o meu coração,
Eu quero saber, mancebo,
Qual seja a tua tenção.

—A minha tenção é boa
E' mui boa para comtigo,
Quando sair desta terra
Hei de levar-te comigo.

— Eu contigo não irei
Que meu pai não é contente;
Seria amaldiçoada
Despresada para sempre.

— Se despresada tu fores
Não é caso de assustar,
Se eu em fama te metter
Da fama te hei de livrar.

— Eu a fama não a tenho
Mas ella me pode vir,
Fala baixo não acordes
Meu pai que está a dormir.

—Teu pai que está a dormir
Um somno bem socegado;
Dize-me, ó minha menina,
Se eu serei do teu agrado.

—E's muito do meu agrado
Que mais o não podes ser;
Auzente da tua vista
Melhor me fôra morrer.

XXVIII

OS CONVERSADOS DA FONTE

Entre silvas e canais
Agua deve de nascer,
Menina, que estais na fonte
Dê-me agua, quero beber.

Por um lindo pucarinho
Esta agua é deliciosa,
Quem na bebe é já um cravo
Quem lh'a dá é uma Rosa.

Com licença dos senhores,
Eu peço licença inteira,
Vou falar a esta Rosa
Junto da fresca ribeira.

Licença vos dou, mancebo,
M'a'l'a senhora da Guia,
Dizei-me, ó meu manata
Se vem aqui por alguma via.

A via porque aqui venho
Eu vos digo na verdade,
Venho por passar o tempo
São cousas da mocidade.

Essas cousas da mocidade
Eu as espero saber;
Dizei lá ó men, manata,
Se é certo que sabeis ler.

Não sei ler nem escrever,
Nem tão pouco tocar viola,
Inda espero aprender
Menina, na vossa escola.

Escola tenho de mim,
Você não ha de aprender,
Andam mestres mais bonitos
Desejosos de saber.

O' minha guapa menina,
Que tão esquiva me falais!
Se até aqui muito vos qu'ria
Agora vos quero mais.

Quero-vos muito, mancebo,
D'alma, vida e coração;
Mas ainda com tudo isso
Não me haveis de pôr a mão.

A mão não vos porei eu,
Nem mesmo brincar comvosco,
Só em estar á vossa vista
Levarei muito em gôsto.

Se levais em muito gosto
Desgostai por vida vossa,
Esta Rosa que aqui vêdes
Ella é doutro, não é vossa.

Se ella é doutro, não é minha
Inda espero d'ella ser,
Menina, diga ao seu pai
Que nos mande arreceber.

Não diga isso a meu pai
São palavras escusadas,
A menina de quinze annos
Não sabe governar casas.

Outras de menor edade
São casadas, teem marido;
Assim sereis vós, Rosinha,
Quando casardes comigo.

As palavras são bonitas
Mancebo, vós as dissestes;
Se não sabeis o caminho
Voltai por onde viestes.

O caminho bem no vejo
Bem no vejo eu d'aqui,
Jesus, quem se ha de afastar
Desta Rosa, ao pé de mim!

A Rosa não vai daqui,
Licença não na terá,
Vinde cá p'ra outra vez
A resposta levará.

Não venho cá outra vez
A romper solas em balde;
Diga se casa comigo
Ou não é da sua vontade.

Dizeis bem, ó meu mancebo,
As solas custam dinheiro,
Já vos podeis ir gabando
De que sois vós o primeiro.

Se pois sou o primeiro
Não fico por ignorante
Ao vosso pai vou falar
Minha flor, meu diamante.

O' meu lindo limoeiro,
Carregado de limões,
Mancebo, pois que me qu'reis
Mandai fazer os pregões.

Pai

Lá vem o sol nascendo
Com fios de ouro na ponta

Aqui tens a minha filha
Leva-a já por tua conta.

MANCEBO

Eu fui por São Bartholomeu,
Voltei por Santa Catharina,
Digam lá, meus senhores,
Se esta Rosa é já minha.

ELLA

Eu fui por Santa Catharina,
Voltei por São Bartholomeu,
Digam lá meus senhores,
Se este rapaz é já meu. ([18])

XXIX

A SENHORA DA ORADA

Sob este titulo traz o falecido antiquario, Estacio da Veiga, no seu *Romanceiro*, o seguinte *romance:*

Má sentença um homem teve,
Em hora triste e minguada:
Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada,
Sentado estava chorando
Sua vida tão airada.
Quando seu pranto em torrentes
A fala lhe já tomava,
Uma voz ao longe ouvira
Que mui alto lhe bradava
—Caminha, vai a Lisboa,
Não temas essa jornada
Que a sentença que tiveste
Foi por bem que te foi dada.
—Como póde assim ter sido
Se contra mim foi lavrada?
—Corre a casa do notario
Acharás que não é nada,
Vai-te a casa do juiz
Onde se fez a ajuntada,
Depois volta á escrivania
Verás a letra mudada

Seguindo vai té Lisboa
Como quem bem caminhava;
Chega a casa do notario
Ouviu que não era nada:
Chega a casa do juiz
Onde se fez a ajuntada,
E procurando a sentença
Achou-a toda riscada.

—Homem quem aqui te trouxe
A seguir esta jornada?
—Mandou-me o senhor da Pedra
Mais a Virgem Mãi da Orada
Que a consolar-me vieram
Quando los eu invocava
—Oh, quem tal dita tivera
Que para traz já voltara!
—Eu por mim sim voltaria
Mas não mais os encontrara.

Indo pelo seu caminho
Com a sentença mudada,
Uma mulher vira morta
Num esquife amortalhada.
A mulher logo se erguera
Que a vida então recobrara
Vendo passar seu marido
Pelo nome lhe bradara:
—Homem, se estás em peccado,
Confissão te seja dada,
Já que eu morri neste mundo
Sem ver ostia consagrada.
Depois de te confessares
Tu'alma será ganhada;
Chega pois á confissão
Que não precisas mais nada
—Tambem tu, ó mulher minha,
Que ora estás ressuscitada,
Antes que recaias morta,
Faze por ser confessada;
A Deus pede que te salve
Mais á Virgem Mãi da Orada.

Em oração se puzeram
Anjos á terra baixaram:
Depois das orações fazerem
Ambos para o ceu voaram.»

D'este romance que deveria ser geralmente conhecido em Albufeira, onde se ergue a ermida da Senhora da Orada, não existem reminiscencias algumas, segundo me atesta um velho amigo, o ex.^mo snr. Francisco Correia de Mello Leote, da Villa de Albufeira. Foi completamente obliterado da memoria d'aquella villa.

O meu velho amigo, o snr. Joaquim Antonio Teixeira, d'esta Villa de Loulé, colligindo alguns romances, encontrou no sitio do Valle Judeu, da freguezia de S. Sebastião de Loulé, sob o titulo — *O Bom Jesus da Pedra* — os seguintes versos, que me parecem muito semelhantes aos que ahi ficaram reproduzidos. São os seguintes:

Oração do Bom Jesus da Pedra

Má sentença um homem teve
Em hora triste e minguada;
Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada,
Sentado estava chorando
A' beira de certa estrada,
Quando uma voz elle ouviu
Que mui alto lhe bradava

—Oh homem, vai a Lisboa
Vai fazer essa jornada,
Que a sentença que tiveste
Bem a teu favor foi dada.

Seguindo vai a Lisboa,
Como quem bem caminhava,
Chega á casa do 'scrivão
Acha a letra demudada,
Deu outra volt'a'sentença
Achou letra ensanguentada,
Deu-lhe volta á outra banda
Para traz caiu sem fala.

—Homem, quem te trouxe aqui
A seguir esta jornada?
—Mandou-me o Senhor da Pedra
Lá da beira da estrada,
Que a consolar-me viera
Quando lo eu invocava.
Vejo agora que a sentença
Bem a meu favor foi dada.

Voltando p'lo seu caminho
Grande milagre se obrava
A' sua mulher já na tumba
Deu-lhe o Senhor vida e fala.

—Homem se andas em peccado
Chega-t'á confissão,
Depois d'estar confessado,
Pede ao Senhor teu perdão,
Depois de estar perdoado,
Chega logo á communhão,
Depois de ter commungado
Os anjos te levarão.

Em confissão se puzeram
Ambos logo commungaram
Rodeados pelos anjos
Ambos para o ceu voaram.

Ha pois grande semelhança nos versos e creio que a lição, agora publicada, é a mesma, mas já alterada da primitiva.

XXX

FREI JOÃO

Abre-me a porta, morena,
Abre-me a porta, minha alma.

Como te hei de abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho meu filho aos peitos
E meu marido á ilharga.

Estando nestas razões
Seu marido que acordava.

O que é isso, mulher minha,
A quem dais as vossas falas?
Dou á filha da forneira
Que vem ver se eu amassava
Se amassasse pão de leite
Que lhe não deitasse agua
Se amassasse pão de ló
Qualquer pinga lhe bastava.

Levanta-te, mulher minha.
Levante-te a amassar;
Mulher que tem casa e vida
Tem sempre que governar;
As duas filhas que temos
Ambas já a levantar
Uma que vá buscar agua
Outra que vá enfornar.

Levanta-te, homem meu,
Vai fazer uma caçada
Que não ha melhor coelho
Que o coelho da madrugada

O marido que saía,
Ella logo se enfeitava,
Com vestido de côr viva
Que no corpo lhe brilhava,
Com sapatos de setim
Que no chão mal tocava,
Com meiazinha de seda
Que na perna lhe estalava,
E com mantinha de rendas
Que o ventinho levantava;
Logo chega á portaria
Por frei João perguntava.

Frei João assim que a viu
Em vez de correr saltava,
Pega-lhe logo p'la mão
Par'á cella a levava.
Dá-lhe fructas saborosas
Tigellas de marmelada
Deu-lhe ainda bellos doces,
Doces de que ella gostava.

—Vai-te embora moreninha
Que teu marido não tarda

Moreninha que saía
O marido que encontrava.

D'onde vindes, mulher minha,
Que vindes tão enfeitada?
— Venho de ouvir missa nova
Que me regalou est'alma.

—Confessa-te, mulher minha,
Que te vou tirar a vida
— Não tenho medo da morte
Que eu a morte a Deus mer'cia
Tenho pena de meus filhos,
Outra mais não na teria.

— Confessa-te já, mulher,
Faze acto de contricção,
P'ra não tornares a vir
A' cella do Frei João. (19)

XXXI

O CEGO PEDINTE

Abre a porta, Anna,
Abre o teu postigo,
Da-me esse teu lenço
Que eu venho ferido.

—Se tu vens ferido
Vinde muito embora,
Por que a minha porta
Não se abre agora.

—Abre já a porta,
Ou só o postigo,
Vinde dar esmola
Ao triste ceguinho.

—Qual é o vadio
Que a estas horas anda?
Estou de anagua branca,
Vou-me já p'rá cama.

—Se tu estás em anagua,
Mesmo assim te quero:
E's o meu amôr,
Eu lograr te quero.

—Minha mãe não durma,
Não queira dormir,
Ouvirá o cego
Cantar e pedir.

—Se elle canta e pede,
Da-lhe pão e vinho;

Se elle não quizer,
Siga o seu caminho.

— Não quero o seu pão
Nem tão pouco o vinho,
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

— Pega na tua roca,
Tambem no teu linho
Vai, ensina ao cego,
O triste caminho.

— Espigou-se a roca,
Reabriu-se o linho,
Vae-te embora, cego,
Segue o teu caminho

— Anda mais abaixo,
Anda um poucochinho,
Sou curto da vista,
Não vejo o caminho.

— Vai-te embora, cego,
Vai por essa estrada,
Quem quizer creados
Paga-lhes soldada.

— Ande mais, menina,
Mais até alem,
Que eu sou muito cego
E não vejo bem.

— Corramos, corramos
Para este altinho,
Pois ahi vem gente
Por este caminho.

— Adeus, minhas casas,
Adeus, minhas terras,
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me eras.

De condes e duques
Eu fui pretendida,
Só dum triste cego
Me sinto vencida.

— Dá as despedidas,
Se acaso queres dar,
A' Virgem Maria
Que está no altar.

Eu já vejo terras
Tambem côrte minha,
Anda p'r'o palacio
E serás rainha. (20)

XXXII

MARIQUINHAS

Está chegada a occasião
De encontrar quem eu qu'ria,
Como passas, Mariquinhas,
Ha muito que te não via?!

—Que se importa como eu passo,
Sempre é bem impertinente,
Passe bem ou passe mal
O meu corpo é quem o sente.

—Não é bem como tu dizes,
Tens falta de intendimento,
E' um laço que se dá
Falando de casamento.
Dá-me a tua á minha mão
P'ra nosso arrecebimento.

—Se te dou uma das mãos
Por certo que faço mal,
Fico maneta d'um braço
Terei d'ir par'hospital.
Lá vem outro e eu sem pau
P'ra me livrar doutro tal . . .

—Tão depressa te apoquentas,
Demora mais um bocado;
Não te vás ainda embora
Senta-te aqui ao meu lado.

—Se eu me sentar ao teu lado,
O mundo o que ha de dizer?

Pobre sou e pobre vivo,
Pobre espero de morrer,
Riquezas de mim não tenho
E nem as espero ter.

— Em sentar-te ao meu lado
Não perdes nem ganhas nada;
Se fizeres o que te digo
Podes ser afortunada;
Não te lembras, Mariquinhas,
Dos protestos que te fiz,
Que casaria contigo
E te faria bem feliz?

— Com licença dos senhores
Eu já me vou assentar,
Presa já p'los seus encantos
Não me posso retirar.

— Vês agora, ó Mariquinhas,
Como eu te caí em graça,
E os protestos que fizeste
Com toda a tua chalaça?!
E' bem certo o que se diz:
Quem porfia mata caça!

— A mulher é ente fraco
Por bem pouco é convencida,
Vamos ao nosso tratado
P'ra seguirmos nossa vida,
Se não ponho-me a andar
Que eu ainda não fui f'rida.

— Na tua terra o centeio
Malha-se com muita pancada,
Tambem necessitas d'ella
Só por seres desconfiada,

Inda te doem as pernas
Depois d'estares sentada?

— Já me falas em pancadas
Ai, ai, ai, deixa-me rir;
Fazenda de que não gosto!
Então deixa-me fugir,
Inda ellas cá não estão
Já as estou a sentir.

— Não te vás, ó Mariquinhas,
Sem gosares do que é bom,
Não imaginei, menina,
Em ti tão mau coração;
Já te vais, assim me deixas,
Nesta triste solidão?

Adeus, que me vou embora,
De certo m'hei de salvar;
O que você quer está verde
Mais tarde... vá passear.
Vou-me embora, não m'illudem
Os janotas da cidade,
Só os rapazes do campo
E' que me teem amisade:
São serios, não pedem beijos
Se os damos é por vontade. (21)

XXXIII

A NAU CATHRINETA

De Lagos, por intermedio do ex.mo snr. J. J. Nunes, recebi esta versão:

Lá vem a Nau Cathrineta,
Que tem muito que contar:
Sete annos e um dia
Andou sobre as aguas do mar;
Um dia não tinham que comer,
Nem tão pouco que manjar,
Deitaram sola de molho
Para ver s'a podiam tragar;
A sola era tão dura
Que a não podiam levar.
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar,
A sorte cahiu em branco,
No tenente-general.
Olharam uns para os outros:
Meus Deus quem nos hade governar!

— Sobe acima, meu gageiro,
A'quelle mastro real,
A ver se vês terras d'Hespanha,
Ou areias de Portugal.

Deitaram sortes á ventura
A qual podiam matar,
A sorte caiu em branco
No tenente-general.

— Sobe acima, meu gageiro,
A'quelle mastro real,

A ver se vês terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.

Alviç'ras, meu commandante,
Meu commandante general!
Lá vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal,
Tambem vejo tres meninas
Debaixo de um laranjal.

— Todas tres são minhas filhas,
Todas tres te hei de dar,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a mais bonita de todas
Para contigo casar.

— Não quero as vossas filhas
Que vos custou a criar,
Quero a Nau Cathrineta
Para no mar velejar
— A Cathrineta não te posso dar,
Te darei o meu cavalo,
Com duzentas campainhas
A' roda do peitoral.

— Não quero o teu cavalo
Que custou o teu dinheiro,
Quero a nau Cathrineta
Para no mar velejar.

— A Cathrineta não te dou
Nem eu te a posso dar,
E chegando ao Cruzeiro
Logo o mandou matar. (22)

XXXIV

A FREIRA

A senhora F..., muito boa e santa mulher, já bastante adiantada em annos, foi a unica pessoa, que me soube repetir algumas peças truncadas da *Freira arrependida,* que se encontra no *Romanceiro Geral* do snr. Theophilo Braga. Não me sendo licito coordenar essas coplas pelas que o illustre escritor publicou, vou reproduzir apenas as que a boa velhinha me ditou. São as seguintes:

Já não ha nem pode haver
Vida tão triste e penosa,
Sendo eu tão linda rosa
    Cá me deixaram.

A meu pai aconselharam
Que me não desse o meu dote;
Que a minha melhor sorte
    Era ser freira.

Avisaram a porteira,
E mais a madre abbadessa,
Que me mettessem na cabeça
    Casar podia

Eu como menina cria,
Pensando que em verdade,
Que qualquer freira ou frade
    Casar podia

Toda a gente me dizia
....
....
....

Todas as noites eu choro,
Agora faço o meu pranto,
Em cuidar que heide ir ao coro
    Resar matinas

Resando as horas divinas,
Lá por esses corredores
Me lembram os meus amores
    Por quem morro

Toda a minha cella corro,
Assomando-me ao espelho,
Meu rosto já vejo velho,
    E mal fadado.

O meu pai foi o culpado,
E meus irmãos tambem,
Podendo casar-me bem
    Me desterraram.

. . . .
. . . .
. . . .
    . . . .

Mais valera ser casada,
De noite embalar meninos,
Do que andar a tocar sinos
    No campanario.

. . . .
. . . .
. . . .
    . . . .

Minha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento,

Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem me não casassem,
Que me botem daqui fóra,
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

A poesia, que se lê no *Cancioneiro* citado, tem vinte e uma copla, ao passo que apenas consegui da boa velhinha reproduzir-me onze. E não se pode dizer que a lição do Algarve não tivesse mais, pois que algumas coplas, que reproduso, accusam a existencia de outras, que se obliteraram.

Devo, pois, confessar que em Loulé só obtive uma lição e esta bastante truncada. (23)

SEGUNDA PARTE



XXXV
ORAÇÕES

A

Padre Nosso

Padre Nosso pequenino
Tem as chaves Deus Menino;
Quem as deu, quem as daria?
São Pedro e Santa Maria.
Cruz em monte, cruz em fonte,
Mau peccado não me encontre,
Nem de dia nem de noite,
Nem ás horas do meio dia.
Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor sobe á cruz,
Para sempre Amen, Jesus.

B

Oração da Amargura

Estando Nossa Senhora
Uma sexta feira á missa
Resando no seu livrinho,
Vem Santa Magdalena
Muito triste e muito aflita.
— Que fazeis aqui, Senhora?
— Eu á missa estou resando.
— Vosso precioso filho
Na cruz estão açoitando,
Com açoites e martirios
Que os fariseus lhe estão dando.
— Ai que novas tão levadas
Castigam os meus sentidos!
Mulheres que teem filhos
Ajudem-me a chorar,
Pois aquellas que os não teem,
Não teem dôr nem pezar,
«Quem esta oração disser
Um anno de dia a dia,
A Virgem lh'apparecerá
Antes da morte tres dias,
Ella lhe virá dizendo:
Filho, vae-te confessar,
Que o meu precioso filho
P'ra gloria o quero levar
Com a sua divina luz,
Para sempre: Amen Jesus.

C

Outra

Estando Nossa Senhora
Uma manhã de domingo
Com sua bemdita mão
Lavando o seu rôsto divino,
Ella se foi a dizer
Ao seu precioso filho:
Que as almas do santo ceu
Se sorriam e cantavam,
As do santo Purgatorio
Gemiam e até choravam.

— Deixe-as estar, ó minha mãe,
Que ellas o teem merecido;
Ha cem annos que me pedem
E não me tenho esquecido;
Deixe vir o santo sabbado
Que subirão ao juizo,
Deixe vir o bom domingo,
Que entrarão no Paraizo.

D

Confissão da Virgem

A Virgem se confessou
Amanhecendo um domingo,
Não foi lá por ter peccado
Nem por ter promettido,
Foi só por guardar preceitos
Do seu augusto e querido filho.

— Vinde cá, padre de missa,
Confissão m'haveis d'ouvir
Que aqui venho embaraçada,
Dos peccados me remirdes.

O padre que se sentava
A donzella enjoelhava;
O ventre que ella trazia
Todo o mundo alumiava,
O padre que aquillo via
Por momentos duvidava.

— Cala-te, padre de missa,
Cala-te, não digas nada;
Tudo isto são misterios
Da Santissima Trindade.
Principio p'los mandamentos
Vamos a remir peccados.

O primeiro é que eu amei
O meu divino Senhor,
Cá o trago no meu ventre
E criado em meu favôr.

O segundo é que eu jurei
Uma jura de continuo,

A vinte e cinco de março
Encarnou verbo divino.

O terceiro é que eu guardei
Os dias que de Deus são,
A vinte e cinco de março
E' a santa Encarnação.

O quarto é que sempr'honrei
Pai e mãe mais do que vós,
Não sei se farei offensa
O levar Jesus por vós.

O quinto é que só matei
A serpente infernal,
Que levou á cruz Jesus Christo
Sem ter culpa original.

Oh meu padre de missa
Já está feita a confissão!
Peço-vos por caridade
Me deis a absolvição.

—Levantai-vos, pomba branca,
Meu espelho! E's tão lindo!
Vai caminho de Belem
P'ra nascer verbo divino.

—Ficae-vos com Deus, ó padre,
Qu'eu com Deus me vou embora,
Queira Deus nos encontremos
Bem lá no reino da gloria.

E

A Senhora da Conceição

Fui por esta rua abaixo
A' busca da salvação,
Encontrei nossa Senhora
C'um ramalhête na mão.

Eu pedi-lh'uma folhinha
Ella disse-me que não,
E tornei-lh'a a pedir
Ella deu-me o seu cordão.

Izabelinha tecedeira,
Vá torcer-me este cordão
Que me deu Nossa Senhora
Com sua bemdita mão,
Quando em sexta-feira Santa
Eu buscava a salvação.

F

Oração do penitente

Jesus Christo, meu conforto,
Crucificado e bem morto,
Perdoaste a vossa morte,
Sendo cruel e tão forte,
Perdoai os meus peccados,
Esquecidos e lembrados;
Como aos pés do confessor
Não os soube confessar
Os confesso a vós, Senhor,
Que bem os sabeis contar.
Minha alma se não perca
Nem morra sem confissão.
O' meu Senhor Jesus Christo
Christo do meu coração,
Perdoai os meus peccados
Pois sabeis quantos são;
D'elles eu arrependido
Vos peço absolvição,
E me deis a vossa graça
E a eterna salvação.

G

Oração contra as trovoadas

Santa Barbara Bemdita,
Que no ceu está escrita
Em papel e agua benta,
Livra-nos, meu bom Senhor,
Desta p'rigosa tormenta.

H

Outra

O' Santa Maria,
Mãe da Piedade,
Pedi a Jesus
Pela christandade;
Ped -lhe, Senhora,
Qu'eu não sei pedir,
Nem sou mer'cedor
De Jesus m'ouvir.

I

Outra

São Gregorio s'abalou,
Pesinh'esquerdo calçou,
Seu cajadinho tomou;
Indo no meio do caminho
Nosso Senhor'encontrou.
—Aonde vais tu, Gregorio?
— Espalhar a Trovoada
— Espalha p'ra longe:
Onde não haja cera
Nem ramos d'oliva
Nem gado de lã
Nem gente christã.

J

Outra

Santa Barbara Bemdita,
Que no ceu está escrita
E na terra assignalada,
Os anjos que estão no ceu
Todos salvem a minh'alma.

K

Infancia de Jesus

Encontrei Nossa Senhora
Lá junto do rio Jordão;
Nossa Senhora lavava,
E São José estendia,
O Deus Menino chorava
P'lo grande frio que fazia.

—Não choreis, ó meu menino,
Não choreis, ó meu amor,
As lagrimas que chorais
Cortam vossa mãe de dôr.

Os filhos de homens pod'rosos
Nascem em berço dourado
Só vós, meu qu'rido menino,
Nessas palhinhas deitado.

L

Variante

Estando a Virgem
A' borda do rio,
Lavava os panninhos
Do seu bento filho.

A Virgem lavava,
José estendia,
Chorava o menino
Do frio, que fazia.

Não choreis, menino,
Não choreis, amor,
Isso são peccados,
Que cortam sem dôr.

Os filhos dos homens
Em berços dourados
Só vós, meu menino,
Em palhas deitado.

M

A Caminho de Belem

Quando São José partiu
E mais a Virgem Maria
Andavam tanto de noite
Como p'la força do dia.

Quando chegaram a B'lem,
Ja toda a gente dormia:
Viram uma lap'aberta,
Entrou a Virgem Maria.

São José foi buscar lume,
Porque lume não havia,
Quando São José voltou
Já o Menino nascia.

Uma mula o destapava
Com a sua ferradura,
Mas o boi logo tapava
Com a sua cornadura.

Maldita sejas, ó mula,
E mais essa ferradura,
Serás malina p'ra sempre,
Não parirás creatura.

Bendito sejas, ó boi,
As terras farás dar pão:
Cada trigo dê um cento
E cada cento um milhão.

N

O Monte Calvario

Senhor do Monte Calvario,
Tendes a cruz d'oliveira,
Por ser o mais lindo cravo
Que nasceu entre a craveira.

A vossa Santa cabeça
Cheia d'agudos espinhos,
Por amôr dos meus peccados,
Oh meus Jesus divino!

O vosso Santo cabello
Pelas costas estendido,
Por amor dos meus peccados
Soffreste tantos martirios!

Esses vossos santos olhos
Inclinados par'o chão,
Por amôr dos meus peccados
Meu bom Jesus da Paixão!

Esses vossos santos labios
Mais roxos ainda que o lirio,
Por amor dos meus peccados
Padeceste tanto martirio!

Essa vossa santa bocca
Cheia de fel amargoso,
Por amôr dos meus peccados
Meu bom Jesus Piedoso!

Essas vossas santas faces
Cheias d'escarros nojentos,
Por amôr dos meus peccados
Soffrerem tantos tormentos!

A vossa santa garganta
Enleada c'uma corda,
Por amôr dos meus peccados
Bom Jesus! Misericordia!

Esses vossos santos hombros
Denegridos p'lo madeiro,
Por amôr dos meus peccados
Meu bom Jesus verdadeiro!

Esses vossos santos braços
Pregados na santa cruz,
Por amôr dos meus peccados
Ai, meu divino Jesus!

Essas vossas santas mãos
Com dois cravos encravadas,
Por amôr dos meus peccados
Bom Jesus da Piedade!

Assim corre liberal
O sangue da mão direita,
Bendito seja esse sangue
Que a chaga de Jesus deita!

Assim corre liberal
O sangue da mão canhota,
Bendito seja esse sangue
Que a chaga de Jesus bota!

Essas vossas santas costas
F'ridas com um azorrague,
Por amôr dos meus peccados
Tende de mim piedade!

Esse vosso santo peito
Trespassado p'ruma lança,
Entra minha alma por elle
Nelle tenho confiança.

A vossa santa cintura
Cingida com a toalha,
A minh'alma seja digna
Do vosso corpo e mortalha.

Os vossos santos assentos
Sentados na pedra fria,
Por amôr dos meus peccados
Soffreu Deus tanta agonia!

Os vossos santos joelhos
Arrastados pelo chão,
Por amor dos meus peccados
Meu bom Jesus da Paixão!

Esses vossos santos pés
Claros como a neve pura,
Deitando rios de sangue
Pela rua da amargura!

Aquella santa mulher,
Que o foi ver lá no calvario,
Recebeu em recompensa
O panno «Santo Sudario».

O panno «Santo Sudario»
Onde o Senhor foi envolto
Onde se nos apresenta
O seu santissimo corpo!

O Santo Antonio

Antonio, jasmim cheiroso
Da Divina Magestade,
Bem usaste da tal graça
De abraçares o nosso Deus,
Pois o nosso Deus te abraça.

Antonio pregava em Padua
Do ceu lhe vem um aviso
— O teu pai vai a morrer
O salval-o te é preciso.

E Antonio, que isto ouviu,
Ave Maria pediu,
Em spirito logo partiu
Indo chegando a Lisboa
A justiça encontrou-a.

— Esse homen que ahi vai
Vai morrer injustamente!
Vamos onde o morto está
E por Deus falará,
Ahi se descobrirá
Quem é o impenitente.

—Levanta-te d'ahi, homem?
E por Deus falarás,
E desengana esta gente,
Não morra um innocente.

O morto se alevantou
P'la graça de Deus fallou.

«Esse homem não me matou,
Nem no corpo me tocou,

E antes me aconselhou
Como um pai que me criou,
Como quem me queria mais.
Disse o sagrado Messias
Que o homem que me matou
Na companhia ahi vai,
Mas não quer descubra mais.

—Dizei-me, o meu reverendo,
Dezei-me: onde morais?
Que vos quero visitar,
Já que não presto p'ra mais.

—Admiro-me, ó meu pai,
De não conhecer Fernando,
Nome trocado p'ra Antonio,
Para o livrar do domonio
Pois o andava tentando.

—O' ditoso de tal pai
Que filho tem desta sorte!
E que vem la de tão longe
A' cidade de Lisboa
A livrar o pai da morte!

—Deite-me a benção, meu pai,
A Padua já me lá vou,
A pregar o meu sermão;
Aquelles que lá ficaram
Em que falta me terão?

P

Os sete sacramentos

Todos quantos ha no mundo,
Oh! valha-me Deus!
Todos são filhos de Adão.
Oh! valha-me Deus!
E vossa Paixão.

O crime de Adão causou
Oh, valha-me Deus!
Toda a nossa perdição.
Oh, valha-me Deus
E vossa Paixão.

Ficou-nos os sacramentos
Oh, valha-me Deus!
Pará nossa salvação.
Oh, valha-me Deus
E vossa Paixão.

O primeiro é o *batismo*
Oh, valha-me Deus!
Pra'a nossa remissão.
Oh, valha-me Deus
E vossa Paixão.

Segundo é *confirmação*
Oh, valha-me Deus
P'ra mais nossa perfeição.
Oh, valha-me Deus
E vossa Paixão.

O terceiro é *communhão*
Oh, valha me Deus!
P'ra nossa sustentação.
Oh, valha-me Deus
E vossa Paixão.

O quarto é a *penitencia,*
Oh, valha-me Deus!
Que os confessores nos dão,
Oh, valha-me Deus,
E a vossa Paixão!

O quinto é *extrema-uncção,*
Oh, valha-me Deus!
P'ró enfermo christão
Oh, valha-me Deus,
E vossa Paixão!

Sexto sacramento é *ordem,*
Oh, valha-me Deus!
Aos sacerdotes se dão,
Oh, valha-me Deus,
E vossa Paixão!

O setimo *matrimonio,*
Oh, valha Deus!
P'rós casados é que são,
Oh, valha-me Deus,
E vossa Paixão! (24)

Q

Noite de Natal

Cantemos, vamos cantar
Cheios de santa alegria,
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Nasceu lá pela meia noite,
D'um tão memoravel dia,
O Salvador d'este mundo,
Filho da Virgem Maria.

Nasceu no meio da pobreza,
Como resa a profecia,
Descendo do ceu á terra
O desejado Messias.

Nasceu em pobre arramada,
Onde boi e mulla havia,
Sem mantas nem cobertores
Em uma noite tão fria.

Entrai, pastôres, entrai
Por este portão sagrado;
Vinde ver o Deus Menino
N'umas palhinhas deitado.

O' meu Menino Jesus,
Vestido de azul celeste,
Eu quero aprender a ler,
Haveis de ser o meu Mestre.

Entre os portais de Belem
Está a arvore de Jessé;
Tem um letreiro que diz:
Jesus, Maria, José.

Tres palavras disse a Virgem,
Quando nasceu o Menino:
Vinde cá, meu bago d'ouro,
Meu sacramento divino.

Tres palavras disse a Virgem,
Quando o Menino foi nado:
Vinde cá, meu bago d'ouro,
Rei do ceu sacramentado.

O' meu Menino Jesus,
O' meu lindo amôr perfeito,
Se vós tendes muito frio
Vinde cá para o meu peito

O' meu Menino Jesus,
Linda flôr do paraiso,
Quando nós vos offendemos
'Stamos fora de juizo.

Eu hei de dar ao Menino
Um galão para o chapeo,
Tambem elle m'ha de dar
Um logarzinho no ceu.

O' meu Menino Jesus,
Boquinha de requeijão,
Dai-m'alguma esmolazinha,
Que minha mãi não tem pão.

O' meu Menino Jesus,
Quem vos deu a casaquinha?
— Deu-ma minha avó Sant'Anna
Minha avó, minha madrinha.

O' meu Menino Jesus,
Boquinha de sangue e leite,
Quem la tivera inteirinha
D'ella faria um ramalhete.

O' meu Menino Jesus
Quem vos deu, por que chorais?
Choro pelos peccadores
De cada vez peccam mais.

O Menino chora, chora
Porque não tem sapatinhos;
Haja quem dê os *tacões*
Que eu lhe darei os *saltinhos*.

São duas silvas de flôres
Fechadinhas em botão
O Menino no presepio,
O Batista no Jordão.

Cantai, pastores, cantai,
Agora que a Virgem dorme;
Cantai bem de mansinho
P'ra que a Virgem não acorde.

Eu hei de dar ao Menino
Cinco pedras preciosas,
Cada pedra cinco quinas
Cada quina cinco rosas.

O' meu Menino Jesus,
Que na Lapa estais mettido,
Se o nosso rei fôr á guerra
Livrai-o de todo o perigo.

Pastorinhos, guardai o gado,
Que esta noite é d'alegria,
Vão já ver o Deus Menino,
Filho da Virgem Maria.

Entrai, pastores, entrai
N'esse logar mui sagrado,
Adorai o Deus Menino
Sobre as palhinhas deitado.

Pastores, deixai o gado
Vão p'ras bandas de Belem
Adorar o Deus Menino,
Que nasceu p'r'o nosso bem.

Hei de dar ao meu Menino,
Ao Menino hei de dar
Camizinhas de bretanha
N'esta noite de Natal.

Hei de dar ao Menino
Um galão para a cintura,
Tambem elle m'ha de dar
No seu peito a sepultura.

O' meu Menino Jesus,
A vossa capella cheira,
Cheira a flôres, cheira á rosas
Cheira á flôr da larangeira.

Do tronco nasce o ramo,
E do ramo nasce a flôr,
Da flôr nasce a Virgem,
Da Virgem Nosso Senhor.

Senhores, deem licença,
Vou accender uma vela,
Que é nascido o Deus Menino,
Redentor do ceu e terra.

Alegrem-se ceus e terra,
Cantem cantos de alegria,
Nasceu o Deus Menino,
Filho da Virgem Maria.

O Menino está na neve,
A neve o faz tremer;
O' meu Menino da minh'alma
Quem lhe podesse valer!

Já lá vem áquella esquina
Uma preciosa dama
A visitar Deus Menino
Nascido em pobre cabana;
Não foi por falta de casas
Ou por que as não haveria,
Feitas do mais puro ouro
E da mais fina pedraria:
E sim p'ra nos dar exemplo
Na pobreza de Maria.

Oh que noite tão serena
Cercada de resplendores!
Nasceu de Virgem Maria
Um ramalhete de flôres.

Meu Menino, dai-nos luz
P'ra que todos vos cantemos
Altos hymnos d'alegria,
Pois que mais nada sabemos.

Vós sois o poder do mundo,
Senhor do ceu e da terra,
A propria sabedoria,
Essa, só em vós se encerra.

O Sacrario está patente,
O Menino está lá dentro,
Os anjinhos 'stão cantando
Tantun ergo sacramento.

R

Janeiras

Esta noite é d'Anno Bom,
E' noite de mer'cimentos,
Por ser a primeira noite
Que Jesus soffreu tormentos.

Foram elles tantos, tantos,
Que até a carne lhe cortaram;
O menino ficou f'rido,
Pingas de sangue tiraram.

Foram tres pingas de sangue,
Não nas deixem apanhar,
Que uma é para o pãozinho,
Outra é par'o jantar,
E das tres a que sobrar
Essa é par'o Deus Menino.

As janeiras não se cantam
Mas nós vimol'as cantar,
Pedindo annos melhorados
E longa vida gozar.

S

Cantigas dos Reis

Quem são os tres cavalleiros,
Que fazem sombra no mar?
— São os reis do oriente
Que a Christo veem adorar.

Lá das bandas do oriente
Os tres reis magos se partem
Guiados por uma estrella
Vem ver outro sol que nasce.

Esse sol dizem que é Christo,
Filho do Eterno Pai,
Que vem salvar este mundo,
Revestindo humana carne.

Aquell'Herodes malvado,
Como perverso e daninho,
Mandou ensinar aos reis
A's avessas o caminho.

Os tres reis eram tres santos,
Uma estrella os guiava,
Sobre la casa caida
A mesma estrella parava.

Elles não buscam pousada
Nem aonde irão noitar:
Procuram p'lo Deus Menino
Sem o poder encontrar.

Encontraram-no em Belem
Revestido no altar,
Missa nova quer dizer

Missa nova quer cantar!
Um menino tão pequeno
Todo o mundo quer salvar!

São José, Virgem Maria,
Foram ambos a Belem
Se elles vão cantar os Reis
Cantemol-os nós tambem.

CHACOTAS

Tanto na vespera e dia do *Anno Bom* como na vespera e *dia de Reis* ha o costume dos descantes, á noite, em que muitos grupos de creanças de ambos os sexos e ainda de pessoas adultas vão dar as boas-festas ás pessoas mais abastadas. Chegam á porta e entoam as cantigas proprias da occasião e já mencionadas; e em seguida cantam as chacotas accommodados á esperança de receber a esmola ou quando a perdem de receber. De umas e outras vamos mencionar as respectivas cantigas:

Eu não venho p'las queijadas,
Que este anno não houve leite,
Venho só pelas coizinhas,
Que se fritam em azeite.

Esta casa é bem branquinha
E talhadinha ao picão,
A' gente que n'ella móra
Deus lhe dê a salvação.

Esta casa é bella casa
E' casa de um lavradôr:
A mulher é mui formosa
E a filha é uma flôr.

Senhora, que estáis lá dentro,
Resando nas contas brancas,
Mandai dar-nos a esmola
Em louvôr das almas santas.

Senhores que estão deitados,
N'esse leito de pau fino,
Mandem já dar a esmola
Em louvôr do Deus Menino.

Senhora que está deitada,
Deixe-se estar que está bem,
Mande dar-nos a esmola
P'la criada que ahi tem.

Inda lhe jogo mais esta
Por cima do seu telhado,
Deus lhe dê muito bom tempo
P'r'o que tiver semeado.

Esta casa não é casa
E' casa d'algum 'scrivão,
Tem a mulher bexigosa,
A filha como um tição.

O toucinho é muito duro,
Uma faca não no corta
Mande dar a esmolinha,
Se não faço asneira á porta.

Santo Antonio

A treze do mez de junho
Santo Antonio se demove,
São João a vinte e quatro
E São Pedro a vinte e nove.

Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem soldado
General, mestre de campo.

Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal,
Ajudai-nos a vencer
Esta batalha real.

Santo Antonio leve Antonio
E o santo me leve a mim,
Lá para o reino da gloria
Por muitos sec'los sem fim.

O' môças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

Santo Antonio, Santo Antonio,
A's môças estende a mão,
Corram moças, vão depressa
Façam-lhe uma petição.

São Gonçalo casa as velhas,
Santo Antonio as raparigas,
Cantae moças ao santinho
As vossas bellas cantigas.

Santo Antonio brincalhão,
Segundo as vozes antigas,
Depois de beijar as moças
Rompia-lhes as vazilhas.

Santo Antonio brincalhão,
Segundo as vozes antigas,
Dava as velhas a Gonçalo
E beijava as raparigas.

Festejemos Santo Antonio
Que se nos vai acabando;
Sabe Deus quem chegará
D'este Antonio a um anno!

S. João

Festejemos o Baptista,
O dia vai-se acabando;
Sabe Deus quem chegará
D'este Baptista a um anno!

D'onde vindes, ó Baptista
Pela calma sem chapéo?
—Vim de pular as fogueiras
Que me fazem lá no céo.

O' meu rico São João
Que dais ao vosso prior?
—Um logarzinho no céo
Ao pé de Nosso Senhor.

S. João se adormeceu
No collo de sua tia;
Accordai, sobrinho meu,
Que amanhã é vosso dia.

Onde estará o Baptista
Que não está na sua egreja?
Lá anda de mastro em mastro
Só p'ra ver quem no festeja.

São João mais São Pedro
Nasceram no mesmo dia:
São João pela manhã
E São Pedro ao meio do dia.

São João mais São Pedro
São dois santos mudadores:
São João muda os casais
São Pedro muda os pastores.

São João se adormeceu
Nas escadas do collegio;
As moças deram com elle,
São João tem privilegio.

Ai que rico annel de ouro
Que o Baptista tem no dedo!
Foi-lhe dado p'la madrinha
Santa Clara do Louredo.

Duas noites ha no anno
Que alegram o coração:
E' a noite do Natal,
E a noite de São João.

O' Baptista, luz divina,
Capitão da christandade,
Perpetuo embaixador,
Da Santissima Trindade!

Grandes festas fazem mouros
Na noite de São João.
Quando os mouros o festejam
Que fará quem é christão!
Correm cavallos e touros
Com cannas verdes na mão.

São Joao p'ra ver as moças
Fez uma fonte de prata,
As moças não vão á fonte
São João todo se mata.

São João comprou um burro
Para pular as fogueiras,
E depois de as ter pulado
Deu-o de presente ás freiras.

Lá no altar de São João
Está um vaso de açucenas

Onde vão os namorados
Dar allivio ás suas penas.

São João, as moças de hoje
Vos pedem que as caseis,
Pedem noivos para todas;
Vêde vós o que fazeis.

Moças, enfeitem os mastros
Com fitinhas amarellas
Para quem passar dizer:
Isto fazem as donzellas.

Moças, enfeitem os mastros
Com fitinhas encarnadas
Para quem passar dizer:
Isto fazem as creadas.

Lá vem o Baptista abaixo,
Vem chegando do Rocio,
Vem dizer aos moradores
Vam pagar ao senhorio.

O Baptista chora, chora,
Chora sem consolação,
Porque fugiu o cordeiro
Lá p'ras bandas do Jordão.

Se o Baptista bem soubesse
Quando era o seu dia
Descia do ceu á terra
Com prazer e alegria.

D'onde vindes, ó Baptista
Qne cheirais a alecrim?
—Vim de Baptisar a Christo,
Christo baptisou-me a mim.

D'onde vindes, ó Baptista,
Que vindes tão orvalhado?
Venho do rio do Jordão
De fazer um baptisado.

São João, olhai que as moças
Não vos accendem fogueiras
Porque vós as não tirais
Do estado de solteiras.

São João é festejado
Por todo o mundo em geral,
Entre todos os mais santos
Não ha quem lhe seja igual.

D'onde vindes, São João,
Lá do monte p'ra cidade?
—Pregar nova lei ao mundo
Annunciar a verdade.

São João, o que fazeis?
—Venho verdades pregando
—Olhai que na Corte são
Fazenda de contrabando.

D'onde vindes, S. João,
—De noite pelo luar?
Venho de lá, do deserto,
Par'á cidade pregar.

São João, não ha no mundo
Quem não queira festejar;
Este dia é mui sob'rano,
Esta noite é singular.

O Baptista no deserto,
Entre as flores escondido,
Annuncia a toda a terra
O filho de Deus nascido.

São João, todas as feias
Vos pedem um casamento
Que as formosas, confiadas,
Não vos pedem valimento.

São João foi voz do Verbo
Que no deserto soou;
Profeta foi, que no rio
Christo com o dedo mostrou.

Por causa das pretenções
Mulheres que não farão?
Fizeram cair São Pedro
Degolaram São João.

Já o vosso mastro pende
Par'ás bandas do Levante.
Viva quem no enramou,
E quem lhe poz o diamante.

Já o vosso mastro pende
Par'ás bandas da ribeira,
Viva quem no enramou,
E quem lhe poz a bandeira.

São João adormeceu
Nas escadinhas do coro
As freiras deram com elle
Depenicaram-no todo.

Esta noite é de segredos,
Noite de amor e ciumes,
Quantos nascem, quantos morrem,
Hoje á volta destes lumes!

Crepitam rubras fogueiras
Dança a donzella, cantando;
Canta e dança o namorado
Na guitarra suspirando.

Aqui um rancho apparece
Com alcachofras na mão:
Vem descobrir na fogueira
Segredos do São João.

São João, mais São Pedro
São dois santos muito iguais:
São Pedro muda os pastores,
São João muda os currais.

Quem quizer ver maravilhas
Vá lá ao rio Jordão,
Verá Christo de joelhos,
Baptisando São João.

São João apanha cravos
Apanha-os, deita na cesta;
A virgem Mãe faz a c'roa,
E Christo a põe na cabeça.

O' meu São João Baptista,
O' meu Santo tão galante,
No ventre da Virgem Pura
Adoraste um infante.

Ajuntem-se as moças todas
Vão á Misericordia ver
A rainha Isabel,
E Baptista a nascer.

São João m'aprometteu
De me dar um cravo branco,
Deu-m'um cravo côr de lirio,
Que milagre fez o santo.

São João perdeu a capa
No caminho do estudo
Juntai-vos, ó moças todas,
Comprai-lh'uma de velludo.

D'onde vindes, ó Baptista,
Tanto cheirais a marcella?
—Venho do jardim das flores
De fazer minha capella.

A vinte e quatro de junho
Nasceu dos ceus uma flor;
Nasceu São João Baptista,
Primo de Nosso Senhor.

O' meu São João Baptista,
O' meu santinho de Deus;
Na vesp'ra do vosso dia
Se queimaram os judeus.

D'onde vindes, ó Baptista,
Com um livrinho na mão
—Eu venho lá da minh'aula
De dar a minha lição.

São João lá embarcou
Em uma nau p'ra Lisboa,
Ai, meu Deus, que p'ra tão longe
Foi d'aqui coisa tão boa!

São João lá embarcou
Em uma nau p'r'o Brazil,
Ai, meu Deus, que p'ra tão longe
O Baptista quiz partir!

São João e mais São Pedro
São dois santos muit'amigos;
Em tempos, longe passados,
Foram muito divertidos.

Qual foi melhor baptisado?
Perguntou Christo a João;
Fui eu, meu divino mestre,
Porqu'o fui por vossa mão.

Se no ceu faltasse Deus,
Era cousa nunca vista,
A' falta do proprio Deus
Governava o Baptista.

Quem quizer ver o Baptista
Vá lá ao rio Jordão,
Verá Christo de joelhos
Baptisando a São João.

São João e mais São Pedro,
Entre si não são irmãos,
São Pedro por ser mais velho,
Santas chaves tem nas mãos.

X

S. Pedro

São Pedro perdeu as chaves,
As chaves do Paraizo,
Santo Antonio las depare,
E Deus mas traga a juizo.

Se São Pedro não negasse
A Christo, como negou,
Outro gallo lhe cantaria,
Melhor que lhe não cantou.

São Pedro foi para Roma
O seu mestre encontrou;
Conhecendo que era Christo,
Aos seus pés se ajoelhou.

Vamos ver a barca nova
Que fizeram os pastores;
Nossa Senhora vai dentro
Coroadinha de flores.

O São Pedro foi pescar
Lá no rio dos Fariseus,
Julgando pescar os peixes,
Pescava alminhas p'ra Deus.

Vamos ver a barca nova
Que se vai deitar ao mar;
Nossa Senhora vai dentro
E São Pedro a remar.

Festejemos a São Pedro
Que se nos vai acabando,
Sabe Deus quem chegará
D'este São Pedro a um anno.

São João me prometteu
De me dar um bom marido,
São Pedro me respondeu:
Em o limão *felorindo.* (?)

São Pedr'é homem honrado,
Companheiro do Senhor,
Mas p'ras noites divertidas
São João tem mais valôr.

São Pedro, vinde cá baixo
Que ha muito eu vo-lo desejo,
Nesta noite em que os devotos
Vos fazem tanto festejo.

XXXVI

RIMAS VARIAS

A

O canario

Armei um laço na serra
Par'apanhar um canario,
E' pass'ro que custa caro
P'lo lindo cantar que tem.
Mandei-o d'offerta ao rei
P'la condessa da Ribeira;
Mandei-lhe fazer gaiola
De delicada madeira;
Depois da gaiola feita,
Meti-lh'o canario dentro;
De dia e noite cantava,
Era o meu divertimento.
Adoeceu o canario
Com uma constipação,
Mandei fazer-lh'uma junta
De trinta e um cirurgião.
Veio o cirurgião mais velho,
C'uma lanceta na mão,
Para sangrar o canario
Na veia do coração.
A' primeira lancetada,
O canario desmoreceu,
A' segunda lancetada,
Bateu azas e morreu.
Veiu de lá um pintasilgo
Cantando com todo o luxo;
Mas o gato da vizinha
Bateu com elle no bucho.

B

Os sacramentos do amôr

O primeiro é o *baptismo*,
Eu tambem fui baptisado,
Foi palavra que Deus disse,
Por isso estou descançado.
Segundo *confirmação*,
Confirma amor na verdade,
Se eu te quero bem ou não,
Isso só Deus é que o sabe.
Communhão é o terceiro,
Quem communga é bom christão,
Eu trago a Deus na minh'alma
Trago a ti no coração.
Quanto ao quarto é *penitencia*,
Penitente eu tenho sido,
Não é só amar-te muito,
Mas trazer-te no sentido.
Lá o quinto é *extrema-uncção*,
São palavras em latim;
Tu és a rosa mais bella
Que criei no meu jardim.
Sabemos que o sexto é *ordem*,
Tenho ordem de te prender
Na cadeia dos meus braços,
Porque mais não pode ser.
Matrimonio é o setimo,
Significa dar a mão,
Já se não pode apartar
Uma rosa de um botão.

C

Os sentidos do amôr

Primeiro de certo é *ver*,
Sempre é esse o meu desejo;
Olho por um e outro lado,
Cá por mim nunca te vejo.
Já o segundo é *ouvir*
Eu por mim não ouço nada,
Senão suspiros e ais
Que se m'apartam d'est'alma.
O terceiro é *cheirar* bem
Um raminho de alecrim;
Todas as paixões s'acabam
Só a minha não tem fim.
Quanto ao quarto esse é *gostar*,
Mas que gosto posso eu ter;
Ausente do bem que adoro
Mais me vale já morrer.
O quinto é *apalpar*,
Só em ti apalparei,
Se fores firme e constante,
Só morto te deixarei.

D

A viuva casadoira

Maravilhas do meu velho
Tenho eu para contar:
Que me deu real e meio
Para vestir e calçar;
Comprasse um manteu novo,
Uma saia côr do mar,
E comprasse tambem carne,
Para domingo jantar;
E tudo que sobejasse
Lhe tornasse a entregar.

Levantei-me p'la manhã
Para fazer o meu jantar,
Achei o meu velho morto,
Entre as portas do quintal;
Logo chamei p'las vizinhas,
M'ajudassem a chorar.

Oh! irmãos da Misericordia,
Que meu marido levais;
Despegai-o da parêde
Não se me pegue aos portais;
Fazei-lhe cova bem funda,
Sete varas de medida,
Que o velho é muito manhoso,
Não torne ainda a cá vir.

Puz depois o meu manteu,
Fui vel-o a enterrar;
Não sei s'ouvi lá dizer:
A viuva quer cazar.

E

O pranto d'uma viuva

—O' vizinha, tem lá lume?
—Suba acima, venha ver
—Vizinha vossa mercê
Tem cá seu homem môrto!
—E' que estendeu o canelo
Hontem mesmo ao sol posto.
—Vizinha, vossa mercê
Vai mandal-o enterrar?
—E' que elle não é prezunto
Que se possa ir salgar.
—Vizinha, vossa mercê
Manda-lhe fazer officio?
—Mandarei com certeza
Se houver modos para isso.
—Vizinha, vossa mercê
Ha de estar apaixonada?!
—Nem por isso minha qu'rida,
Pouco sofro ou quasi nada!

F

O perfil d'uma rapariga

Sois cómo a cobra viveira,
Feita de mil circumvalações,
Dai-me licença, menina,
Que bem lhe noto as feições.

Eu começo pela cabeça,
Aos pés irei acabar;
Com licença da menina,
Já principio a notar.

Esse seu lindo cabello,
Penteado de continuo,
D'aqui m'está parecendo,
Moedinhas de ouro fino.

A fita com que o atais
Lantejoulada de flores,
Revela a quem a mostraes
A firmeza nos amores.

A vossa testa é um espelho,
Aonde o sol se vai mirar,
Ahi vai pedir licença
Dos raios que ha-de deitar.

Sobrancelhas como as vossas
Impossivel é havel-as,
Parecem laços de fitas,
Qu'encobrem vossas orelhas.

Vossas orelhas, menina,
São tão lindas, engraçadas,
Que dão graça á vossa cara,
Andando bem asseiadas.

Vossos olhos são dois raios,
D'aquelles mais penetrantes,
Com elles vós sujeitaes
Os mais rebeldes amantes.

O vosso nariz é um cravo,
Recolhido do craveiro,
Com elle significaes
Um amor bem verdadeiro.

Vosso rosto é uma pera,
Uma pera bem madura,
Colhida no mez de agosto,
E' a propria doçura.

A vossa bocca, menina,
Tem uma grande virtude,
Pois os vossos proprios beijos
De noite me dão saude.

P'lo que vejo os vossos labios
São dois bagos de romã,
Ai quem me dera beijal-os,
Em jejum, e p'la manhã!...

Tendes os dentinhos ralos,
Mettei cravinhos no meio,
P'ra que todos possam ver
Na vossa bocca o asseio.

A vossa lingua, menina.
E' de prata bem batida;
Eu hei de casar comvosco,
Ainda que eu perca a vida.

A vossa barba é com'a lua
La no ceo bem embutida,
Quem me dera a mim ver
Minha sorte definida.

Vossos hombros engraçados
(Engraçados que elles são!)
São apoio desses braços,
Firmeza das vossas mãos.

Essas mãos são de fino oiro,
Os dedos de bella prata,
As unhitas de marfim,
E' isso que mais me mata.

Vosso pescoço, menina,
E' ornado de um cordão;
Já que prendestes minh'alma
Soltai-me meu coração.

A forma d'esse colleite,
E' o que mais me namora,
Revela coisas bonitas,
Lá por dentro e cá por fora.

Delicada de cintura,
Fostes feita a meu prazer,
Rosa que tanto se apura,
Faz transtorno ao meu saber.

Da cintura cá p'ra baixo,
Té á roda do joelho
Et cetera ... ponto em bocca,
Isto vale um bom conselho.

Do joelho cá p'ra baixo,
Só governa a bella meia,
Dizei baixinho, meu anjo,
Se lá vou depois da ceia.

Se vossas pernas são claras,
São claras e bem alvinhas,
Isso não sei eu dizer,
Nunca as vi ao pé das minhas.

Vossos pés são d'oiro fino,
São d'oiro puro e mais não,
D'oiro toda sois formada,
Prenda do meu coração.

Com fios d'oiro comecei
A notar os vossos sinaes,
Pois que, menina, sois d'oiro
Oiro sois e assim ficaes.

G

Canção da Engeitada

Não conheço pae nem mãe,
Nem n'esta terra parentes,
Sou filha das pobres hervas,
Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,
Foram-se todos os meus,
Entre os filhos da desgraça,
Só tenho a graça de Deus.

Caridade abriu-me os braços,
N'elles meus olhos abri;
Nem tem o mundo outro amparo,
Para me amparar a mim.

Vivo como em terra extranha,
Não conhecendo ninguem,
Vivo como peregrino
Que vê tudo e nada tem.

Em toda a terra não acho
Quem por mim conceba dó,
A não ser a caridade,
Com quem vivo triste e só,

Caridade, ai caridade!
Alivio da minha dôr;
Para pagar teus afectos,
Só tenho prantos d'amôr.

H

A confissão de uma jovem

Fui á minha freguezia
Fui-me lá a confessar,
Joelhei-m' aos pés do padre,
Repeitando o seu logar.

— Ouve, padre, as minhas culpas!
— Oh, filha, dil-as com dôr.
— Meu padre não deixarei
De adorar o meu amôr.

O padre me perguntou:
Filha, tens algum amante?
Eu logo lhe respondi:
Um mancebo, mui galante.

— Oh! filha, deixa-te d'isso!
Dessa terrivel paixão!
Ama somente a um Deus
Com um terno coração.

— Não, senhor, meu padrezinho,
Não, senhor, não pode ser,
Hei d'amar o meu bemzinho,
Hei de amal-o até morrer.

— Olha, filha, que ha um Deus
Que castiga com rigor;
— Tudo isso creio, meu padre,
Mas não deixo o meu amôr.

— Olha, filha, que ha inferno
Com um fogo abrazador,
P'ra queimar todos os amantes,
Que não deixam o seu amor.

— N'esse inferno que'eu estivesse,
N'esse fogo abrazadôr,
Té ali mesmo eu diria:
Eu não deixo o meu amôr.

— Se não deixas teu amôr
Eu te dou por penitencia,
D'o veres nos braços d'outra
Com bastante paciencia.

— Olha o padre! Em qu'elle deu!
A tornar-se pregadôr!
Va pregar lá aos herejes,
Que eu não deixo o meu amôr.

I

Amphiguris

Indo eu caminho abaixo,
Por um caminho que não vi,
Encontrei a minha cabra,
Cabra que não era minha.
Eu vi pereiras com maçãs,
Subi, colhi avelãs
Vem o dono das romãs:
Que lhe importam essas uvas
Qu'estão em faval alheio?
Abaixei-me por um torrão,
Joguei-lhe com um melão,
Foi bater-lhe num artelho,
Fiz-lhe sangue n'um joelho.
N'esta idade qu'inda tenho,
Ninguem viu mais do que eu,
Vi até entr'uma hora,
A cidade de Vizeu.
Vi a torre de Almeirim,
Lutar com uma formiga,
Qual de baixo qual de riba,
Fez-lhe sangue na barriga;
Acolheu-se a uma toca
De lá veiu uma minhoca.
Sete porcos vi na eira,
Debulhar um calcadouro,
Tudo isto eu vi jogar,
E mais o jogo do toiro.
Tambem vinha na companha
Uma loba pedir p'ra presos,
Com sete saccas de novelos,
Nas ancas de um carrapato,
Tambem no caminho vi,
Um pisco a vender tabaco.

J

Outro

Quem tem olivas tem uvas,
Quem tem uvas tem azeite,
Quem tem cabras tem toucinho,
Quem tem porcos vende leite. (26)

K

Profecia de um mouro de Granada

(1510)

Lá para tempos vindouros
Grandes festas se verão,
Pasmarão as gentes todas
Com grande admiração.

Porem não naquelle reino
Que por Deus foi escolhido,
Será esse vencedôr,
Vencedor e não vencido.

Não t'assustarás d'o ver
Espezinhado e cativo,
Por causa daquelle rei,
Que fazem morto e é vivo.

A Europa amotinada
Andará toda inquieta,
Oprimida de tal ver,
Andará de bocca aberta,

As gentes se temerão,
Da infernal galia gente,
Que vive sem lei nem rei,
E toda impenitente.

Nesse reino desgraçado,
Que despreza Deus e lei,
Se verá, ou eu m'engano,
Matarem o proprio rei.

Isto que eu digo, é verdade,
E assim ha de acontecer,
O matarem-se uns aos outros,
Porque Deus assim o quer.

Depois ha de saquear
Da Europa muita parte
Uzando do grand'engano
P'ra tudo teem geito e arte.

Tempos hão de vir de lá,
Lá par'os annos futuros,
Em que a gente luzitana,
Levantará os seus muros.

Ha de logo destruir
Tod'essa gente infernal,
Só ella e mais ninguem
Ha de punir todo o mal.

Isto que digo ha de ser,
Segundo tenho entendido
Da Lusa, Galia e Leão,
O seu reino promettido.

Ao grande rei lusitano
Que por Deus foi escolhido,
O que foi manifestado,
Ha de ser acontecido.

A elle foi promettida
A quinta c'rôa imperial,
E a todo o seu descendente
Que fosse na fé leal:

Lá, alem, numa ilha
Onde Deus o quer guardar,
De lá mesmo elle ha de vir,
Segunda vez a reinar.

E dentro das cinco quinas,
Quem bem souber contar,
Quando isto acontecer,
Ellas o ham-de mostrar.

Quando isto muitos lerem
Disto muitos zombarão;
Mas quando virem que é certo,
Que não minto saberão.

Todo o poder do mundo
Com elle combaterá
E toda la redondeza,
Ao seu fogo arderá.

E se quizerem saber
Quand'isto ha-d'acontecer
Repara nas cinco quinas
Qu'a Portugal dão o ser.

Nellas com toda a verdade
Saberás o tempo certo
Em que bem facil dará
Todo aquelle que fôr esperto.

Se quizeres saber o tempo
Em qu'isto ha d'acontecer,
«Quando em Portugal reinar
Em logar d'homem mulher».

A vinda do lusitano
Pouco depois tardará
Virá o rei Encoberto
Qu'ao mundo leis dará.

Na era de sete e dois
Mais cinco, quatro e tres
Feliz de ti, Portugal,
Qu'então de certo *o* vês.

Todos ham de s'alegrar,
Sentindo novo conforto,
Vendo entrar em Portugal,
Vivo quem julgavam morto.

Aqui tens, ó Portugal,
Toda a gente a ti rendida,
E a corôa imperial
Lá na Africa perdida. ([27])

XXXVII

Silva de cantigas populares luzitanas

Cantigas são pataratas:
São vozes, leva-as o vento;
Quem namora por cantigas
Tem falta de entendimento.

Não sei se cante, se chore,
Par'alivio de uma pena;
Cantando tudo me esquece,
Chorando tudo me lembra.

Quem me dera ver agora
Quem a minha alma deseja,
Quem os meus braços apertam,
Quem a minha bocca beija.

Do ceu caiu um suspiro
No ar se desfarinhou;
Quem neste mundo não ama,
No outro se não salvou.

Tu dizes que me não queres,
Atira-me áquella rua,
Virá outro que me queira,
E dirá que não sou tua.

Privar-me de que eu te veja
Isso, meu bem, pode ser;
Mas privar-me de que eu te ame,
Só Deus tem esse poder.

Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia,
Do homem nasce a riquesa,
Da mulher a paciencia.

Fui a casa de um ferreiro
Só p'ra ver malhar o ferro,
Trouxe o coração partido
Das pancadas do martello.

Se o mar tivesse varanda,
Ia te ver ao Brazil,
Mas como o mar a não tem,
Amor, não posso lá ir.

Se tu soubesses, amôr,
Quanto eu te quero bem,
De certo não amarias
Neste mundo mais ninguem.

Se fores p'ra Pernambuco
Leva contas p'ra rezar;
Pernambuco é Purgatorio,
Onde as almas vão penar.

Eu prendi o sol á lua,
A campainha ao seu sino;
Meu coração só se prende
Em uns braços de ouro fino.

Dos teus braços, lá p'ra dentro,
Quem me dera amor já ver,
P'ra dizer-te que já tive
Glorias antes de morrer.

Subi ao ceu por uma linha,
E desci pelo retroz,
Fui buscar a salvacão,
Para mim e para vós.

Eu perdido, tu perdida,
Dois perdidos, que farão?
Juntemo-nos os perdidos,
Demos fim á perdição.

Tira-me a setta do peito,
Deixa o meu sangue correr,
Se tu por mim dás a vida,
Eu por ti quero morrer.

Eu escrevi a Cupido
Mandando-lhe perguntar,
Se um coração offendido
Tinha obrigação de amar?

Cupido me respondeu
Nas costas da petição:
Um coração offendido
Não tem tal obrigação.

O' minha bella menina,
De noite sonho comtigo,
Sem me ver nesses teus braços
Não sei se morro, se vivo.

Tu conselhos não os queres,
Vaes á lei da natureza;
Quando remedio não tenhas,
Então dirás: *bem me pesa.*

Por te amar mandei fazer
Lindos lenços de papel;
Eu sempre para ti tão firme,
Tu para mim sempre cruel.

Se eu soubesse, Joanninha,
Que tu eras fiandeira,
Mandava vir lá do Porto
Um tear de larangeira.

A rosa, depois de secca,
Foi-se queixar ao jardim;
O cravo lhe respondeu:
Tudo no mundo tem fim.

O' rosa, tres vezes rosa,
O' rosa feita de cêra!
Quem fosse brasa de lume,
Rosa, quem te derretera!

O' Rosa, jámais consintas
Que o cravo te ponha a mão;
Porque a rosa enxovalhada
Perde toda a estimação.

Que lindos botões de rosa
Que aquella roseira tem,
Debaixo ninguem a alcança,
Acima não vai ninguem.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé duma rosa aberta;
O meu amor p'ra comigo
Já não tem palavra certa.

Tenho o meu coração tinto
Com a tinta do tinteiro;
Esse teu está reverdido
Como os limos do ribeiro.

Meu coração é relogio,
Mas o teu dá badaladas,
No dia em que te não vejo,
Trago as horas bem contadas.

Rosa branca, toma côr
Não sejas tão descorada;
Ante uma rosa vermelha
Não vale a branca nada.

O' Rosa, se tu morreres
Do que ha de ser a mortalha?
Ha de ser da mesma rosa
Qualquer alfaiate a talha.

Pela rua corre a agua,
Em casa me nascem flores;
Deixaste-me em bom tempo
Não me faltarão amores.

Se pensas, por me deixares,
Que hei de me vestir de luto....
O que tu fizeste agora
Devêras ter feito ha muito.

Choro sem consolação
Quer de noite quer de dia
Em considerar que foi falso
Quem tão firme se fazia.

O annel que tu me deste
Era de vidro, quebrou-se.
O amor que já te tinha
Era pouco e... acabou-se.

Tenho um amôr, tenho dois,
Tenho tres, não é defeito;
Tenho tantos quantos quero
Que me faça bom proveito.

O *a*—quer dizer—amôr
O *p*—quer dizer—pedir
O *f*—que faça favôr
D'á minha casa não vir.

Puz-me a chorar saudades
Ao pé de uma fonte fria;
Mais choravam os meus olhos
Que agua da fonte corria.

Passarinho que cantais
Nesse raminho de flôres,
Cantai vós, chorarei eu,
Assim faz quem tem amôres.

Quem tem amores não dorme,
Quem não os tem adormece;
Quem os tem ao longe chora,
Quem os tem ao pé padece.

Não quero nada do mundo
Senão uma sepultura,
P'ra sepultar os meus olhos,
Que nasceram sem ventura.

Dizes que não pode haver
Um coração repartido;
Muitos namorisco eu
Só em ti tenho o sentido.

Coração que dois adora
Que firmeza pode ter?
Só se fôr coração de homem,
De mulher não póde ser.

O papel em que te escrevo
Sai-me da palma da mão,
A tinta me cai dos olhos,
A penna do coração.

Já não ha papel em Coimbra,
Nem tinta nesses conventos,
Nem pennas desses pavões,
Que escrevam meus sentimentos.

O annel que tu me deste,
Quinta-feira da Assenção,
Fica-me largo no dedo
Apertado no coração.

Abre o meu peito á esquerda
E na fenda mette a mão,
Acharás teu nome escrito
No meu terno coração.

Abre-te meu peito e fala,
Coração salta cá fora,
Anda ver o meu amôr
Que chegou aqui agora.

Quando os meus olhos te viram
Meu coração se alegrou,
Na cadeia dos teus braços
Minha alma presa ficou.

Ai que triste despedida
Que me fez o passarinho!
Deu-m'um triste adeus, cantando,
Deixando as pennas no ninho!

Eu chorando, vou regando
O pé de todas as flores,
Como quem quer e não pode
Gosar bem dos seus amôres.

O correio do meu sentido
Traz novas do meu auzente;
Não me tragas novas tristes,
Novas tristes as tenho sempre.

Inda sou quem era d'antes
Inda sigo os mesmos passos;
Quando chego á tua rua
As pedras p'ra mim são laços.

Anda cá cidra, consídera,
Ai cidra, consídera bem;
Depois da cidra partida
Remedio nenhum já tem.

Toma lá esta laranja
Que inda hontem foi colhida;
Quem te dá esta laranja
Dá-te mesmo a propria vida.

Andas abaixo e acima
Como o retroz na balança;
Se não vejo o meu amor,
Meu coração não descança.

O mar a Deus pediu peixe,
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riquezas
A mulher—a formosura.

Se ouvires dizer que eu morri
Não tenhas pena, meu bem,
Que a morte de um desgraçado
Não deixa penas a ninguem.

Se fores domingo á missa
Põe-te em logar que te veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão pela egreja.

O amôr quando se encontra
Té mette susto e dá gosto;
Sobresalta o coração,
Sobem as côres ao rosto.

Os olhos ao ceu levanto!
Lagrimas vejo correr!
Minha dôr não tem alivio
Justos ceus! Hei de morrer!

As estrellas miudinhas
Teem o ceu bem composto,
Assim são as bexiguinhas,
Menina, nesse teu rosto.

Tira-te dessa janella
Cara linda, bexigosa,
Cada bexiga é um cravo
Cada signal uma rosa.

O' luar da meia noite
Tu és o meu inimigo!
Chego á porta de quem amo
E não posso entrar comtigo.

Quem disser que o preto é gala
Entende pouco de côres,
Eu amei dois olhos pretos,
Ambos me foram traidores.

Quem disser que o verde é feio
E' de certo porque mente,
Nunca vi jardim com flores
Onde a côr verde não entre.

Eu amei a um ingrato,
Que mui mau pago me deu;
Não me falem nesse homem
Que p'ra mim elle morreu.

O' mina, quem te minasse
Toda por baixo do chão!
O' amor quem te lograsse
Sem haver murmuração!

O cravo tem sete folhas
A açucena uma só;
O amar-te ás escondidas
Só paciencia de Job.

Choras porque me ausento
Eu vou ali logo venho
Quanto mais longe de ti,
Mais amisade te tenho.

O cravo tem vinte folhas
A rosa tem vinte e quatro
Anda o cravo em grave demanda
Porque a rosa tem mais quatro.

Ai meu coração afflicto
Não ha outro igual ao meu!
P'ra penas ainda vive,
E p'ra allivios já morreu!

Meu coração veste luto
Mas não o sabe ninguem,
Passa penas encobertas
Causadas por ti, meu bem.

Fui á fonte beber agua
Achei um ramo de flores;
Quem o perdeu tinha sêde
Quem o achou tinha amores.

O' Rosa, vem já comigo,
Pede licença ao teu pae;
Que teu pae é meu amigo
E diz logo: Rosa, vai.

Ande cá, meu bem perdido
Tão perdido vós andais!
Ande par'o meu peito
Que podeis perder-vos mais.

Eu tenho á minha porta
O que tu não tens á tua:
Um vaso de violetas
Que dão cheiro a toda a rua.

Eu subi o altar mór
Accendi velas ao trono,
Mais tolo é quem se mata
Por cousas que teem dono.

Em tempos que eu era amante,
A's vezes acontecia
Eu dar passos de marchante,
Em vez de ganhar perdia.

O' José, bocca de cravo,
Cintura de capitão,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

Tenho dentro do meu peito
Um cannivete dourado,
P'ra partir o pão de ló
No dia do teu noivado.

Viva o noivo m'al a noiva,
E seu acompanhamento,
Viva a senhora madrinha,
Já que foi a seu contento.

O' José, meu carpinteiro,
Faze-me um carro de flores,
Eu quero ir esta tarde,
Visitar os meus amores.

Alto, pinheiro brilhante,
Deita bandeira, se queres;
Onde ha batalha de amores
Quem vence são as mulheres.

O' meu jardim da Italia
Quem colheu o doce fructo?
Amo-te porque te quero,
Deixar-te, custa-me muito.

Se eu tivesse, não pedia
Cousa nenhuma a ninguem,
Mas, como não tenho, peço
Uma filha a quem a tem.

Já te podia ter dado
Chita par'um casabeque,
Mas ao mesmo tempo digo
Quem te lograr que t'o merque.

Se meu amor ama duas,
Alguma traz enganada,
Eu sou grossa p'ra palito
Pergunte outra mais delgada.

Fui ao jardim colher flores
Achei a porta fechada;
Encontrei o meu amor:
Era o que eu mais desejava.

O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amante
Agora ninguem o ama.

Eu queria-te bem deveras
Amava-te loucamente
Conheci que m'eras falso
Retirei e fiz-me auzente.

Não sei se acredite ou não
Se teu amor é fingido;
Passas perto, não me falas
E's ingrato conhecido.

Se a oliveira falasse
Ella diria o que viu:
La debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.

Se eu pudesse pelas estrellas
Mandar cartas ao meu bem,
Eu seria entre os amantes
Mais leal do que ninguem.

Se eu chorando recup'rasse
Um amor que anda arredio,
Chorariam os meus olhos
Lagrimas de fio a fio.

Ponha aqui o seu pezinho
Ponha aqui ao pé do meu;
Ao tirar o seu pézinho
Ai Jesus que lá vou eu!

Tenho dentro do meu peito,
Chegadas ao coração,
Duas letrinhas que dizem:
Morrer sim, deixar-te não.

Tenho dentro do meu peito
Dois moinhos a moer,
Um pára, o outro moe,
E assim é o bem querer.

Alecrim ao pé da agua
Sempre se está bandiando,
Um amôr ao pé do outro,
Sempre se s'estão namorando.

Eu hei de te amar, menina,
Quando a silva der limões,
Os limões derem couves,
Alfaces maracutões.

Tenho dito á larangeira
P'ra que não dê já mais flôres:
Posso passar sem laranjas
Como passo sem amôres.

O amôr quer-se rogado,
Eu não o rogo a ninguem,
Arrenego do amôr,
Que a poder de rogos vem.

Amôr de quem não pretendo
Dou com o pé p'ar'alem,
Que assim faço ao sapato
Quando ao calço me não vem.

O cipreste não se rega,
Da mesma frescura nasce,
Quem é firme não se muda,
Por mais martirios que passe.

Esta noite sonhei eu
Que te tinha nos meus braços;
Acordei, achei-me só.
Oh! mal hajam sonhos falsos.

Esta noite sonhei eu
Que me morreu o meu bem;
Acordei, pedindo a Deus
Que me levasse tambem.

Esta noite dormi eu
A' porta do meu amôr;
Das pedras fiz cabeceira
Das estrellas cobertôr.

Querem á força de inveja
O nosso amôr separar;
Eu sou firme, tu constante
Deixa o mundo lá fallar.

Manda a sorte separar-me
Dos teus doces braços, qu'rida,
Que triste separação!
Oh que cruel despedida!

Quando o amor anda auzente
Mais aperta o doce nó;
Eu sou firme, tu constante,
Nós ambos somos um só.

Auzente de ti, meu bem,
Sempre estou a suspirar;
Esta paixão do meu peito
Já a não posso olvidar.

Amorzinho, vamos, vamos
A' egreja dar a mão;
O tapar a bocca ao mundo
E' a nossa obrigação.

Senhor padre, eu pequei
E fiz um grande peccado,
Em dar numa sexta-feira
Beijos ao meu namorado.

Cada vez que vejo vir
Gaivotas á beira mar,
Creio que são os meus amores
Que me desejam falar.

D'aqui donde estou bem vejo
Folhinhas a dar, a dar;
Assim visse o meu amor
E lhe pudesse fallar.

O rocho é sentimento
Bem sentida que eu estou;
Acho já que é grande asneira
Amar a quem me deixou.

Suspiros caem no chão,
Fazem grande motinada,
Bem sei eu quem dá suspiros,
Que lhe não servem de nada.

Inda que me ponham settas,
Como em São Sebastião,
Nunca deixarei de amar
Quem eu trago no coração.

O meu amor está doente
N'um leito de laranjeira,
Nosso senhor o visite,
Eu não posso inda que queira.

Fui ver se estavas doente,
Recostei-me ao teu leito,
Levanta-te, vem comigo,
Roubador d'este meu peito.

Eu hei de mandar fazer,
Pois não posso fazer tudo,
Um cofre de paciencia
Só para viver n'este mundo.

Oh meu amor se eu morrer
Enterra-me a um cantinho,
Deixa-me a bocca de fóra,
P'ra te atirar um beijinho!

Esses teus cabellos louros,
Pelas costas espalhados,
Parecem madeixas d'ouro,
Com fitas de prata atados.

Oh morte! tyranna morte!
Que eu de ti tenho mil queixas!
Quem has de levar não levas,
Quem has de deixar não deixas.

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não gaste
As tranças do meu cabello.

Ai triste da minha vida!
Ai triste do meu viver!
P'ra que quero eu esta vida
Se eu nasci só p'ra morrer!

Já não sei o que é ventura,
Já não sei o que é prazer;
A tristeza me acompanha
Com desejos de te vêr.

Se eu tivesse pennas de ouro
Resmas de papel de prata,
Lá punha as ingratidões
Com que o meu amor me trata.

Não me jogues com pedrinhas
A' barra da minha saia,
Não supponhas que sou filha
D'algum marujo da praia.

Se me amas deixa vêr,
Deixa ver teu lindo rosto,
Tenho muitas que não quero
Só em ti eu faço gosto.

Tenho dentro do meu peito
Duas escamas de peixe:
Uma diz que te não largue
Outra diz que te não deixe.

No adro já nascem silvas
Já não ha passeiadores
Já não ha aqui quem veja
Passeiar os meus amores.

Menina, tu és a tumba,
Eu serei o corpo môrto,
Não se me dava morrer
Sendo tumulo o vosso côrpo.

Chamaste-me castelhana,
Eu em Castella nasci,
Tomáras tu uma dama,
Castelhana como a mim.

Atirei com balas d'ouro
A' janella do priôr:
Ai de mim que estou perdida
Lá matei o meu confessor.

Inda que eu queira não posso,
Lindo amôr, falar comtigo,
Pois tenho guardas á porta
Sentinellas ao postigo.

Aperta-m'esses meus dedos,
Té que eu diga: deixa amôr;
Quem mais aperta mais quer,
Quem mais quer mais sente a dôr.

Dizes que as minhas mãos picam
Ao pé das tuas mimosas,
Tambem a rozeira pica
Em quem vae colher as rosas.

Aqui tens a minha mão,
E junta palma com palma,
Entra dentro do meu peito
Toma posse da minha alma.

Considera amôr que eu durmo
Numa cama de martirios,
Adormeço, dando ais,
Acordo, dando suspiros.

E' noite, meu bem, é noite,
Cedo vem a escuridão,
Cá p'ra mim é sempre noite,
No meu pobre coração.

No portal da minha porta
Vejo sempre que horas são:
São quartos par'o meio dia
Horas de vir o João.

Saudades, saudades!
Mais saudades tenho eu!
Quem não ha de ter saudades
D'um amôr que era só meu.

Ai, olhos da minha cara
Não olhem para ninguem!
Que eu não quero ter na cara
Olhos que offendam alguem.

Lindos olhos tem a cobra
Quando olha de repente;
Mais vale um bom desengano
Que andar enganando sempre.

Quero casar, mas não posso,
Minha fala não me ajuda;
Morreu-me o meu pai, ha pouco,
Sou filha de uma viuva.

Eu não sei que mal eu fiz
Ao traidor do meu amôr,
Passa perto, não me fala,
Tira o chapeo a rigôr.

Chapeo de meia moeda
Ninguem o tem senão eu;
Chapeos de moeda e meia
Tem o meu amôr, mais eu.

Vá de roda, vá de roda,
Vá de roda com valôr,
Esta noite embarco eu
Nos braços do meu amôr.

Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos;
Accordei, achei-me só
Puz-se a lamentar desejos.

Esta noite sonhei eu
Que te estava dando abraços;
Accordei, achei-me só;
Fiz o lençol em pedaços.

Lindos olhos de pau preto,
Nariz de penna aparada,
Dentes de letra miuda,
Bocca de carta cerrada.

Vai-te carta venturosa
A's mãos do amôr vai ter;
Carta, poe-te de joelhos
Até que te queiram ler.

Jurei pelo junco verde
Que é a jura do pastôr:
Não ha casada sem fézes
Nem solteira sem amôr.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado,
Tenho meu peito mal ferido
De me encostar ao cajado.

Toda a vida fui pastor,
O meu gado eram ovelhas,
D'aquellas que vestem saias,
Põem brincos ás orelhas.

Minha mãe é joeireira,
Faz joeiras a vintem,
Ganha cinco reis por dia
Passa a vida mesmo bem.

Sobrancelhas como as tuas
Impossivel é havel-as:
São laços de fita preta,
Com que prendes as estrellas.

Hei de te amar com ciume
Só p'ra te fazer raivar,
Não hei-de casar comtigo,
Nem te hei deixar casar.

Puz-me a contar as estrellas
Só a do norte deixei,
E por ser a mais bonita
Comtigo a comparei.

Joguei o limão correndo
A' tua porta elle parou;
Quando o limão te quer bem
Que fará quem o jogou.

Quero-te bem, tenho-te odio,
Olha amôr a minha graça!
Quero-te bem porque és minha
Tenho-te odio porque és falsa.

Pequenina, redondinha,
Assim se quer a mulher;
Delicada na cintura
Que caiba por um annel.

Eu amei dois amores,
Deixei um por não ter geito,
Agora nem um nem outro,
Foi um cabaço bem feito.

Oliveira traduz paz,
Que se dá aos bem casados,
Palma benta aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

Não vi ribeira sem agua,
Nem praça sem pelourinho,
Nem donzella sem amores,
Nem padre sem beber vinho.

Semeei no meu quintal
Salsa, coentros e goivos;
Já que sômos namorados,
Sejamos tambem noivos.

Amor façamos as pazes
Como foi da outra vez;
Que o bom Deus tudo perdoa
Das duas até ás tres.

Anda cá, meu bem, não fujas,
Que eu não como gente viva,
Se tu me não queres amar
Valha-te Deus! quem te obriga?

Eu bem sei quem tu amas
Ingrata és! Por que negas?
Se eu viver e tu viveres
Veremos em quem t'empregas.

A fita do meu chapeu
Chega a nó e não a laço;
Não faças caso de mim
Que eu de ti tambem não faço.

Andas vestida de luto,
Vestida á honestidade;
Deixa-te andar, meu amor,
Que andas á minha vontade.

Se eu soubesse quem tu eras
Amar-te-ia ou talvez não;
Agora não ha remedio,
Padece o meu coração.

Não venhas á minha rua,
Nem te ponhas ao meu canto;
Não venhas ferir os olhos
D'aquella que te amou tanto.

Saudades te persigam
Que te não possas valer,
P'ra que saibas, ó ingrata,
Quanto é custoso o bem qu'rer.

Minha mãe p'ra me cazar
Prometteu-me quanto tinha;
Depois de me ver casada
Deu-me um prato de farinha.

Eu não sei que faz o sol,
Que não dá na minha rua,
Hei de me vestir de branco
Que de branco anda a lua.

O' morte vem e não tardes,
D'ella não me atemoriso,
O' anjo da minha guarda
Dá-me um pequeno aviso!

Toda esta noite eu ando
A' busca da madrugada,
Fui achal-a á tua porta,
Raios do sol, manhã clara.

A côr azul é ciume,
Eu por ti sou ciumenta,
Em te vendo ao pé d'alguem,
Meu coração arrebenta.

Tenho tres lenços de seda,
Um roxo, dois encarnados,
Tambem tenho tres amores,
Um firme, dois enganados

O' José, ó Josezinho,
José falso enganador,
Enganaste-la menina,
Com palavrinhas d'amor.

Já se quebraram os laços
Com que presa me trouxeste,
Já lograste amores novos,
Foi favor que me fizeste.

O' minha pombinha branca
Não venhas ao meu quintal,
O meu pae quer dar-te um tiro,
Não te posso ouvir matar.

Quero morrer que é meu gosto,
Acabar é meu regalo,
Quero ser como a pombinha,
Que morreu ao desamparo.

Antonio, José, João,
Estão por mim a suspirar,
Com qualquer d'elles que seja
Tró-ló-ró quero casar.

Esses teus olhos, menina,
São confeitos, não se vendem,
São balas com que me atiras
São cordas que bem me prendem.

O' meu amôr, jura, jura,
Faze uma jura bem feita,
Jura aqui que me darás
Na egreja a mão direita.

Se eu tivesse a liberdade,
Que o sol e a lua teem,
Entrava pelas vidraças
Sem licença de ninguem.

Daqui donde estou eu vejo
Dois botões de rosa abrindo:
São os olhos do meu bem
Que p'ra mim s'estão sorrindo.

Sepultura, sepultura,
Quantos corpos tens em ti!
Já lá tens o meu amôr
Quando me levas a mim?

Desde que o mundo é mundo,
Muita gente tem morrido;
Nem no mundo fazem falta,
Nem o ceu se tem enchido.

Meu amor, quando se foi,
Nem só um ai pôde dar:
Apertou-me a mão e disse:
Quem te podéra levar.

O Pedrinho anda no mar
Lá em roda da fragata;
Se o senhor gosta de mim
Do casamento se trata.

A rola que vai rolando
Onde irá fazer o ninho?
No convento do Santo Antonio
Ou na cella de algum fradinho.

Dei um ai, aliviei;
Dei outro, puz-me a chorar
De me ver em terra alheia,
Fora do meu natural.

Dei um ai lá entre os valles,
Responderam-me as montanhas,
Ai Jesus! Que eu já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

Que me serve a mim dar ais,
Romper o ceu com gemidos,
A distancia é muito grande,
Os ais não são lá ouvidos.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
As ondas do mar azul,
De luto o meu coração.

As ondas do mar são brancas,
Tudo no mar é alvura,
Entre todas as mulheres,
Só a Virgem ficou pura.

Quando um dia te jurei,
Dei o meu peito á paixão,
Em paga da fé jurada
Deste-me o teu coração.

P'lo brilhante sol que nasce
Para amparo do vivente,
Eu juro que te hei de amar
Desde hoje até sempre.

Trago terra na algibeira,
Agua fechada na mão,
Quero dispôr uma rosa
Dentro do teu coração.

Sette estrello, sol e lua,
Tudo no mar embarcou,
Só p'ra ver o teu semblante;
O sol porém desmaiou.

Perguntei ao sol se viu
E á lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Um amor como este meu.

As estrellas responderam
Com toda a capacidade:
A belleza d'uma amante
Como a lua ninguem o sabe.

Se as lagrimas fossem pedras,
Que eu por ti tenho chorado,
Mandava fazer um forte
Lá no meio do mar salgado.

Auzente de ti, meu bem,
Vivo ha bastante tempo;
Não me podia Deus dar
No mundo maior tormento.

Aqui tens meu coração
Se o quizeres matar podes;
Olha que estás dentro d'elle
Se o matares tambem morres.

Esta rua é bem comprida,
Lá no meio tem um compasso;
Qual será o desgraçado
Que virá cair no laço?

Aqui tens esta laranja
Tira-lhe o sumo de dentro;
Da casca faze um barquinho
Mette n'elle o pensamento.

Tudo o que é verde se secca
Lá no rigor do verão,
Só as penas enverdecem
Dentro do meu coração.

Papagaio de pennas verdes
Empresta-me o teu vestido;
O teu vestido é de pennas
Penas trago eu comigo.

Tomára já cá domingo
P'ra ir á missa do dia
Só p'ra ver o meu amor
A' porta da sacristia.

Quatro flores em meu peito
Fizeram sociedade:
Lirio roxo, amor perfeito,
Perpetua e saudade.

Se teu pai te der paixões
D'este nosso bem querer,
Diz-lhe que me tens um odio
Que té me não podes ver.

Meu amor é estudante
Estuda p'ra medicina,
Quando lá vae para a aula
Diz sempre: adeus menina.

A capa do estudante
E' com'um jardim de flores,
Tem mais de dois mil remendos,
Cado um de varias cores.

O amor do estudante
Não dura mais de uma hora,
Toca o sino, vae para a aula,
Adeus — que me vou embora.

Meu amor é um alferes,
Traz banda de carmezim;
Lá por dentro do peito traz
Um raminho de alecrim.

Tenho uma dor de cabeça,
Que me faz caír no chão,
Se meu bem aqui estivesse,
Levantava-me pela mão.

Estou rouca, enrouquecida,
Mal haja la rouquidão,
Que me não deixa cantar
A' minha satisfação.

Antonio, meu lindo Antonio,
Capachinho de abanar,
Tu és o meu fogareiro,
Onde faço o meu jantar.

Se queres que eu cante bem
Dá-me pinguinhas de vinho,
Que o vinho é cousa santa,
Faz o cantar miudinho.

Vestem-se os campos de luto
Veem que vou de jornada;
Foi-se o meu amor embora,
Já não faço gosto em nada.

Vou-me embora, vou-me embora,
Vou-me embora já está dito;
Vou colher a rama ao cravo
E a flor ao mangerico.

Lá do ceu caíu um cravo
Quebrou o pé á açucena,
Vieste com tanta alegria
E estás com tanta pena.

Coitadinho de quem ama
Seu lindo amor em segredo,
Passa-lhe ao pé não lhe fala,
Não lhe olha por ter medo.

Não tenho dó de quem morre
Nem do pobre que não tem;
Tenho dó de um triste amante
Quando chega a querer bem.

E's abrunho na doçura,
E's uma ginja na côr;
A' amizade que eu te tenho
Ninguem sabe dar valôr.

Moreninha, és bonita,
Vermelha como o medronho:
Tu és a cara mais linda...
De noite comtigo sonho.

Não me namora o teu ouro
Nem a tua branquidão;
Namoram-m'esses teus olhos,
Menina: que pretos são.

Não me namora o teu ouro
Nem os brincos das orelhas
Namoram-m'esses teus olhos
Por baixo das sobrancelhas.

Alto caminho de neve,
Onde a flor de murta existe;
Se eu não logro esses teus olhos
Toda a vida andarei triste.

Dei um ai, aliviei,
Dei outro, cheguei-te ao pé,
O meu coração é teu
O teu não sei de quem é.

Já te podia ter dado
Uma fita que te aperte,
Agora tenho pensado
Quem te lograr que t'a merque.

Fui á fonte da sciencia,
Puz a mão na lealdade
Estava louca, sem juizo,
Quando te eu fiz a vontade.

Fui á fonte beber agua,
Debaixo da flor da murta,
Fui só p'ra ver teus olhos,
Que a sede não era muita.

Anda cá, senta-te aqui,
Tu n'uma cadeira eu n'outra,
Chorando nossa desgraça
Já que a fortuna é tão pouca.

Uma velha, muito velha,
Mais velha do que Saragoça,
Falou se-lhe em casamento
De velha se tornou em moça.

Quando nasci, nasceram
Quatro comigo, n'um dia,
Nasci eu e a *desgraça*
Tristeza e *melancolia.*

Se meu amor me quizesse
Como eu lhe quero a elle,
Uniam-se os corações,
Como o barro na parêde.

Dá vivas ao teu estandarte,
Que depois darei ao meu,
No fim se ouvirá dizer:
Qual foi o que mais venceu?

Em louvor de Deus começo,
Em louvor de Dens, amen,
Quem muito mal principia,
Não pode acabar em bem.

O' coração não te assustes
Onde ouvires cantadores;
Tira o teu chapeo e entra,
Pede licença aos senhores.

Quando eu aqui cheguei
Dei o chapeo a guardar,
Uma moça me enganou,
Outra não me ha de enganar.

Antonio, lirio, lirio
Fita preta nos calções
Se queres casar comigo
Manda arranjar os pregões.

Cuidas que por me deixares
Me dás algum desgosto?
São pratos da prateleira,
Tirados uns, outros postos.

O' candeia não te apagues
Que hei de dar um juramento:
A' luz d'aquella candeia
Se falou meu casamento.

Atrevido é o trevo
Que se enrola pelo trigo
Sim me attrevo, não me attrevo
A ter amores comtigo.

Eu julgava que a *rabaça*
Era filha de gente nobre;
E' uma herva do campo
Que arrebenta quem na come.

Se fores ao meu jardim
Não me toques no jacintho;
E' que as penas que elle passa
Deus o sabe e eu as sinto.

Naquelles mares lá fora
Tem meu pai um castanheiro,
Dá castanhas lá em maio
Melancias em janeiro.

Eu corri o mar em roda
Com a fatecha na mão,
Em o mar achei fundura
Só no teu coração, não.

Ferros d'El-rei são grilhões
Onde amôr é o mais forte;
Par'os ferros inda ha limas
Par'o amôr só a morte.

O' mar alto, ó mar alto,
O' mar alto sem ter fundo;
Mais vale andar no mar alto
Que andar na bocca do mundo.

Fui ao mar p'ra ver as ondas,
Puz-me a escrever na areia:
Não bastava casar pobre
Se não ter a mulher feia.

Cravo roxo á janella
Dá-me a mão, quero subir;
Que eu sou amor encoberto
P'la porta não hei de sair.

Não se me dá que tu andes
De mim deitando má fama;
Que eu sou como a oliveira
Que no ar conserva a rama.

O' meu amôr nunca digas
O que entre nós foi passado;
Deita-lhe terra por cima
Deixa ficar sepultado.

O' meu amôr não descubras
O teu segredo a ninguem,
Se o descobres ao amigo
Esse amigo outro tem.

Azeitona galeguinha
Que azeite pode render?
O homem que não tem barbas
Que palavra pode ter?...

Deitaste de mim má fama
E encheste o mundo todo;
Que me importa a mim cá isso
Se agua limpa não tem lôdo.

O' José que foste á feira
Nem um lenço me *trouveste;*
Nem os mouros da mourama
Fazem o que tu fizeste.

Se algum dia tu te vires
No tribunal das formosas,
Pega-te ás trigueirinhas
Que as brancas são enganosas.

A silva, se nasce em casa,
Sobe logo á cantoneira
Busque meu pae quem quizer
Que eu já tenho quem me queira.

Uma silva, duas silvas
Fazem uma matta cerrada;
Uma pica, outra arranha
Com silvas não quero nada.

Uma silva me prendeu
Outra me deu á prisão,
Ai Jesus, que eu já não posso
Soffrer tamanha paixão.

Alto pinheiro ramudo
Com bagas de ouro na ponta;
Perto está quem me quer bem,
Longe está quem me faz conta.

O' José, pinheiro verde,
Sombra de todo o verão;
P'ra que andas tu á calma
Tendo a sombra na mão.

Manoel é panno fino
Que se vai vender á feira;
Comprem moças, comprem todas
Um lençinho de algibeira.

Que passarinho é aquelle
Que está na flôr do marmello?
Está com o bico pic-pic
Com as azinhas quero-quero.

Pintador de loiça fina,
Pinta-me uma plengana,
E pinta-m'uma menina
Nos lençoes da minha cama.

Menina, se tem fastio,
Coma marmellos galegos,
Deite-lhe agua na fervura
Não descubra os seus segredos.

—O' malva rosa cheirosa,
Onde deixaste lo cheiro?
—Em cima da tua cama
Debaixo do travesseiro.

Mangerona é prisão
Eu com ella me prendi;
Prendido meu coração
Eu não posso estar sem ti.

Passei pela oliveira
Cinco folhas escolhi,
Foram os cinco sentidos
Lindo amôr, que puz em ti.

Pirolito, bate, bate
Pirolito vae bater
Se isto um dia acaba triste
Assim não me venhas ver.

Peguei em um malmequer
Para me desenganar;
Bem me quer, mal me quer...
Sempre me quizeste mal.

Encarnada, amarella,
Traz el-rei a carapuça,
Quem tiver raiva que raive
Quem tiver tosse que tussa.

Já não ha por aqui quem venda
Um limão por um vintem,
Para tirar uma nodoa
Que o meu coração cá tem!

Os meus olhos são dois rios
Criados numa lagôa,
Todos os dias elles choram
Cá pr'uma certa pessôa.

Ai de mim qu'eu já não posso
Remar contra a paciencia;
Roubaram-me o meu amôr
Ai que cargo de consciencia!

Coitada da moirinha
Seu filho foi p'ra soldado,
Dormindo pelas tarimbas
Sempre mal acommodado.

Suspiros são violetas,
Lagrimas de sangue eu choro,
Tenho o coração partido
De não ver quem eu adoro.

A's abas do meu chapeo
Devo eu obrigações,
Encobria as minhas faltas
Em certas occasiões.

Andas de chapeo ao lado
Laços de fita voando;
Se eu não espero ser tua
Por que me andas namorando.

Andas de chapeo armado,
Fazendo gala que é teu,
Reza por alma da dona
Coitadinha, já morreu.

Hontem á noite, ás nove horas,
Meu amôr aqui passava;
Que lindo botão de rosa
Que elle no peito levava!...

Hontem lá p'la meia noite,
Meia noite já seria,
Ouvi cantar um anjinho
No coração da Maria.

A' noite, menina, á noite,
A' noite ao cantar do gallo,
O teu pai é já velhinho,
Nós havemos d'enganal-o.

Ninguem diga: hei, não hei
D'aquella fonte beber,
Pode a sêde obrigar,
Outro remedio não ter.

Se os meus olhos fossem balas
Já te tinha trespassado
O teu peito, meu amôr,
O' meu amôr adorado.

Balas de assucar te matem
Raios de mel te consumam
Os anjos do ceu te tragam
Para a cama em que eu durma.

Tendes dois olhos na cara
Que parecem dois marmellos
Tendes bocca de enxarróco
Beiços de apanhar farellos.

—Alvas pernas tem Maria,
A filha da lavadeira,
—São bem alvas, bem as vi
Hontem á tarde na ribeira.

Eu gosto muito das bellas
O seu olhar me fascina,
Eu por um pé pequenino
Sei lá! vou dar á China.

Chapeo preto desabado
Faz figura de ladrão;
Eu já te apanhei num roubo,
Roubando o meu coração.

Salva verde na parede
Dá-lhe o vento, torce o pé;
Merece a lingua cortada
Quem affirma o que não é.

Salva verde na parede
Dá-lhe o vento, abana, abana,
Eu hei de cortar a lingua
Do que me deita má fama.

Salva verde na parede,
Qualquer filhinha tempera;
Mais vale um amôr de fora
Do que cinco cá da terra.

A serra tambem é terra,
A serra tambem dá pão;
Tambem na serra se criam
Meninas de estimação.

Armei um laço na serra
P'ra apanhar uma perdiz,
Apanhei uma menina
Pela ponta do nariz.

Menina que tanto sabe
Responda a esta pergunta;
Que sciencia tem o mar
Que tanta agua em si ajunta?

A sciencia que o mar tem
Não é cousa de pasmar:
Não ha rio nem regato
Que não vá ao mar parar.

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

A cabra vai pelo monte
Cuida que ninguem a vê.
Assim são os namorados,
Não digo isto por você.

Tanto limão, tanta lima,
Tanta silva, tanta amora,
Tanta menina bonita
E meu pai sem uma nora.

Atirei um limão verde
A' tua porta elle parou;
Se eu te queria bem ou mal
No limão se experimentou.

Se eu quizera bem pudera
Amar-te, querer-te bem;
Não posso porque não quero,
Não quero enganar ninguem.

Você a mim não me leva
A contar-me maravilhas;
Foi você quem enganou
Muitas mães e muitas filhas.

Se eu tivera papel de ouro,
Comprava penna de prata,
Apurava os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta.

Andas morta por saber
Quem é o meu ramalhete,
E' um rapaz bregeirinho,
Vestido de azul ferrete.

Quem me dera ser retrós
Ou linha de qualquer côr,
Para andar junto do peito
Servindo de atacador.

Alecrim, que és rei das flores,
Já meu peito foi teu vaso,
Tens agora outros amores,
Já de mim não fazes caso.

Tenho dentro de meu peito
Garrafinhas de licôr;
Ninguem as ha de bèber
A não ser o meu amôr.

Meu peito é de borracha
De moderna invenção;
Tenho amôr p'ra quem quero
Amôr sim, mas sem paixão.

Se me vires a chorar
Não te rias, tende dó;
Que os trabalhos d'este mundo
Não vieram para mim só.

O' senhor padre eu pequei
Sem presumir mal algum;
Dar um beijo á sexta-feira
Fará perder o jejum?

Rosa, que estás em botão
Nesse campo despresada,
Vem p'ro jardim do meu peito,
Se queres ser estimada.

O' José, teu nome é joia,
Quem t'o poz não t'o tirou:
As joias são para o peito
José no meu peito entrou.

De joelhos fui ao mar,
De joelhos fui ao fundo,
Por amor de ti, Palmira,
Eu iria ao fim do mundo.

Mondego, que vais correndo
A cantar nos sinceirais,
Vais meu pranto recebendo,
Leva-o, não voltes mais.

Amoras nascem das silvas,
A silva nasce do chão,
A vista nasce dos olhos,
O amor do coração.

Dizem que o amor que mata,
Eu não sei se o deva crer;
Mas, seja verdad'embora,
Hei de amar-te até morrer.

As tricaninhas mimosas
São lindas como os amores,
São estre'las encantadas,
São ramalhetes de flores.

Tu dizes que me não queres
Nem p'ra mulher nem p'ra dama,
Eu tambem não quero ter
Sombra de tão fraca rama.

D'aquella janella alta
Atiraram-me um limão,
A casca deu-me no rosto,
O sumo no coração.

Atirei com a penna ao ar,
Cahiu no chão, fez um *S*
Ande lá por onde andar
Nunca o meu amor s'esquece.

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme:
Eu como o sol a buscar-te
Tu como a sombra a fugir-me.

Nem comtigo nem sem ti
Tem remedio o pesar meu;
Comtigo porque me matas
Sem ti porque morro eu.

Um dia o amor e o tempo
Fizeram combinação;
Tudo quanto o amor construe
Logo o tempo deita ao chão.

Na cova da minha amada
Nascem as rosas aos centos,
As roxas são os meus beijos,
As brancas os pensamentos.

Eu tenho inveja dos vermes
E da terra do repouso,
De tudo o que ha de roer
Esse coração tão formoso.

A' sombra dos teus cabellos
Vão-se embora as amarguras:
Bemdito seja o milagre
Das tuas tranças escuras.

Dizem que o amôr que mata!
Quem me dera assim morrer!
Vale mais morrer d'amores
Do que sem elles viver.

Eu hei de amar, hei de amar,
Hei de amar bem sei a quem;
Hei de amar ao meu gosto
Nunca eu gosto de ninguem.

A' banca do meu estudo
Eu mil vezes penso em ti;
Então me esqueço de tudo
Pensando que estás ali.

Tens uma alma côr de rosa,
Um coração côr de anil;
Tu és muito mais formosa
Que a rosa no mez de abril.

Se os meus beijos de fugida
Entram no teu coração,
Saem de lá já sem vida
Nos braços da illusão.

Saudade, triste abandono
D'essa aurora que já findou;
Ergo a voz em teu abono,
O mundo p'ra mim acabou.

Dizes que me queres bem
E que me tens muito amor!
Em mulheres não me fio,
Quem me dás por fiador?

Os amores e o dinheiro
Nunca andam encobertos:
O dinheiro é chocalheiro,
Os amores desinquietos.

Se eu fôra assim tão ditoso,
Como o linho que fiais,
Dar-vos-ia tantos beijos,
Como vós no linho dais.

O' meu amôr, não embarques,
Não vás pr'a terras alheias;
Que o amôr é como o sangue
Que corre todas as veias.

O meu amôr é estudante,
Quintanista de direito,
Quando passa para as aulas
Parece um *amôr perfeito*.

A capa do estudante
Serve em toda a estação;
Quando chuva no inverno
E *quando sol* no verão.

Coimbra, nobre cidade,
Que fazes aos estudantes,
No principio tão pacatos,
Depois tão extravagantes?

Triste sorte de quem ama,
Mais triste de quem adora,
Mais triste de quem não vê
Seu amôr a toda a hora.

Tens um olhar encantado
Que me leva ao paraiso,
Tens um riso meigo e terno,
Que transtorna o meu juizo.

Quem falar na minha vida,
Ou d'ella fizer leilão,
Arrastado o veja eu,
Como a cobra pelo chão.

Delicada na cintura,
Não sei como não quebrais,
E's a rainha das flores,
Não desfazendo nas mais.

Encontrei o sol de noite
Na rua dos mercadores,
Quando o sol and'ás occultas
Que fará quem tem amores.

Já te disse, laranjeira,
Que não creasses mais flores,
Eu passo bem sem laranjas,
Mas não passo sem amores.

Inda que eu viva entalada
Entre as pedras como o vidro,
Nunca deixarei de amar
Quem eu trago no sentido.

Algum dia nesta rua
Tinha eu uma cadeira,
Onde sentava os meus olhos;
Agora vão de carreira.

A rua de Serpa Pinto
Hei-de mandal-a juncar,
Com uns bicos de alfinete
Par'o meu amor passar.

Lá no meio da Corredoura
Está uma lebre deitada,
Em manguinhas de camisa,
Oh! lebre quem te apanhara!

Na rua do Carapeto
Não se pode namorar,
De dia — velhas á porta
De noite — cães a ladrar.

Alegra-te, primavera,
Que vamos ter um rei novo;
Temos de vencer batalhas
Dentro da casca de um ovo.

Quando eu era solteira
Trazia fitas e laços,
Agora, que sou casada,
Trago meu filho nos braços.

Vai-te embora passarinho
Deixa a baga no loureiro,
Deixa dormir o meu filho,
Que está no somno primeiro.

Lindos olhos são os teus,
Tu és a minha doudice;
Se te agradas do meu modo...
Gosto de ti, já te disse.

Semeei no meu quintal
A semente das viuvas;
Nasceu-m'uma parreirinha
Que dá parras, não dá uvas.

Semeei no meu quintal
A semente das casadas;
Nasceu-m'uma parreirinha
Que dá uvas, não dá parras.

Semeei no meu quintal
A semente do repolho;
Nasceu-m'um velho careca
C'uma batata n'um olho.

Alexandre, Alexandrinho,
Caixinha dos meus segredos,
Onde eu guardo as minhas fitas
Com que ato os meus cabellos.

O meu amor é tão lindo
Como o botão quando elle abre;
Se as pequenas m'o cubiçam
Nossa Senhora m'o guarde.

Se tu visses o que eu vi
E lá no Rio de Janeiro:
Vi um passaro a fazer ninho
Nas barbas d'um sapateiro.

Minha mãe p'ra me casar
Prometteu-me tres ovelhas;
Uma cega outra coixa
A outra não tinha orelhas.

O' almas santas de Alvôr
Mandai accender um facho,
A' busca do meu amor;
Ás escuras não o acho.

Não quero o nome d'Antonio;
E' cabreiro e cheira a leite:
Quero o nome José,
Forma um lindo ramalhete.

Hei-de amar um Josezinho,
Hei-de amal-o que é meu gosto,
Hei-de amal-o porque é bonito
Tem olhos á flor do rosto.

O' minha pombinha branca,
O' meu pombo rolador!
Todos teem menos eu
Nesta terra seu amor.

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Salpicadinha d'amores,
D'amores salpicadinha.

Quem me dera, dera, dera
Estar sempre a dar a dar
Uns beijinhos em quem amo,
Abraços até fartar.

Quem me dera dar um ai,
Atraz de um ai outro dera!
Dissessem á minha mãe
Que tal filha não tivera.

Inda agora aqui cheguei
Já me mandas assentar,
Sou creada de servir
Não me posso demorar.

Aqui n'esta rua, rua
Mora a mãe dos meus amores,
P'ra mim está já creando
Aquelle ramo de flores.

Tudo o que é creado se secca
Lá no vigor do verão:
Tudo no mundo se acaba,
Só a graça de Deus não.

Dize aqui — que tão bem cantas —
Quem te ensinou a cantar;
— Foi o rouxinol da balsa
Dentro do cannavial.

Tu chamas-te ao meu pai sogro
E á minha irmã cunhada;
Perdes-te mais que ganhaste
Em andares tão apressada.

O' figueira dá-me um figo
Que eu te darei um pedaço,
O' menina dê-me um beijo,
Que eu lhe darei um abraço.

O' Serpa d'aquella banda
Dá-me p'ra cá uma volta,
Essa amada que eu lá tenho
Não sei se é viva se morta.

Estando dentro da egreja
Ouvi tocar ao Senhor;
E morreu uma donzella
Nos braços do seu amor!

D'aqui donde estou bem vejo
Sete espadas a luzir;
Vejo o meu amor em guerra
Sem lhe poder acudir.

Milho verde, milho verde,
Milho verde, folha larga;
A' sombra do milho verde,
Namoro eu uma fidalga.

Andas doido por saber
Ond'eu fazia minha cama;
Faço-a á beira do rio
A' sombra da verde cana.

Milho verde, milho verde,
Milho verde, folha estreita;
A' sombra do milho verde
Namoro eu uma sujeita.

Vestida de azul celeste.
Que linda sois, minha loura!
De azul e branco vestida
Pareceis Nossa Senhora.

Nas telhas do teu telhado
Tenho um cigarro escondido;
Não quero que teus paes saibam
Que tenho amores comtigo.

Se fores á minha rua
Dá um signal, qu'eu entenda;
Dá um tope na calçada
Como quem parte uma amendoa.

Se algum dia por acaso
Encontrares o meu pai,
Diz-lh'em ar de mangação
O' pai-sogro como vai?

Meu amor na tua ausencia
(O que tu nunca fizeste)
Chorei lagrimas de sangue,
Tu nem um suspiro deste.

Ai que linda troca de olhos
Que trocaram dois amantes,
Trocaram dois olhos pretos
Por uns azues bem galantes.

O meu amor não é este,
Veja lá quem no trocou;
Estes não são os seus olhos
Com que elle me namorou.

O meu amor não é este
Não é este, não o quero;
O meu tem os olhos pretos
Debruados de amarello.

Eu hei-de ir domingo á missa
E pôr-me detraz dos bancos;
Só p'ra ver se o meu amor
Faz boa oração aos santos.

Esta rua é bem comprida,
Hei-de mandal-a juncar;
Toda juncada de rosas
Par'o meu amor passar.

O' minha mãe não me bata
Com varas de marmelleiro;
Estou muito doentinha,
Mande chamar o barbeiro.

Desejava, desejava,
Ninguem sabe o que eu desejo;
Desejava, linda Rosa,
Em teus labios dar um beijo.

Eu sou triste e vivo triste,
Longe vai minha alegria;
Tão triste que me não lembro
De ser alegr'algum dia.

Antes queria já morrer,
Dar meu corpo á sepultura,
Do que ver o meu amor
De correias á cintura.

Se passares junto a mim
Põe os teus olhos no ar,
São disfarces de quem ama
Par'o mundo não falar.

Nas azas da viração
Vai de minh'alma um suspiro
Envia o meu pensamento
A'quelle por quem deliro.

Eu ausente, tu ausente,
Eu de ti e tu de mim,
Tu ausente de uma rosa,
Eu ausente de um jasmim.

Anda cá colchete de ouro,
Chega bem ao meu corpinho;
O coração de nós ambos
Deve andar bem unidinho.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas
Que fará quem tem amores.

Ingrato, permittam os ceus,
Já que me tratas tão mal,
Que esse amôr a quem tu amas
Não te seja tão leal.

Mandei fazer cinco settas
De prata. Que lindas são!...
São p'ra te cravar no peito,
Pois me deixas sem razão.

Meu amôr procura a vida.
Corre a sorte com prazer;
Qu'eu p'ra viver desgraçada
Solteira quero morrer.

Emquanto canto não penso
Nesta negra escuridão;
Eu só canto p'ra dar cura
A uma negra paixão.

Choram as feras no campo,
Choram os peixes no mar,
Somente por culpa tua
Muito tenho de chorar.

Quando ouvires dobrar sinos
Reunirem-se irmandades;
Não perguntes quem morreu
Que fui eu de saudades.

Prazer, sentimento e sorte,
Tudo por mim tem passado;
E se muito tenho rido,
Muito mais tenho chorado.

A sorte é um bicho cego,
Que nós não vemos andar,
Em a sorte nos não dando;
De que nos serve lutar?

Tenho o coração partido,
Dos olhos me falta a luz;
Em pensar que outros logram
D'uma rosa que eu dispuz.

Tenho uma setta passada
Ao lado do coração;
Só a terra gastará
Esta terrivel paixão.

Inda que o fogo se apague,
Na cinza fica o calor;
Inda que o amor s'ausente,
No coração fica a dor.

Duzentas varas de altura
Subiu o sol e parou;
Mais subiu o nosso amor
E no melhor acabou.

Os pombinhos innocentes
Namoram e dão beijinhos;
Façamos, meu bem, o mesmo,
Que fazem os passarinhos.

Antes da noite ser noite,
Antes do dia ser dia,
Já meu coração t'amava,
Minha alma por ti morria.

O' ceu, piedoso ceu,
Tende de mim piedade;
Que eu fiquei sem amor
E na flor da minha idade.

Suspiros e ais e dores,
Imaginações e cuidados,
São manjares dos amores,
Quando vivem separados.

Adeus, campos esplendidos,
Adeus, memoria passada,
Adeus, adoravel sitio
Onde o meu bem me falava.

Não chores, qu'rida, não chores,
Que não tens por que chorar;
Eu jurei emquanto vivo
Outra mulher não amar.

Os campos vestiram luto,
As estrellas negro veu,
Não quero saber do mundo
Lembram-me os sinais do ceu.

Junto das ondas do mar
Suspirei, fitando as aguas,
Dizendo em doiido pranto,
Quem tem amores tem maguas.

Suspiros ao pôr da mesa,
Lagrimas ao levantar,
Na ausencia do meu amor,
O meu rir será chorar.

Lindos olhos tem meu par
Inda agora eu reparei,
Se reparasse mais cedo
Não amava quem amei.

Meu coração é relogio,
Tem dezoito gavetinhas,
Abre com saudades tuas,
E fecha com penas minhas.

O' sol posto! põe-te já;
Deixa vir a noite escura,
Descanço p'ra quem trabalha,
Regalo p'ra quem murmura.

A rua da Corredôra
Eu hei-de passal-a á força:
Tenho trigo semeado
No coração d'uma moça.

No coração d'uma moça,
No coração de Maria:
A rua da Corredôra
Hei-de passal-a um dia.

No jogo sou uma tumba,
Não apanho uma de *X*:
Nos amores não falemos...
Ninguem é mais infeliz.

Coimbra nobre cidade,
Bem te podia chamar côrte,
Pois tens a rainha santa
Da banda d'alem da ponte.

Não me fales de Coimbra,
Que são penas que me dais;
Trago lá os meus amores,
Como sempre, desleaes.

Eu passei pela tua porta,
Dei de mão á fechadura,
Pedi agua não m'a deste,
Coração de pedra dura.

De Lisboa me mandaram
Um canivete dourado,
P'ra partir o pão de ló,
No dia do meu noivado.

Vou-m'embora, vou-m'embora,
Par'á semana que vem;
Quem me não conhece chora,
Que fará quem me quer bem.

Se algum dia te quiz bem,
Foi tempo que já passou,
Se ainda para ti ôlho,
Foi geito que me ficou!

Uma mãe, que tem um filho,
Nunca passa sem cantar
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade chorar.

Das tranças do meu cabello,
Uso de toda a maneira,
De dia servem de gala,
De noite de travesseira.

Bem podias tu cartaxo
Casar com a cotovia;
Bem podias, mas não queres,
Que ella toda a noite pia.

O' rosa, deixa-te estar
Fechadinha no botão;
Aberta caem-t'as folhas
Fechadinha, rosa, não.

Abaixa-te, roseira,
Deixa passar Joaquim,
Por qu'esse rapaz vai f'rido
Das pedras do meu jardim.

Abaixa-te, roseira,
Deixa passar Manoel,
Por que esse rapaz vai f'rido
Das pedras do meu annel.

Minha mãe se chama Rosa,
Com meu pai s'arrecebeu,
Aqui está um botãozinho
Que aquella roseira deu.

Se quizeres que eu sèja tua,
Ladrilha o mar de papel,
E depois de ladrilhado
Serei tua s'eu quizer.

Se quizeres que eu seja tua,
Manda ladrilhar o mar,
E depois de ladrilhado
Serei tua sem faltar.

Hei-de-me casar est'anno,
Que ha muita cevada-aveia,
Que é p'ra dar ao meu amor
Uma cevadeira cheia.

O' meu amôr da-m'um sim,
Se não da-m'o desengano,
Que eu sou passarinho novo,
E ando de ramo em ramo.

O' meu amor vai, vem logo;
A' vinda vem por aqui,
Que eu abaixarei meus olhos
Jurarei que te não vi.

O rouxinol é vadio,
Passeia por onde quer,
E' como o rapaz solteiro,
Quand'inda não tem mulher.

Minha mãe me deu pancadas,
Puchou-me pelas orelhas,
Por que eu fugia das moças
Como o lobo das ovelhas.

Minha mãe, ó minha mãe,
Companheira do meu pae,
Tambem eu sou companheiro
Da menina que alli vae.

Chamaste-me trigueirinha
Ora isto é do pó da eira;
Lá me verás ao domingo
Como a flor da laranjeira.

Já não sou quem era d'antes,
Já s'acabaram meus brios,
Eu estou como aquelles pannos
Que estão nos ultimos fios.

Quem diz que a mulher é firme
Affirma a sua innocencia;
E' firme emquanto não acha
Quem lhe faça a diligencia.

Canta o soldado na guerra,
Canta o nauta sobre o mar,
Cantando se passa a vida
Tudo esquece até cantar.

Cantas tu, cantarei eu,
Que o cantar é alegria,
Tambem os anjos cantaram
Canções á Virgem Maria.

Cantas tu, cantarei eu,
Formemos uma capella;
Os anjos cantam no ceu
E nós cantamos na terra.

Se algum dia te quiz bem,
Foi tempo que já passou,
S'eu ainda p'ra ti olho
Foi geito que me ficou.

Uma mãe que tem um filho
Nunca passa sem cantar,
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar?!...

Debaixo dos altos cedros,
Onde o sol dá claridade,
Passo a minha vida triste
E choro á minha vontade

Todas as hervas do campo
Hei de mandar convidar,
Para assistirem ao pranto
Quando de ti me apartar.

Tod'ela flor do verão
Busca o seu aposento
Sem ir á busca, eu achei
Uma flôr ao meu contento.

Tudo quanto é verde secca,
Vindo o rigôr do verão,
Tudo no mundo s'acaba,
Só a graça de Deus não.

Indo, não sei para aonde,
Encontrei não sei a quem,
Fiquei assim não sei como
Morrendo não sei por quem.

O' minha mãe da minh'alma,
Inda agora me lembrou!
Uns mil cruzados não pagam
O tempo em que me criou.

Amôr, não sejas ingrato,
O ingrato tem mau fim;
Olha que do ceu caiu
Um ingrato Serafim.

Já não posso mais soffrer
As agruras são immensas,
Pois que emquanto te quiz bem
Fechei os olhos ás offensas.

O vinho nasce da cepa
E devemol-o adorar,
Não se diz missa sem elle
E serve lá no altar.

Coração da verde parra,
D'aquella mais denegrida,
Tenho jurado ser teu
Inda não estás convencida.

Eu captiva estive á morte,
Presa por falar contigo,
Olha se eu te quero bem!
Não receio do castigo.

O limão é fructa azeda,
Criado em verde escuro,
Gabar-se ninguem se pode
Que tem o amôr seguro.

Em penhor da minha fé
Puz amôr e lealdade,
E cheguei a conhecer
Do amôr a falsidade.

O encarnado é guerra,
O azul é desespero,
A côr verde é esperança,
Eu de ti alguma tenho.

Debaixo da malva está
Um rapazinho encoberto,
Todos dizem que o amo,
Mas não o sabem de certo.

Eu não choro por ti, cravo,
Que o craveiro cravo tem;
Choro por mal empregado
Esse tempo em que te amei.

O' morte por que levaste
O meu amôr adorado?
—E' que a morte é reinadia,
Não tem parente chegado.

Adeus amôr, não attendes
A estes tristes signaes?
Se eu te digo adeus, amôr,
Não me tornas a vêr mais.

A um cigano de Elvas
Eu mandei-lhe ler a signa,
Tenho corrido e não acho
Sorte mais triste qu'a minha.

Homem, tem medo da morte,
Volta atraz que vais errado;
Lembra-te de que tens filhos,
E és um homem casado.

O' ingrato, quem pudera
Viver sem ter coração,
Eu arrancaria o meu
Para não sentir paixão.

Passarinho passa o rio,
Passa o rio, porem não bebe;
Assim eu passo muito tempo
Comtigo, cara de neve.

Encostado ao meu colchão,
Tive um sonho de belleza,
Um anjo me annunciou
Que me amavas com firmeza.

Da morte tive palpites,
Não me deixei assustar,
Eu pedi-lhe uma licença
Para do mundo gosar.

Dei volta ao mundo em quadro,
E não venho arrependido,
Porque sempre ouvi dizer
Corrido é melhor que lido.

O limo do rio é verde,
Inda mais verde é o limão,
A terra tudo consome
Té mesmo a propria paixão.

Oliveira pequenina
Que azeitonas pode dar?
Dará uma, dará duas
Dará tres se carregar.

Inda agora eu reparo
Quem anda aqui no terreno;
Anda o cravo, anda a rosa,
Anda um ramalhete inteiro.

Eu bem sei que está dizendo
Que este meu cantar não presta,
Venha aqui par'o meu lado
Venha ser a minha mestra.

Andas de fora, não bailas,
Qual é o teu sup'rior?
Anda d'ahi, vem bailar
Que aqui está o teu amôr.

Sabes cantar e não cantas,
Olha que m'has de pagar
Sabes cantigas bonitas,
Não me queres ensinar.

A' entrada desta rua,
A' saida desta terra,
Vejo uma roseira branca
Não me vou sem rosas della.

Rua abaixo, rua acima,
Francisquinho á janella,
Penteando seu cabello
Com fitinha amarella.

A' minha porta está loiro
A' tua verde loureiro,
Quem quer falar mal d'outro
Olha para si primeiro.

Se eu sonhasse que morria,
Mandava fazer uma cova
Com uma enchada de vidro,
Ao canto da rua nova.

Amorzinho vai-te embora,
Que a minha mãe acordou,
Põe-te ali áquelle cantinho,
Que em dormindo ja lá vou.

No alto da Corredora
Deitei um lenço ao vento
Em cada ponta um suspiro
Com cinco lagrimas dentro.

No alto da Corredora
Tenho eu o meu bem todo,
Tenho pai e tenho mãe,
Tenho sogra e tenho sogro.

No alto da Corredora
Ha um laço de algodão
Todos passam, ninguem prende,
Só eu fiquei na prisão.

Agua rega o regadinho,
Agua rega o regador,
Emquanto rega e não rega
Vou falar ao meu amôr.

Villa Nova, Villa Nova,
Villa Nova da Rainha,
Se eu fôra filha do rei,
Já Villa Nova era minha.

Se Baleirão fôra meu,
Como eu tenho na vontade,
Fazia de Beja aldeia,
De Baleirão uma cidade.

Eu comparo Ayamonte
A' aldeia d'Azinhal,
Faro com Castro Marim,
Tavira a Villa Real.

Borda d'agua, borda d'agua,
Borda d'agua em Santarem,
Mais valle um borda d'agua
Que tudo que Lisboa tem.

O' minha bella menina,
O' laranja, ó limão,
Toda a facada tem cura
Dada pela minha mão.

Hei-de ir ao ceu, hei-de ir
Apanhar as nove rosas,
Tres brancas, tres encarnadas,
Tres d'aquellas mais formosas.

Pela manhã me dão peras,
Ao meio dia peras me dão,
A' tarde pão com peras
A' noite peras com pão.

Anda cá se queres ver
O que tu inda não viste,
Dois amantes a separarem-se,
Chorando lagrimas tristes.

Chamaste-me *amôr perfeito,*
Cousa que a terra não cria;
Amôr Perfeito só Deus,
Filho da Virgem Maria.

Se meu amôr bem soubesse
Que eu estive aqui cantando,
Vinha p'la estrada de Faro
Pelos ares avoando.

Adeus, ó Ameixial,
Quando me mandas d'zer
De um amôr que lá deixei,
Quando o tornarei a ver.

Quatro cousas quer meu amo
D'este criado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo
Comer pouco, andar alegre.

Oh quantas vezes, oh! quantas,
Eu olho p'r'o ceu e digo:
Um amôr que era só meu
Quem-no estará possuindo?

Coração, arriba, arriba
Não m'arrebentares tu,
Um coração cheio de penas
Sem ter alivio nenhum.

Coração asseteado,
Dize quem te asseteou,
Asseteado se veja
Quem se foi e te deixou.

Santo Antonio é meu pai,
São Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh que linda geração!

Tenho um amôr em Cacella,
Outro em Castro Marim,
Outro em Villa Real,
Outro defronte de mim.

O' minha canninha verde,
Toda envolta no vapôr,
Aqui n'este baile anda,
Quem ha de ser meu amôr.

O' alecrim, rei das flores,
O' ouro, rei dos metaes,
Quantas mais vezes te vejo
Cada vez te quero mais.

Amôres são alcatruzes,
Cá p'ra minha estimação,
Quem não quizer, que não queira
Amôres não faltarão.

O loureiro é planta verde
Que se planta p'los quintaes
E's tu, ó meu lindo amôr,
O alivio dos meus ais.

O' Villa Real alegre,
O' villa de Traz os Montes,
Cada vez que tu me lembras
Meus olhos são duas fontes.

Não conhecia Tavira,
Nem que tal cidade havia,
Agora não se me esquece
Nem de noite nem de dia.

Ingrato suspende os golpes,
Não me acabes de matar,
Deixa suspirar com vida
A quem tão bem sabe amar.

O meu amôr é tão lindo
Como a rosa quando s'abre,
Todo o mundo m'o namora,
O' Nosso Senhor m'o guarde.

Casaste? andaste bem,
Foi favor que me fizeste;
Quebraste m'as correntes
Com que preza me trouxeste.

Innocentes passarinhos,
Que pelos ares voais,
Suspendei vossa carreira
Vinde ouvir meus ternos ais.

Innocentes passarinhos,
Tendes já novo cantar,
Aprendestes só de ouvir
Dois amantes suspirar.

Se eu tivera amôr tão lindo,
Té azas lh'havia de pôr
As setas m'estão ferindo
Minha alma sente o calôr.

Em cima da campa fria
Hei de mandar escrever:
Aqui s'enterrou quem soube
Ser leal até morrer.

Em cima da campa fria
Hei de mandar assentar:
Morreram os meus amôres
Já não ha quem saiba amar.

Vai com Deus; já foste minha,
Que eu tambem com Deus me vou;
Se me amaste Deus te pague,
Pague Deus a quem te amou.

O' minha mãe da minh'alma
Deixe me estar no seu collo,
Já que mais não póde ser
Eu com isto me consolo.

Cantando ganhei dinheiro,
Cantando se me acabou;
O dinheiro é como a agua
Agua o deu, agua o tirou

Hei de cantar os teus olhos,
Porque não sou mal mandado,
Não quero que depois digas:
Vai te embora malcreado.

Oh alta cerca de neve
Onde assiste o lavrador!
Estou preso com grilhões d'ouro,
Nos braços do meu amor.

Oh alta cerca de neve
Onde a flôr da murta assiste!
Se não logro dos teus olhos,
Toda a noite andarei triste.

Manoel, meu Manoel,
Manoel da minha'aldeia,
Cara linda como a tua
N'esta villa não passeia.

Manoel, meu Manoel,
Manoel da minha rua,
N'esta terra não passeia
Cara linda como a tua.

Ingrata, tem paciencia
Dá-me a mão á palmatoria
Tu falas na minha ausencia
O que te vem á memoria.

Janella que te fechaste.
Só para mim não te abriste,
Torna-te a fechar, janella,
Jurarei que me não viste.

Janella de pau de pinho
Com travesseirinha amarella,
Hei de tirar-te, menina,
Desse estado de donzella.

O' coração, praça d'armas,
Cercado d'espadas nuas,
Quem me trouxe a esta terra
Causou-me saudades tuas.

Despreza-m'amôr
Faze o que quizeres,
Offensas de mim
Nunca tu as penes.

Despresa-m'amôr
Faze o que costumas,
Offensas de mim
Não tens nenhumas.

Tu de mim falavas,
Eu estava innocente,
Agora ahi tens,
Espelho deante.

NOTAS

NOTAS

I

A presente secção é especialmente destinada a registar as *variantes e versões* do mesmo romance, distribuidas por diversos logares d'esta provincia, *versões e variantes* que nada mais são do que acomodações ou agrupamentos de novos episodios colhidos através do tempo. Como o Snr. Theophilo Braga ensina na *Introducção da sua Historia da Poesia Popular Portuguesa*, a poesia do povo tem sempre uma origem individual de que elle se apropria, reduzindo-a a traços geraes e simples. Para isso o povo emprega como processos as *variantes* e as *versões*. Por estas acomóda elle instintivamente o verso á sua sintaxe e dicção peculiar, por aquellas vai agrupando os episodios da sua predilecção em volta de um mesmo facto. Por isso os cantos que elle conserva são abreviações de outros mais extensos, que elle vai lapidando. Succede até que por estes processos muitas vezes o povo vai juxtapondo ás tradições heroicas, que ao seu conhecimento chegaram, heroes seus e cujos nomes elle substitue.

E' o que se vê em Espanha, onde os personagens do cyclo carolino se transformaram em Bernardo del Carpio, Cid, e outros, e o que vemos em Portugal onde os heroes dos tempos das cruzadas foram substituidos pelos nossos heroes dos tempos da India e Brasil.

Entre as muitas velhinhas que me recitaram o romance —*Bella Infanta*— algumas ouvi que em vez dos dois versos:

Sou capitão, ando em guerra
Não resido por aqui

os substituiam:

Sou capitão, vou par'a guerra
Já me vou para o Brasil.

*

Parecerá extranho o uso exagerado do nosso povo — poeta anonimo — das *assoantes*. Martinez la Rosa affirma que este uso nasceu espontaneamente entre o povo. A muitos escriptores apraz sustentar que desde a mais remota antiguidade o povo nos seus cantos populares empregou sempre a *assoante* e até ha quem insinúa que o povo hebraico d'ella usou nas suas canções biblicas. Em Espanha empregou-se muito a assonancia e d'isso dão documento as comedias de Calderon, de Lopo da Veiga, as canções, romanceiros e poesias liricas; o mesmo succede em Portugal onde muitos dos nossos annexins e adagios são escriptos d'esta fórma. O mesmo ainda encontramos nos nossos cantos populares. Um exemplo d'aquelles:

A mulher e o vidro
Estão sempre em perigo.

Um exemplo d'estes:

Não sei se cante se chore
Par'alivio de uma pena:
Cantando tudo me esquece,
Chorando tudo me lembra.

Muitos dos romances colligidos neste livro são repetidos em todo o Portugal e fóra d'elle, e referem se na sua primi-

tiva origem a factos succedidos longe de nós. Por que processo chegaram ao conhecimento do nosso povo, que ainda os repete, embora mutilados?

A esta pergunta responde o Snr. Theophilo Braga, historiando: «Muitos trovadores provençaes, vendo inutil a galanteria de suas canções, sem esperança de abrandar o coração ou, pelo menos, de alcançar um sorriso das castellãs, precipitaram-se na empreza das cruzadas...

Pons de Captudulh, enamorado trovador da dama Mercocur, vae morrer na Palestina, inconsolavel pela morte d'aquella, que nunca lhe acceitou os galanteios; Gancecem Faidit, depois de amar sete annos a esquiva Maria de Vantadour, alista-se na cruzada para se tornar mais digno d'ella; Pierre Vidal, na sua doudice, parte levando na alma a imagem de Adelaide Roquemartine, e na imaginação a conquista do Oriente. Deste poeta encontram-se documentos da sua passagem em Portugal».

E encontram-se esses documentos porque algumas vezes esses cruzados desembarcaram em Portugal, já em auxilio da conquista de Lisboa, já de Silves, no coração do Algarve. Quando os cruzados que auxiliaram D. Sancho I na conquista de Silves, desembarcaram em Lisboa, ahi encontraram a noticia de que 42 annos antes uma frota de cruzados tinha prestado grandes serviços na conquista de Lisboa e de que, quatro semanas antes, outra frota de cruzados em cincoenta e cinco naus, tinha acommettido e arruinado o castello de Alvôr, que pertencia ao Senhorio de Silves. A conquista d'esta cidade foi feita em quarenta e cinco dias, affirma um dos cruzados que esteve presente, e durante todo este tempo, até que sahiram de Lisboa, tiveram os trovadores provençaes tempo de recitar os romances, que traziam do seu paiz.

É sabido pela historia que a Provença, na idade media, era uma provincia povoada de gente sobria, intelligente e muito viva. A sua linguagem, derivada do latim, era notavel pela sua doçura e rithmo, e então muito cultivada. Foi nesta provincia que nasceram os trovadores, tão notaveis e tão apreciados na idade media, e que se encarregaram de transmittir pela poesia os seus grandes conceitos, os factos sociaes do seu tempo e as lendas dos seus avós.

*

Resta-me agora fazer uma declaração: não tratei, quando colligia os romancês, de averiguar da legitimidade do pensamento vasado na palavra e nem me occupei da rigorosa medição dos versos, que ia colhendo dos labios do povo. Não tenho a honra de ser poeta e quando poeta fosse seria deslocada qualquer modificação que introduzisse no verso, porque então este seria um verso amaneirado ao gosto moderno: seria o que quizessem menos verso tradicional. É talvez esta a razão por que o *Romanceiro* de Garrett pecca, n'alguns pontos, por falta de authenticidade: Garrett *collaborou* brilhantemente nos *romances* que colligiu, mas não foi assim que elles sahiram dos labios do povo. Se este perdeu, através do tempo, uma palavra, que elle mesmo depois substituiu; se esqueceu outra que ficou para sempre no olvido, não sei quaes sejam, e prefiro não as substituir ou intercalar, para não fazer correr como moeda de bom e fino quilate o nikel da minha pobre fabrica.

Verdade é que para tirar a limpo os romances, que colligi, tive de confrontar mais de uma *lição*, substituindo as faltas de uma pelo que encontrava nas outras; mas toda a vez que em todas as lições encontrei as mesmas deficiencias, conservei-as no mesmo estado. Aos versados nestes trabalhos de investigação deixei o encargo de lhes fazer a ementa.

Com referencia ao primeiro romance colligido no texto — *Bella Infanta* — recebi do ex.mo snr. J. J. Nunes, então capellão militar em Lagos, duas lições: uma sob o titulo Dona Silvana; outra sem titulo. Eil-as:

DONA SILVANA

Estando Dona Silvana
No jardim a passear,
C'um pente d'ouro na mão
Seu cabello a pentear,

Jogou os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada,
Capitão que n'ella vinha
Veiu ao jardim fazer agua.

—Dize lá, meu capitão,
Dize lá, pela tua alma,
Se o homem que Deus me deu
Veiu ou não na tua armada?

—Diga-me, minha senhora,
Os sinaes que elle levava.

—Levava um cavallo branco
Com um cella amarella,
Na ponta da sua lança,
Uma bandeira de guerra.

—Pelos sinaes que me dais
Lá ficou morto na guerra,
Com vinte e cinco feridas
Vinte e quatro navalhadas,
A mais pequena de todas
Foi a cabeça cortada.

—Ai de mim, triste viuva!
De mim triste coitada!
E com tres filhas, que tenho,
Sem nenhuma ser casada!

—Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—Os tres moinhos qu'eu tenho,
Todos tres te dava a ti.

—Não quero os vossos moinhos
Que me não servem p'ra mim,
Qu'eu sou capitão d'armada,
E não me demoro aqui;

Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—Tres larangeiras qu'eu tenho
Todas tres te dava a ti,
Que dão laranjas mui ricas
E El-rei as come d'ali.

—Não quero as vossas laranjas
Que não servem para mim,
Qu'eu sou capitão d'armada,
E não me demoro aqui;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—As telhas do meu telhado
Que são d'ouro e de marfim.

—Eu não quero as vossas telhas
Que não me servem p'ra mim,
Qu'eu sou capitão d'armada,
E não me demoro aqui;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—As tres filhas que inda tenho,
Todas tres te dava a ti,
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
A mais velha d'ellas todas
Para comtigo casar;
Uma borda em ouro fino,
Outra em prata e marfim,
Outra bordava as camisas,
Que vestia Dom Fraguim.

—Eu não quero as vossas filhas
Que não me servem para mim,
Qu'eu sou capitão d'armada
E não me demoro aqui;
E o annel das sete pedras
Qu'eu comvosco reparti?

Dai-me cá vossa metade
Qu'aminha já ei-la aqui.

—Olá, olá, meus criados,
Olá, olá, já aqui,
Ó rabo do meu cavallo,
A' roda do meu jardim;
Se vós ereis meu marido,
Por que é que me não dizieis?
—Porque eu queria vêr, senhora,
Se vós ainda me conhecieis.

OUTRA

Estando eu um dia á tarde
Sentada no meu jardim,
Penteando os meus cabellos
Com meu pente de marfim,
Vi vir uma grande armada,
Armada que a elle vinha.

—Vinde á terra, capitão,
Vinde á terra, general,
Dai-me novas de um amor
Que me ahi foi e me ahi vae.

—P'los sinais que me dais,
Lá ficou morto na guerra,
Ao pé de uns junquilhos verdes,
Mil adagadas lhe deram.

—Vou-me por ahi abaixo
Desgraçada, sem ventura,
Quem me a mim ouvir chorar
«É uma triste viuva»
Ai de mim triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Com as tres filhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!

—Que me daveis vos, senhora,
Se o trouxera agora aqui!?
—Tres larangeiras que tenho,
Eu vos dava a mais gentil,
Uma tem o pé de prata,
Tem outra o pé de marfim,
Outra dá ricas laranjas,
Donde come Dom Clarim.

—Não quero as vossas laranjas,
Qu'eu tambem as tenho assim;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—De tres moinhos qu'eu tenho
Eu vos dava o mais gentil,
Um moe a canella rica,
Outro rico gergelim,
Outro moe bella farinha,
Que comia Dom Clarim.

—Não quero os vossos moinhos,
Qu'eu tambem os tenho assim;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—De tres cavallos que eu tenho
Eu vos dava o mais gentil
E el-rei, quando sai p'ra fora,
Elle m'os manda pedir.

—Não quero os vossos cavallos,
Qu'eu tambem os tenho assim;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
Ter—filhas lindas que tenho
Eu vos dava todas tres,
Uma para vos despir,
Outra p'ra vos descalçar,
A mais bella dellas todas,
Para comvosco casar.

—Eu não quero as vossas filhas,
Qu'ellas filhas são de mim;
Que me daveis vós, senhora,
Se o trouxera agora aqui?
—Então que mais, capitão,
O que mais vós qu'reis de mim?
—O vosso corpo, senhora,
Que foi feito para mim.

—Ao capitão que tal diz
A guerra lhe venha aqui,
E que a nau onde elle vai
Eu propria vej'afundir.

—Já vos não lembrais, senhora,
De quando d'aqui parti,
Numa sexta feira á tarde,
A quinze do mez d'abril?
O anel de sete pedras,
Que comvosco reparti?
Vá buscar vossa metade,
Pois qu'a minha está aqui.

2

Encontrei este romance em Loulé sob as duas designações — Dom Martinho e Dom Marcos. Não me é licito suppor que a differença dos titulos obedeça ao particular capricho de cada um, pois que na contextura do romance figura o personagem do titulo.

Talvez esta differença de titulos venha em apoio dos que opinam ser a variante proveniente da acomodação dos romances antigos aos factos modernos, variando apenas os heroes.

M. Nigra julga este romance nascido no tempo das cruzadas, passando da Provença, onde foi o seu berço, para os paizes slavos e para a Grecia.

Com o mesmo titulo — Dom Marcos — publicou o falle-

cido Reis Damaso na «Enciclopedia Republicana», um romance çolligido em Lagos, que parece referir-se aos tempos dos cruzados. Eil-o:

D. MARCOS

Ámanhã parte Dom Marcos
Para a guerra a brigar.
—Quando virás tu, meu conde,
Quando tornarás a voltar?
—Se aos seis annos não vier,
Aos sete, o mais tardar,
Em vindo para as nove
Já te poderás casar.

Ainda os seis não eram vindos,
Já a condessa era casada.

O Dom Marcos, que partia,
Da sua guerra passada,
Encontrou umas vaquinhas,
Ferradas de outro signal.

—De quem são estas vaquinhas
Ferradas de outro signal?
—Até agora eram de Dom Marcos,
Deus lhe queira perdoar;
Agora são do Dom Fernando,
Tirou-me d'este logar.
—Da-me os teus fatos, maioral,
Queiras tu os meus vestir,
Quero ir áquella porta
Uma esmola pedir.

«Uma esmola, senhora,
Para ajuda do passar.»

Estando elle nestas falas,
A condessa no portal;

Deu-lhe uma, deu-lhe duas,
A's tres cahia no chão,
Aos gritos da condessa
Acudiu o Dom Fernando.

—Que é isso, que tens, condessa,
Acudiu o Dom Fernando,
Que é isso que tens, condessa,
Que é isso que tens, minh'alma?
—São os olhos de Dom Marcos
Vel-os, vel-os? aqui estão.

—Não me chames já Dom Marcos,
Nem Dom Marcos me chamarão,
Que tiveste a desventura,
D'esquecer meu coração.

(Encycl. Rep. pag. 173).

3

Reis Damaso colligiu em *Lagoa* o seguinte *romance*, evidentemente truncado:

DOM ALBERTO

(LAGOA)

—Dom Alberto, Dom Alberto,
O nosso sonho é sabido;
As armas d'El-Rei meu pai
Entre nós'stão mettidas,
Levanta-te a pedir-lhe perdão,
E chora como menino.

—Perdão vos peço, El-Rei,
Meu senhor, perdão
Vos quero pedir:
Sou filho d'El-Rei da França
Neto d'El-Rei de Cascais,

Sobrinho do Padre Santo,
Diga o rei qual seja mais.

—Levanta-te, Dom Alberto,
Que foste muito atrevido,
Até agora eras eras meu filho,
De hoje em diante genro querido.

(Encyclop. rep. pag. 173).

Ainda na mesma *Encyclopedia* o mesmo cavalheiro publicou outra lição, colligida em Paderne, Estombar, Alvôr, Aljezur e Monchique; eil-a:

DOM ALBERTO

General, general,
General mais querido,
Dormi uma noite comigo.

—Eu sou criado vosso, Senhora,
Vos estais mangando comigo;
Mas se isso é assim,
Dizei a hora a que hei de ir.

—Vem pela meia noite em pino
Que está El-rei meu pai a dormir.

Ainda não era meia noite
General ao postigo.

—Quem bate á minha porta
A' hora do meu dormir?
—E' general, senhora,
Que vem ao vosso serviço.

—Dá-me a mão, General,
Vem-te aqui deitar comigo.

Seu pai, que desconfiou,
Sapatos de lona calçou;
Logo ao quarto se dirigiu,
Viu estar ambos a dormir;
Viu estar rosto com rosto,
Como mulher com marido.

Eu se mato o General,
Criei-o de pequenino;
Eu se mato a princeza,
Tenho o meu reino perdido;
Aqui deixo a minha arma
Entre um e outro mettida,
Para quando acordarem
Que digam que este somno foi sabido

A princeza acordou:
«Ai de mim, estou perdida,
A arma d'El-Rei, meu pai,
Entre nós está mettida!
Levanta-te, general,
Ajoelha aos pés do meu pai,
E chora-lhe como menino;
Não é elle tão mau
Para que te não case comigo.

General se levantou
Aos pés d'El-Rei ajoelhou:
—Aqui estou, El-Rei, meu senhor,
A morte eu tenho merecido,
—Levanta-te, general,
Que foste muito atrevido,
Ainda hontem meu vassalo,
Hoje meu genro querido.

—Se sou eu genro querido
Tambem lhe quero explicar:
Sou filho do rei d'Espanha
Neto do rei de Cascais,

Sou sobrinho do Padre Santo,
Diga El-Rei qual seja mais.

(Encyclop. rep. pag. 235).

Do illustre capellão, o snr. J. J. Nunes, recebi a seguinte lição, que reproduzo sem lhe fazer a mais pequena rectificação. Vejo, como nas antecedentes lições, que muitos versos estão evidentemente errados. Respeito-os, porque assim os recebi:

GENERAL, GENERAL

—General, ó general,
Meu conselheiro tão querido
Bem podias, general,
Dormir á noite comigo.

—Eu criado sou d'El Rei,
A princeza zomba comigo.

Jé te disse, general,
Já te disse na verdade.

—Pois diga-me a princesa,
A hora a que eu hei de vir.

Vem das onze para a meia,
Quando El-Rei 'stiver dormindo.

Inda as dez não eram dadas,
Elle ao quarto da princesa,
Fazendo grande rugido.

—Qual será o cavalleiro
Qual será o atrevido,
A meu quarto fóra de horas,
Me faz tão grande rugido.

—General eu sou, princesa
Que venho ao vosso serviço.

Da cama se levantou,
—Descalça pelo ladrilho,
Ella lhe pegou p'la mão,
Como mulher com marido;
Toda a noite conversaram
P'la manhã estão dormindo.

El-Rei que acordou
Do seu semno presentido,
—General, general.
Dá-me cá o meu vestido,
Ou o general é morto
Ou traição tem já havido.

O rei que se levantou,
Calçou sapatos de lona
P'ra que não fosse sentido,
Andando de quarto em quarto
Ambos os achou dormindo,
«Alto, alto meus conselhos,
Aconselhai-me aqui;
Eu se mato a princesa,
Tenho meu reino perdido,
Eu se mato o general,
Criei-o de pequenino.
Alto, alto, meus conselhos
Aconselhai-me aqui,
Metto meu punhal a peitos
Entre os dois está mettido,
O cabo para a princeza
E a ponta para o amigo.

General que acordou
Do seu somno presentido,
«Acordai, minha princeza,
Que o seu pai já é sabido

—Cala-te, ó general,
Não sejas tão desmorecido,
Que o meu pai é dos bons homens,
Ha de me casar contigo;
Vai-lhe já dar a saber
Do que ha acontecido.

General chegou ao rei,
Como fôra em pequenino.

—Onde estavas, general,
Que não eras apparecido?
—Limpando os vossos cavalos,
Escovando os vossos vestidos.
—General, ó general,
Meu conselheiro atrevido,
Que inda hontem eras pagem,
Já hoje és *genro* querido,
—*Genro* qu'rido sou d'El-Rei,
Mas sou do sangue real,
Sou filho d'El-Rei da França,
Neto do rei de Cascais,
Sobrinho do Padre Santo,
Qual de nós seremos mais?
—Desculpa-me, ó general,
Esta minha cortezia;
Se eras de sangue real
Eu é que não o sabia.

Escriptores affirmam que o romance Girinaldo tem uma filiação no casamento de Eginhart com a sobrinha de Henrique III, embora estivesse prometida ao rei da Grecia.

4

Colligi este romance depois de ter lido muitas lições, algumas bem disparatadas. No *Romanceiro* geral do snr. Theophilo Braga, sob os titulos—*Romances da Infanta de França* e da *Encantada*—leem-se dois romances que

teem estreitissimas relações com o que colligi. No meu encontram-se scenas que não apparecem nos dois citados. Basta ler os fados das sete fadas:

Os fados das sete fadas
Nisto se resumiriam:
«O caminho que eu andasse
A matto se tornasse;
A fonte onde eu bebesse
Logo ella se seccasse;
Homem com quem eu falasse
Em mouro se convertesse;
O cavallo onde eu montasse
Elle logo arrebentasse.

Tambem é nova a scena da encantada ter roubado ao cavalleiro o seu punhal.

Então viu-lhe um punhal
Ella lh'o esconderia

Da leitura dos dois romances, publicados pelo sr. Theophilo Braga vê-se que a *encantada* não se chega a apear do cavallo; no meu sim. Parece que o cavalleiro, receioso do cumprimento dos fados, convidou-a a descer do cavalo:

— O' menina que assim fala
Largue a minha companhia,

O cavallo fez parar
E a menina se descia.

Romances de mouras encantadas publicou o snr. Estacio de Veiga, no seu *Romanceiro do Algarve*, os seguintes muito curiosos: a *Moura encantada*, que, segundo a lenda se exhibia no Castello de Tavira, e o *Almendo*:

Na opinião do seu collector o primeiro destes romances — a Moura Encantada — tem a sua origem na crença que faz apparecer á meia noite de S. João sobre o Castello de

Tavira uma formosa moira; e colloca-o nos principios do seculo XVI, ou nos fins do seculo XV. O mesmo se poderá affirmar da antiguidade do romance D. Almendo.

Eil-os:

A MOIRA ENCANTADA

Meia noite alem resôa
Cerca das ribas del mar,
Meia noite ja é dada
E o povo ainda a folgar.
Em meio de tal folguedo
Todos quedam sem falar,
Olhos voltam ao castello,
Para ver, para avistar,
A linda moira encantada,
Que era triste a suspirar.

— Quem se attreve, ai quem se attreve
Ir ao castello e trepar,
Para vencer lo incanto
Que tanto sabe encantar?
—Ninguem ha que a tal se atreva,
Não ha que em moiras fiar;
Quem lá fosse a tais deshoras
Para só desencantar,
Grande risco assim correra
De não mais de lá voltar.

— Ai que linda formosura,
Quem a pudera salvar!
O alvôr dos seus vestidos
Tem mais brilho do que o luar!
Dôces, tão dôces suspiros
Onde ouvil-os suspirar?

Assim um bom cavalleiro
Só se estava a delatar,
Em amor lhe ardia o peito,

Em desejos seu olhar.
Tres horas eram passadas,
N'este continuo anciar,
Cavalleiro de armas brancas
Nunca soube arreceiar;
Invoca a linda moirinha
Mas não ouve o seu falar,
Nada importa a dom Ramiro
Mais que a moira conquistar;
Vai subir por muro acima,
Sente os pes a resvalar!
Ai, que era passada a hora
De a poder desencantar!

Já lá vinha a estrella d'alva
Com seus brilhos a raiar;
No mais alto do castello
Ja mal se via alvejar
A fina, branca roupagem
Da linda filha do Agar.
Ao romper do claro dia,
Para bem mais se pasmar,
Sobre o castello uma nuvem
Era apenas a pairar.
Jurava o povo, jurava,
E teimava em affirmar
Que dentro daquella nuvem
Vira a donzelinha entrar.
Dom Ramiro de enraivado
De não poder-lhe chegar,
D'ali parte contra os moiros
Grande briga vai armar,
Por fim ganha um bom castello
Mas... sem moira para tomar.

ALMENDO

A caçar andava Almendo,
A caçar, como soia,

Mas seu perro tão cançado
Que já correr não podia;
Onde havia anoitecer-lhe?
Em rude estrada montia,
Em que não houvera gente
Nem tão pouco abrigo havia;
Tão só um grande arvoredo
O campo todo cobria.
Deita olhos a um loureiro,
Vê um rosto, que sorria;
Seu fino cabello de ouro
Toda la rama cobria;
O lindo olhar dos seus olhos
Em todo o monte lumbria.

—Que fazeis aqui, senhora,
Quem aqui vos prantaria?
Ai quem veio aqui deixar-vos
Nesta chaparra sombria?
Contai-me la vossa historia,
Que eu por gosto a escutaria.

—Sou filha d'el rei da França
Neta sou d'el rei da Hungria,
Aqui me trouxeram mouros
Com sua feitiçaria;
Encantada me deixaram
Até vir quem me queria.
Se o cavalleiro quizera
Minha sina quebraria,
Montara-me em seu cavallo,
E d'aqui me levaria.

—Levara, sim, vos levara,
Já vos dera companhia,
Mas tenho atras de voltar
Pelo perro que trazia,
Que em tais horas de cançado,
Para ahi se estenderia.

—Adiante, ó cavalleiro,
Não useis descortezia,
Deixando uma dama infanta
Por um perro que dormia,
Se me deixaes pelo perro
Tem elle bem mais valia.

—Não é sómente por elle,
Que eu ahi a deixaria,
Mas é tambem pela caça
Que me deteve este dia,
Que me ficou resguardada
N'uma longe penedia.

—Adiante, ó cavalleiro.
Não useis da vilania
Não deixeis por pennas mortas
Minhas penas em porfia;
Ora comvosco levai-me,
Que meu pai por vós seria.

—Não se me dá dessa caça,
Que por hi me ficaria;
Mas a sêde agora é tanta,
Que já me causa agonia,
Quedai vos, senhora, um pouco,
Que eu á fonte correria;
De volta fôra comvosco
Antes que raiasse o dia.

Ai, cavalleiro, escutai-me
Por Deus e a Virgem Maria;
Eu vos matarei a sede
Que ora matar-vos queria;
Eu vos darei a beber.
Prantos da minha alegria!

Captiva-se o cavalleiro,
Quem se não captivaria!

N'isto la enfeitiçada
Do loureiro se descia.

—Vamos, cavalleiro, a Roma,
Pôr os pés em pedra fria;
Padre Santo que lá reza
Absolvição nos daria.

—Não iremos lá tão longe,
Que em vós não ha maladia,
Ireis á minha albergarda,
Lá tereis albergaria.

A caminhar se puzeram
Quando a lua mais lumbria,
E dava o clarão no rosto
De la infanta que fugia.
Quando ao meio do caminho
Perro moiro lhe saia,
Que era quem a vigiava,
Que era quem a guardaria.

—Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Se a vida não te agonia,
Se la poncella me levas,
Levas a luz do meu dia.

—Só m'emporta o que te levo,
De ti não me importaria.

—Se a dona tu me roubaras,
Logo aqui te mataria.

Para elle avança o moiro,
Pensando que o deteria,
Mas ao puxar pela infanta
A mão aos pés lhe caia.
Queda-se elle pensativo,

Sem saber o que faria,
Emquanto o moiro pensava,
Em quanto elle se doria,
O christiano com la infanta
Voava, que não corria!...

Ao inicio da civilisação mauritana na nossa peninsula se refere o *romance*, Dom Julião, colligido no *Romanceiro* do Algarve, do qual não encontrei indicios alguns em todo o concelho de Loulé, como igualmente nada encontrei do romance, «O cavalleiro da Silva», colligido pelo auctor do citado «Romanceiro», e muito mais moderno do que aquelle. Parece ao seu collector que o primeiro d'estes romances é um dos mais antigos, representando os derradeiros alentos da monarquia Wisigothica, e o segundo, em que o cavalleiro aparece de espora doirada, talvez, um d'esses heroes que acompanharam o Mestre de Avis e o Condestavel aos campos de Aljubarrota, e figuraram na «Ordem da Madre Silva».

Eil-os:

DOM JULIÃO

Dom Rodrigo, dom Rodrigo,
Rei sem alma e sem palavra,
Com a vida pagas hoje,
A traição de dona Cava! (1)
Dom Juliano lá em Ceita, (2)
La em Ceita a bem fadada, (3)
A jurar está vingança
Pelas suas mesmas barbas,
Não estivera elle enfermo,
Já com armas se voltara,
Que onde Juliano chega,
Ninguem chega nem chegara;
Cavalleiro de armadura
Não se lhe mostra com armas,
Que fadado foi Juliano
Para só vencer batalhas!

Sete noites pensa o conde,
Todas las sete pensara,
Como pudera vingar-se
De quem tanto o magoara;
Quer escrever, mas não póde,
Por seus servos rebradára,
Ao mais velho escrever manda
E o conde a carta notara;
Mal acaba de escrever se
Ao rei moiro a enviava.
Na carta lhe dava o conde,
Todo o reino de Granada,
Se logo ao campo mandasse
Sua gente bem armada,
Para vingar sua filha,
Que el-rei godo deshonrara.
Mal recebe el rei a carta
Sua gente aparelhava,
Para vingar Juliano,
Para conquistar Granada.

Triste Hespanha, flôr do mundo,
Tão nobre e tão desgraçada!
Por vingança de um traidôr
Serás dentro em pouco escrava!
Tuas cidades e villas
Todas te terão ganhado!
Andaluzia não hade
Dar-te mais vida, mais alma, (4)

Terras benditas são logo
De perros moiros cercadas;
O triste do dom Rodrigo
Ao campo vai dar batalha,
Mas lo traidor de dom Oppas
Tudo ali lhe atraiçoara.
Grande senhor de Moirama
Commandava grande armada;
Pondo o pé em terra firme,

Toda a terra conquistava;
O sangue já era tanto
Que todo o campo ensanguava.

Assim perde Dom Rodrigo
A sua grande batalha,
Tambem perde Andaluzia,
E tambem perde Granada;
Guadalete outra não vira
Tão fera e tão pelejada!

Toda Hispanha se converte
Em poderosa Moirama.
Dom Juliano e dom Oppas
Dona Cava assim vingavam!

(1) A traição de dona Clara
(2) Juliano está em Ceita
(3) Para te fazer a barba.

(4) Este e o antecedente verso referem-se talvez ao facto de ter sido em Andaluzia que Ruderico foi primeiramente proclamado rei pelos inimigos de Witiza.

(5) Crê se que dom Oppas, arcebispo de Sevilha, tomara parte muito activa na conspiração do conde Juliano.

(6) Este *grande senhor da Moirama* suppõe-se fosse o celebre Moira. (Hist. de Port. de Alexandre Herculano tom. 1.º cap. II pag. 50.

(7) Esta batalha, junto do Rio Guadalete, feriu-se no anno de Christo de 714, no mez de Novembro (*Còro das Muzas* p. Fr. Francisco do Nascimento Silveira. Port. III pag. 76 — edic. de 1796.

(Do Colletor).

O CAVALLEIRO SILVA

Chega-te cá, minha filha,
Linda filha da minha alma,
Vai-te por esses sobrados,
Sobe alem aquella escada,

Verás um lindo moirinho
Quando estejas debruçada;
Ai! detem-no ali, detem-no,
Com tuas doces palavras;
Antes que ellas sejam poucas
Que sejam arrazoadas:
Filha, lá de quando em quando
Que vão de amores tocadas.

—Irei por esses sobrados,
Subirei aquella escada;
Mas que hei de dizer, meu pai,
Se de amores não sei nada?
Moriana sobe ao balcão
Muito bem ataviada,
Logo vira o tal moirinho,
Que por outra não andava;
Assim que assoma seu rosto,
Muito bem que elle a saudava.

—Que Deus te salve, ó bom moiro,
Lindo encanto da minha alma!
Bons sete annos ha que eu ando
Por ti louca enamorada!
—Por ti deixei minha terra
E aqui vim fazer pousada.
—Se cuidara que assim fôra
Por ti tudo abandonara.
—Se assim é, ai mesmo agora
Nos meus braços te aparára!

Ditas que eram taes blandicias,
Lá muito ao longe assomava
Cavalleiro todo armado,
Que sobre a areia voava;
Montava rijo alazão,
Que pela boca espumava;
E com elle tambem vinha
Uma nobre cavalgada.

— Ai, corre d'ahi bom moiro,
Não digas que eu te falava,
Que alem vem um cavalleiro
Com espada, lança e malha.

O cavallo ainda era longe
E já bem que relinchava (1)
O cavallo todo branco,
Dom da Silva é que o montava.

—Bem conheço o cavalleiro
E tambem quem o 'sperava...
Dom da Silva não me importa
Nem da sua gente armada;
Se por aqui me não queres,
E' que és sua apalavrada;
E' que por elle tu andas
De amores toda tocada.

— Tem-te, tem-te, ó moirinho,
Escuta-me uma palavra,
— Como te hei de ouvir senhora,
Se do cavalleiro a espada
Já me attravessa este corpo
E a lança me entra n'alma?

Era por manhã de maio
Cavalleiro ali chegava;
Mariana ama o christiano
Como ao moiro não amava;
Nem seu pai com seus conselhos
N'aquelle amôr a voltava
Inda meio dia não era,
Remedio ninguem lhe dava,
C'o cavalleiro da Silva
Já Mariana se apartava.

---

(1) E muito bem que *vinfava*

O COLLECTOR.

5

Do ex.mo snr. J. J. Nunes recebi duas lições deste romance sob o titulo «A Condessa» e «O Conde d'Allemanha».

A CONDESSA

Inda agora vim da corte
El Rei manda-me chamar?
E' para me fazer mercês
Ou para me mandar matar?

«Aqui estou ás vossas ordens
Tambem ao vosso mandar;
E' para me fazer mercês
Ou pr'a me mandar matar?

— Não pr'a te fazer mercês,
Nem p'ra te mandar matar;
E' p'ra matar a condessa
P'ra casares com minha filha.

— Eu não mato a condessa
Por que a morte não merecia;
Mandarei pol-a numa torre,
Que nem lua nem sol veria.

— Vai já matar a condessa
Pr'a casares com minha filha.

— Eu não mato a condessa,
Porque ella a morte não merecia;
Mandarei-a p'ra casa dos seus pais
Que elles logo a acceitariam.

— Vai matar a condessa
P'ra casares com minha filha;
E traz-me aqui a cabeça
N'esta doirada bacia.

Dali saiu com grande agonia!
As lagrimas eram tantas
Que pela rua corriam!
Os suspiros eram tantos
Que o castello adormeciam!

— Conta, bom conde, á condessa,
Todas as tuas agonias
Como contavas as alegrias.
— Mandai vós pôr a meza
Que eu logo vos contaria,

— Oh! criados e criadas,
Estejam todos ao meu mandar,
Vão já pôr a meza
P'ra o bom conde ir jantar.

Todos dois foram para a mesa
Nem um nem outro comiam;
Os suspiros eram tantos
Que o castello adormeciam!
E as lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam!

— Conta, bom conde, á condessa
As tuas agonias,
Como contavas as alegrias.
— Mandai vós fazer a cama
Que eu logo vos contaria,

O' criados e criadas
Estejam todos ao meu mandar,
Vão já fazer a cama
Para o bom conde se deitar.

Todos dois foram p'ra cama
Nem um nem outro dormiam;
As lagrimas eram tantas
Que pela cama corriam!

E os suspiros eram tantos
Que o castello adormeciam!

El Rei te manda matar
P'ra eu casar com a filha,
— Manda me pôr numa torre
Que nem sol nem lua veria.
— Tudo isso lhe eu disse
A nada disso obedecia,
— Manda-me p'ra casa dos meus pais,
Que elles logo me acceitariam,
— Tudo isso eu lhe disse
A nada disso obedecia;
Que levasse a tua cabeça
N'esta maldita bacia.

— Dá-me cá aquelle menino,
Aquelle mais pequenino.
«Mama, mama, meu menino,
Não deixes uma pinguinha,
Porque inda hoje tindes mãi,
Amanhã terás madrasta,
Da mais alta senhoria,
Da-me cá aquelle tinteiro
E aquella escrivaninha,
Que quero escrever a mi madre
A desgraça d'esta filha.
Permitta Deus d'Arcello,
Mala a sagrada Maria,
Que El Rei não viva uma hora,
Nem a princesa, sua filha.

Já os sinos dobravam
E toda a gente admirava,
O que é isto? o que não é?
E' El-Rei de Marrocos
E a princesa sua filha,
Que quer desapartar casais
Cousa que Deus não queria.

OUTRA VERSÃO

Filha d'El Rei de Marrocos,
Todo o dia está *Chorando;*
Seu pai lh'está perguntando
Do que *Choras,* filha minha?

—Se *Chorara*, ó mé pai,
Tenho motivos para isso;
Tenho visto outras dos més annos
Já terem casa e vida,
Só eu tenho estes annos
Não tenho casa nem vida.

—Que hei de fazer, ó minha filha,
S'eu não acho quem te sirva!
Só o conde de La Manha,
Esse tem mulher e filhos!

—Esse mesmo, ó mé pai,
Esse mesmo é que eu queria,
Mandamos hoje chamal-o
Pela nossa fidalguia.

El-Rei o manda chamar
Mais a princesa sua filha.

—S'El-Rei me manda chamar,
E' p'ra me mandar matar,
Ou p'ra me mandar lançar
Nas ondas do claro mar.

—Vinde com *Dés,* ó mé bom Conde,
Vinde com *Dés,* fidalguia.
Vai matar tua mulher,
Casarás com minha filha.

—A minha mulher é moça
A morte não a merecia;

Eu metto-a num convento
Nem sol nem lua veria.

—Faze, conde, o que te mando
Não olhes para mais porfia,
Que me tragas a cabeça
Nesta dourada bacia.

Vindo o conde para casa
Agoniado de agonia,

—Que tindes, o mé bom conde,
Que tindes, ó alma minha?
Contai las vossas penas
Que eu vos conto de alegrias!

Manda-me já pôr a meza
Só assim te contaria.

A meza já está posta
Nem um nem outro comiam;
As lagrimas eram tantas
Que p'la meza corriam!

—Que tendes, ó *mé* bom conde?
Que tendes, ó alma minha?
Contai las vossas penas
Que eu vos cantarei d'alegria!

—Manda-me fazer a cama,
Só assim te contaria,

A cama já está feita
Nem um nem outro dormiam!
As lagrimas eram tantas,
Que p'la cama corriam!

—Que tindes, o mé bom conde,
Que tindes, ó alma minha?

Conta las vossas penas
Que eu vos contarei d'alegria!

—El-Rei te manda matar
Para casar com sua filha.
—Cala-te, ó me bom conde
Que isso remedio teria;
Manda-me pôr num convento
Nem sol nem luz veria.
....
—Dá cá aquelle tinteiro,
Mal aquella escrivaninha,
Quero escrever a mé pai,
A desgraça desta filha;
Da cá aquelle menino,
Quero-lhe dar de mamar;
Mama, mama, ó *mé* filho,
Nan deixes pinga do leite;
Te gora tiveste mãe
Mãe que tanto te queria,
Agora terás madrasta
Da mais alta fidalguia.

Ella se pondo á janella
Os sinos da Sé ouvia.

—Quem morreu? quem morreria?
—Morreu El-Rei de Marrocos
Mala a princeza, sua filha;
Queriam desmanchar casais,
Cousa que *Des* não queria.

Afóra a irregularidade de alguns versos, cuja emenda é mui facil, devo informar que no Algarve, entre a gente rustica, principalmente maritima, substituem o meu, teu, Deus, por mé, te, *Des*. Tambem não admira que o conde da Allemanha esteja substituido pelo conde da *La Manha*. Habituados a fallar muito e depressa, o nosso povo come parte das letras e adultera os nomes menos conhecidos.

O CONDE da ALLEMANHA

O' meu pai, já era tempo
De vós me dar um marido;
Por vergonha não no peço,
De boa vontade lhe digo.
—Filha, na corte não acho
Quem vos sirva de marido;
Só o conde da Allemanha
Elle tem mulher e filhos.
—Com o mesmo é qu'eu quero,
Com elle mesmo é qu'eu queria;
Mande-o, meu pai, chamar
P'ra jantar cá um dia;
Fale-lhe o meu pai d'amores,
Senão eu lhe falaria.

—Criados, ó meus criados,
Os que estão ao meu mandado,
Chamem-no conde da Allemanha
Que a palacio é chamado.

—A's ordens do real senhor,
A's ordens da real senhoria,
El-Rei vos manda chamar
E a rainha Dona Maria.

—Ainda agora vim da corte
El-Rei não me quis falar,
Agora que estou em casa
E' que me manda chamar!
Ou me quer fazer mercês,
Ou p'ra me mandar matar?

Monta-se no seu cavalo,
Claro como proprio dia,
Chega á porta do palacio
—Que quer vossa senhoria?

Ao arrojar das cadeiras
O rei logo lhe dizia,

—Quero que mates a condessa
P'ra casar com minha filha.

—Isso não faço eu, senhor,
Que ella a morte não mer'cia,
Mandarei-a para a serra
Que as feras a tragariam.

—Cala-te, ó conde Cravo,
Não te ponhas á porfia,
Que has de matar a condessa
P'ra casar com minha filha.

—Isso não faço eu, senhor,
Que ella a morte não mer'cia,
Mandarei-a para um convento
Que ella nem sol nem lua v'ria.

—Cala-te, ó conde Cravo,
Não te ponhas á porfia,
Que has de matar a condessa
P'ra casar com minha filha.

—Isso não faço eu, senhor,
Que a morte não na mer'cia,
Deitarei-a d'uma janella abaixo,
Que ella arrebentaria.

—Cala-te, ó conde Cravo,
Não te ponhas á porfia,
Que has de matar a condessa
Antes de uma *Avé Maria*.
Se chegar a pela manhã
Não ha de chegar ao meio dia,
Quero que me tragas a cabeça
Nesta dourada bacia.

Indo o conde pr'a sua casa
Muito cheio de agonia,
Mandou fechar seus portaes
Coisa que elle nunca fazia!
Mandou vestir seus criados
De preto á *moirania.*

—Conta-me lá, meu bom conde,
Minha doce companhia;
Conta-me a tua tristeza,
Como contas de alegria.

Não vos conto, ó condessa,
Que vos causa muita agonia.

—Conta-me lá, meu bom conde,
etc. etc. etc.

Mandou pôr a sua mesa
Que logo lhe contaria
A mesa já era posta
Nem um nem outro comiam,
Que as lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam!

—Conta-me lá, meu bom conde,
etc. etc. etc.

Mandou fazer sua cama
Que logo lhe contaria,
A cama já era feita,
Nem um nem outro dormiam;
Que as lagrimas eram tantas,
Que pela cama corriam!

—Conta-me lá, meu bom conde,
etc. etc. etc.

—Pois é El-Rei de Marrocos,
E rainha Dona Maria,
Que quer que te mate a ti,
P'ra casar com sua filha.

—Cala-te, meu bom conde,
Que tudo remedio teria;
Mandarás-me para a serra
Que as feras me tragariam!

—Como pode isso assim ser
Se eu já isso lhe diria?

—Cala-te, meu bom conde,
Minha doce companhia,
Mandarás-me p'ra um convento
Que eu nem sol nem lua v'ria.

—Como pode isso assim ser
Se eu já isso lhe diria?

Cala-te, meu bom conde,
Minha doce companhia,
Deitarás-me duma janella abaixo,
Que eu logo arrebentaria.

—Como pode isso assim ser
Se eu já isso lhe dizia?
Quer que se chegues p'la manhã,
Que não chegues ao meio dia,
Quer que lhe mande a cabeça
Nesta maldita bacia.

—Pois eu um favor te peço,
Só um favor te pedia.
Não me mates c'um punhal,
Que é uso da tirania
Mata-me c'uma toalha,
Que é uso de fidalguia,

Dá-me aquelle tinteiro,
Dá-me aquella escrivaninha,
Quero escrever a *mi madre*,
A desgraça de sua filha.

—Dá-me aquelle menino,
Quero lhe dar de mamar:
«Mama, filho, mama, filho,
Este leite agoniado;
Que inda hoje tu tens mãi,
E amanhã estarei no adro;
Mama, filho, mama, filho,
Este leite de agonia,
Que amanhã já tens madrasta,
Da mais alta senhoria,

As razões que eram ditas
Criados que á porta batiam,
Se a condessa não era morta,
Elles mesmo a matariam.

A condessa não é morta
Mas já'stá nesses alcances

—Eu vos peço a Deus Senhor,
Mais á sagrada Maria,
Que El-Rei não viva uma hora,
Nem a sua filha um dia.

As razões que eram ditas,
Os sinos se dobrariam.

—Quem morreu? quem não morreu?
Quem morreu? quem morreria?

—Morreu El Rei de Marrocos,
E princesa sua filha,
Queriam desmanchar casais,
Coisa que Deus não queria.

Duran aventa a opinião que este romance alluda á morte dada pelo infante D. João a sua esposa D. Maria Telles por intrigas da Rainha Leonor, para casar com a infanta D. Beatriz.

A esta epoca se deve talvez referir o romance — Dom Rodrigo — que se lê no *Romanceiro do Algarve* e passo a reproduzir:

DOM RODRIGO

Enfermo el-rei de Castella
Em cama de prata estava;
Dés que seu mal o turgira,
Sete doutos consultava,
Qual delles de mais sabença,
Quasi todos de Granada;
Uns e outros lhe diziam
Que o seu mal não era nada,
Mas o mais velho de todos
Outras falas lhe falava.

— Confessai-vos, dom Rodrigo,
Fazei bem por vossa alma;
Sete horas tendes de vida,
E uma já quasi passada.
—Fazer quero testamento
Nesta hora atribulada;
Deixo a dom Ramiro o burgo (1)
A dom Gaifeiros a barra; (2)
A dona Almansa, a formosa,
Minha riqueza contada.

A isto acorda a princesa
Muito triste e magoada.

—Que Deus vos salve, ó meu pai,
E a mim filha abandonada,
Que assim daes a minha herança
A quem a vós não é nada!
Uma só filha que tendes,
Bem que a deixaes desherdada!

Ai, pobre de minha vida,
Pobre de mim, malfadada!
Para as portas do Sevilha
Irei demandar pousada;
Ganharei com triste pranto
Para ser alimentada!
—Mulher que taes falas resa,
Deverá ser degolada!
Eu só te deixo em Zamora
Uma torre por coutada;
E a quem lá fôr procurar-te
Seja a cabeça cortada. (³)
Não tenho mais que deixar
A uma filha deshonrada.

Ao romper do novo dia
Zamora estava cercada.

—Que parta já dom Ramiro,
Leve em punho a minha espada;
Que parta já dom Gaifeiro,
Commandando a minha armada,
E que em Zamora não fique
Uma torre alevantada,
—Lesto, lesto, dom Ramiro,
Com vossa real espada,
Lesto, lesto, dom Gaifeiro,
Com a vossa nobre armada;
Que não fique uma só torre,
Zamora fique arruinada.
Dom Ramiro, avante, avante,
Com vosso cavallo e malha;
Minha mãi vos deu virtude,
Meu pai dá-vos uma espada
E eu vos dou esporas d'ouro,
Pendão de seda encarnada,
Que de um lado leva o sol,
Do outro a lua prateada.
Vencei com esta bandeira

Por minha mão só lavrada;
De ha muito que eu vol-a dera,
Se essa mão não fôra dada...
Hoje é do Ximenes Gomes,
Filha do conde Lousada,
Não me importara que o fôra,
Se me não devesseis nada.
—Pois como assim é, senhora,
Vai ella ser degolada,
—Não o queira Deus bemdito,
Nem a Virgem consagrada,
Que união que o ceu permitte,
Seja por mim apartada!
Adiante, ó dom Ramiro,
Com vossa real espada,
Que já lá vai dom Gaifeiro
Commandando nobre armada,
Eu só nasci neste mundo
Para infanta desgraçada!

(1 e 2) *burgo* — o exercito — *barra*-a armada.
(3) Que minha maldição paga — (variante).

6

Reis Damaso publicou na Encyclopedia Republicana uma lição d'este romance colligida em Lagos. E' a seguinte:

Olá, olá! — Quem está ahi?
— E' Bernal Francês, senhora.
— A porta vou abrir
Vindo a senhora pelos ladrilhos descalça.

— «Apagaste o meu candil,
Pelo canudo de prata.
—Que me importa a mim, senhora,
Se a luz dos seus olhos basta.

Levou-o para o seu jardim
Lavou-o de mãos e pés

Em aguas de alecrim;
Fez-lhe uma cama de rosas
Deitou-o ao pé de si.
Era meia noite em pino
E elle sem se virar para si.

—Que tens tu, Bernal Francês,
Que te não viras para mim?
Se tens medo dos meus filhos
Elles estão dormindo;
Se tens medo dos meus criados
Elles não estão por ahi;
Se tens medo do meu marido,
Longes terras está de mim
Os mouros o cativem lá
E más novas me venham aqui.

—Não tenho medo dos teus filhos,
Que elles filhos são de mim;
Não tenho medo dos teus criados,
Que elles criados são de mim;
Não tenho medo do teu marido
Que aqui o tens ao pé de ti.

—Matai-me, senhor, matai-me
Que isto foi sonho que eu sonhei.
—Que te mate Deus do ceu,
Que por isso te criou.
Mas deixa vir a manhã
Que eu te darei de vestir;
Bom sapato, boa meia,
Gargantilha acolorada
E saia de carmezim.

Manhã que era chegada
Elle que a degolava.
Montado em seu cavallo.
A toda a brida partia;
Indo lá mais adiante

Um lanceiro que encontrava.
Adonde vais, oh lanceiro,
Que vais tão cuidado em ti?
—Vou ver a minha amada
Que ha muito a não a vejo.
—Tua amada é já morta
E' morta, que eu a matei
Se para isso viesse preparado
A mesma te dera a ti.

—Anda, anda, meu cavallo,
Vamos ver se isto é assim.

Indo lá mais adiante
Um alvrejão encontrava
Elle teve tanto medo
Que fez modos de fugir
—Não fujas, Bernal Francês,
Não fujas tu de mim;
Os olhos com que te olhava
Já de nevoa os cobri;
Boca com que te beijava
Já de terra a cobri,
Braços com que te abraçava
Já não teem força em si,
A mulher com quem casares
Que se chame Rosa como a mim,
Para quando chamares por ella
Te lembrares de mim.

(Encycl. rep. pag. 155).

A lição que colligi em Loulé é mais longa e variada; devo todavia affirmar que em nada a alterei. Ouvi diversas lições a diversas pessoas e formei uma só lição, porque é raro encontrar uma só pessoa, que tenha de memoria todos os incidentes de um romance. Completa-se o romance depois de ter ouvido muitos versos. E' possivel que o benemerito falecido Reis Damaso só ouvisse uma lição.

7

No *Romanceiro do Algarve* de Estacio da Veiga, a paginas 65, encontro sob o titulo *Dom Diniz* um romance, que me offerece nova lição do por mim colligido sob o titulo *Dom Nino* ou *Dom Nilo*. Eil-o:

Já se la vai Dom Diniz,
Manhanita do Natal,
Vai dar agua a seu cavallo
Lá para as ribas do mar;
Dom Diniz morre de amores
Pela Dona Iria real;
Assim que el-rei tal soubera
O mandara desterrar.
Emquanto o russo bebia
Elle se poz a cantar;
El-Rei que á janella estava,
Mal o acaba de escutar,
Vai-se ter com sua filha,
A linda infanta real.

—Anda cá, ó minha filha,
Ouvir um doce cantar,
Que ou é dos anjos do ceu,
Ou das sereias do mar.
—Não é, não, senhor meu pai,
E' bem outro esse cantar...
E' Dom Diniz com saudades
Que se está a deiatar!
E' Dom Diniz, Dom Diniz
Que de amor me vem falar:
—Se é Dom Diniz, minha filha,
Eu o mando já matar,
E' bem que pague com a vida
Desterrado que tal faz.
—Na fogueira em que elle arder,
Me quero eu logo queimar,
E, na cova em que o metterem,
Tambem me quero enterrar.

Todos os sinos dobravam;
Dom Diniz era a queimar;
Mal que a infanta ouvira os sinos
Se deixa logo finar.
Mortos que eram os amantes
Já os lá vão a enterrar,
Elle no meio da igreja,
Ella mesmo ao pé do altar,
Tres dias eram passados,
Na igreja o mesmo cantar,
O cantar que el-rei ouvira
Lá para as ribas do mar.

Passádos outros tres dias,
Então é que era pasmar;
Na campa da linda infanta
Nasce um formoso rosal,
Da campa do cavaleiro
Um viçoso canavial.
E as canas tanto cresceram
Que em arco se iam curvar.
Manda El-Rei cortar as canas
Mais as rosas do altar;
Da infanta nasce uma pomba,
D'elle um gavião real;
Mas el-rei de enraivecido
Laços lhe mandou armar.
Voavam azas com azas
Para no ar se abraçar;
Voavam bico com bico
Para no ar se beijar;
E tanto, tanto voaram
Que ao ceu foram parar.

Na introducção d'este romance e a proposito das suas differentes lições, com diversos titulos, diz o snr. Estacio de Veiga=«O que se poderá presuppor é que o assumpto se tornou logar commum e que differentes trovadores o adoptariam, ataviando-o cada um com diversas galas».

Estas palavras teem aplicação aos diversos romances até hoje cuidadosamente colligidos.

Com o mesmo final do romance *Don Nilo* publicou Reis Damaso na *Encyclopedia Republicana* a paginas 230, um bonito romance batizado com o nome a Peregrina.

A PEREGRINA

—Dom Alberto, não ames
A filha do teu senhor;
Ella é muito creancinha
Não te ha-de ter amôr.

Dom Alberto, como entendido,
A longes terras foi parar;
Casou com uma senhora
Que muito bem sabia falar.

A primeira que isto soube
Logo se poz a pelingrinar.

—«Esmola á pelingrina,
Que anda a pelingrinar;
Que a pelingrina já foi rica,
Já teve muito que dar».

—Quem sois vós, minha senhora,
Que tão bem sabeis falar?
—Sou filha do rei d'Espanha,
Rainha de Portugal,
Da-me a mão Dom Alberto,
Que de ti me não quero separar.
—Como pode ser, senhora,
Se ainda hoje me fui casar?
—Se tiveres mulher moça,
Deus t'a deixe gosar;
E se tiveres filhos
Deus t'os deixe criar.

Encostou-se aos hombros d'elle
E ali se deixou finar.

A rainha que isto viu
Logo os mandou separar;
Uma hora era passada,
O rei estava a expirar;
Um enterrou-se ao pé do pulpito,
Outro ao pé de um altar,
D'elle se formou um pereiro,
D'ella uma pereira real,
As folhinhas que caiam,
Logo se punham a brincar.

A rainha mal isto sabe,
Logo as manda cortar,
D'elle se formou um pombo,
D'ella uma pomba real;
E n'um vôo que deram
Logo se foram abraçar,
A esta hora estão no ceu,
Sua felicidade a gozar.

Ainda com este romance, principalmente nas ultimas linhas, muito se parecem os dois romances—a *Enganada e D. Manuel*, colligidos por Estacio da Veiga. Eil-os:

A ENGANADA

—Vosso pai, quando morreu,
Me deixou como penhor
Que vos desse bom ensino
E entregasse a bom senhor;
Entreguei-vos a El-rei,
Pois não acho outro melhor,
Olhai, filho, que me dizem
Que vós fostes lo traidor,
Que enganastes la princesa
Filha d'El-Rei, meu senhor,

Receiai-vos do castigo
Acolhei-vos se tal fôr.

Mancebo que tal ouviu,
Longas terras foi morar;
A princesa que o não vira
No seu palacio real,
Mandou sellar um cavalo,
Poz-se logo a caminhar,
Chegou a uma terra longe,
Longe d'aquelle logar,
—Mora aqui um cavalleiro?
Esse é que eu vinha buscar
—Um cavalleiro aqui mora,
Mas hoje foi a caçar.

Palavras não eram ditas
Elle que á porta chegava;
Olhava um para o outro,
Nem um nem outro falava;
Nos olhos bem se entendia,
O que um do outro cuidava!
As lagrimas eram tantas;
Os suspiros eram tais,
Que só de ouvil-os cortava!
Ficara-se ella suspensa
Elle immovel se quedava!

—A que vindes vós, senhora,
Que vindes buscar aqui?
—Que me guardeis a palavra
Que vós me destes a mim,
Que me acceiteis por mulher,
Pois que por vós me perdi!

—Mulher e filhos já tenho
Não os posso abandonar; (1)
A mulher é muito honesta,
Eu não a hei de matar;

Os filhos são mui pequenos,
Hei mister de os bem criar.

A princeza que isto ouviu
Morta cahiu para traz.
—Que a soterrar hoje a levem
Ao mosteiro de S. Braz,
Num ataude coberto
Com ricos pannos de Arrás.

Vinte padres a acompanham
Com tochas por cada lado,
C'um letreiro á cabeceira
Em oiro fino esmaltado:
Quem morre do mal de amores
Leva um mal desesperado!

DOM MANOEL

Havia um dom Manoel
Filho de um gran general,
Mandou falar á princeza
Para com ella casar;
Seu pai se fez mui grave,
Sua mãe não a quiz dar.
Elle, quando tal ouvira,
Longes terras foi buscar.
A princeza com saudades
Poz-se logo a caminhar.
Andou de terra em terra
E de logar em logar.
Foi-se a ter com uma dama
Mui discreta em seu falar;
Em casa de dom Manoel,
Lá mesmo foi a parar.
—Mora aqui um cavalleiro,
Doutra terra natural?
—Ai, sim, mora aqui, senhora,
Dizei vosso desejar,

Elle foi a uma caçada
Para se desenfadar;
Se é recado de importancia,
Eu o mando já chamar.
—Deixai-o caçar, senhora,
Deixai-o desenfadar.

Palavras não eram ditas,
Elle á porta a desmontar,
—Quem trouxe aqui a princeza
De mi terra natural?
—Saudades tuas, saudades,
Cá me fizeram chegar,
—Em má hora sois chegada,
Em má hora de contar!
A vosso pai vos pedi,
A vossa mãe fui fallar,
Vosso pai se fez mui grave,
Vossa mãe não vos quiz dar;
Agora é tarde, não posso,
Tenho outra em vosso logar,
E della filhos já tenho,
Que Deus me ajude a criar.
—Se tu tens mulher e filhos
Deus t'os queira conservar;
Tarde cheguei, cavalleiro,
Para só por mim falar.
Não podes tu já valer-me,
Não tenho mais que esperar;
Porem como tu és d'outra
Mais ninguem me ha-de gosar;
Abre-me ainda os teus braços,
Que nelles quero expirar.

Nos braços do cavalleiro
Ella se deixa finar;
Nem com cravos nem com rosas
A puderam dispertar!
Manda chamar tres donzelas

Para a virem enfeitar;
Mandou fazer uma cova
Como se fôra real;
Mandou dizer muitas missas
Todas de pontifical.
Já se lá dobram os sinos,
Já se lá vae a enterrar.
Ao cabo de sete annos,
Da cova nasce um rosal,
Que dava rosas tão altas,
Rosas de tal perfumar,
Que até á casa da mãe
O perfume ia parar.

No *Romanceiro do Algarve*, sob o mesmo titulo Dom Aleixo, lê-se o seguinte romance:

Lá na corte de Castella
Entre los grandes vivia
Nobre e alto cavalleiro,
Que era a flôr da fidalguia;
Dom Aleixo lhe chamavam,
Dom Aleixo se dizia;
Secretario era D. El-Rei,
E El-Rei mui bem lhe queria,
De amores elle tratava
Com dama de alta valia;
De dia andava-lhe á porta
E de noite a perseguia.

—Sete annos tenho de amores,
Sete annos e mais um dia;
Vai ser cumprida a palavra,
Jurou que não faltaria,
Que esta noite á meia noite
Aos meus braços se daria.
—Tres cousas te peço, Aleixo,
Que da tua honra pretendia,
A' uma que venhas só,

Que não tomes companhia;
A' outra que tragas armas
Como é uso e cortezia,
E que o teu pagem não saiba
O que saber não devia.

Dom Aleixo que tal ouve,
Muito altivo ficaria;
Inda o sol ia correndo,
Elle já se deitaria,
Meia noite quasi a pino,
Da cama logo se erguia.
Vestira saia de malha,
Seu capacete lumbria;
Na mão espada levava,
No cinto adaga escondia.
Ao sair encontra o pagem
Que os passos lhe já seguia.

—Eu só, me vou esta noite,
Eu só, sem mais galhardia,
De volta serei comvosco
Antes que amanheça o dia.

Rua abaixo caminhava,
Rua acima se volvia,
Vira vir um penitente
Que mui de perto o vigia.

—Dize-me se és alma que pena.
Pelas ruas da agonia,
Que se vais buscar conforto,
Salvação já te daria.
—Penando de ha muito estava
Porque ainda te não via,
Eu sou teu anjo da guarda,
O anjo da tua guia,
Que venho aqui avisar-te
Que te esperam á porfia

Sete espadas d'emboscada
Contra a tua bizarria.
—Outras tantas que ellas fossem,
Atrás eu não voltaria;
Com um só palmo de ferro
Minha vida guardaria.

Desapparece o fantasma,
Que um anjo bem parecia,
Volta abaixo o cavalleiro
E acima logo volvia;
Nisto as pedras eram tantas,
Que até o ar se movia.

—Guarte, guarte, ó meus vilões,
Não useis com vilania;
Arrancae de melhores armas,
Que eu por mim não fugiria;
Ao que espada não trouxesse,
A minha lhe eu a daria;
Com um só palmo de adaga
Todos sete mataria.

Avança e todos por terra
Bem mortos os julgaria,
Mas um dos sete que escapa
Fundo golpe lhe daria,
Aos gritos do cavalleiro
A dama logo acudia.

—Quem te mata, Dom Aleixo,
Quem matar-te mandaria!
—Mandaste-lo vós, senhora,
Com traição e covardia!
Não se me dá de morrer,
Que a vida assim mal servia;
Por minha mãe, que é já velha,
Eu só gritava e gemia!
Bem certo dizer é esse,

Que desde infante eu ouvia:
Perde quem anda de noite,
Ganha quem logra de dia,
Perde quem tem seus amôres
Quando em donzelas se fia,
Se dellas não me fiara
Tão cedo não morreria.

Não obstante ser esta lição colligida no Algarve faz differença da que colligi em Loulé. Quer isto dizer que uma só lição não é o bastante para se fazer por ella um seguro estudo.

Em ambos os *rimances* a desinencia permanente do verso é a mesma, é outra porem a estructura ou o enredo do romance. Em o romance colligido por Estacio de Veiga, mais prolixo, não se indica a posição social da dama traiçoeira, dizendo-se apenas:

...«dama d'alta valia»

na minha versão:

De amores elle tratava,
Com dama de alta valia
Camareira-mór d'El-Rei
Chamada Dona Maria.

E' ainda diversa a resposta de Dom Aleixo ao seu anjo da guarda; em Estacio da Veiga:

Outras tantas que ellas fossem
Atrás eu não voltaria
Com um só palmo de ferro
Minha vida guardaria.

na minha lição:

Jurei ao Senhor d'Arcella
Que p'ra trás não voltaria;
Um punhal de ouro que levo
Meu peito defenderia.

Quasi com o mesmo final do Dom Aleixo, foi-me enviado pelo snr. Theophilo Braga um pequeno rimance, colligido em Faro, sob o titulo—*As tres irmans*. Que facto daria origem ao rimance? A que epoca o devemos referir? Os estudiosos poderão certamente apresentar opiniões mais ou menos provaveis, e talvez mui longe do seu verdadeiro motivo, pois que me parece assáz difficil determinar a sua verdadeira origem.

AS TRES IRMANS

(Faro)

Estando as tres irmans
Assentadas ao seu lar,
Ensinando uma p'ra outra,
A coser e a bordar;
Dizendo a mais velha,
«Mana vamo-nos deitar»
A mais nova respondeu:
«Mana, vamos ao quintal».
Levemos tochas accesas
Debaixo do parreiral,
Que la está um velhinho,
Que eu quizera matar.

Já o sangue era tanto
Que a casa do pai foi dar;
«Meu pai abra-me essa porta
Abra-me de par em par,
Que aqui venho ferido,
Que me quizeram matar.

«Meu filho, quem te fez isso
Que eu me quero ir vingar?
—Foram as tres irmans
Debaixo do parreiral;
Uma chama-se Maria,
Outra chama-se Guiomar,
A outra chama-se Esperança,

Que a quero alcançar.
Meu pai, quando eu morrer,
Não me enterre em igreja,
Nem adro que foi sagrado:
Enterre-me áquelle canto,
Donde fui o namorado.
Quem por aqui passar que diga
«Já morreu o malogrado!
Morreu do mal de amores,
Que é um mal desesperado,
Ponham-me aqui um letreiro,
Resando á Virgem Maria,
Perde quem anda de noite.
Ganha quem anda de dia.

9

Do snr. José J. Nunes, recebi uma lição com o mesmo titulo, colligida em Lagos e que me parece ter estreitas relações com o por mim colligido n'esta villa, embora mui diversa a sua metrificação. A que se segue é evidentemente mais antiga:

DOM BRUNO

Vai-te, meu Dom Bruno,
Vai-te e vem logo;
Dize á tua mãe
Que venha aqui logo.

—Deus te salve, mãe,
Em braço d'ourado.
—Apeia-te, filho,
Que hasde vir cançado.

—Eu venho cançado
Por quem me regala;
E' que a *Flôr do Dia*
Me ficou de parto.

—Teve a *Flôr do Dia*
Um filho varão,
Com elle rebente
Sobre o coração.

—Minha *luz estrangeira*,
Minha querida aurora,
Madre, minha madre,
Não vinhaes agora.

—Vai-te, meu Dom Bruno,
Vai-te e vinde logo,
Dize á tua mana,
Que venha aqui logo.

—Deus te salve, ó mana,
Em braço d'ourado.
—Apeia-te, ó mano,
Que hasde vir cançado.

—Eu venho cançado
Por quem me regala,
E' que a *Flôr do Dia*,
Me ficou de parto.

—Teve a *Flôr do Dia*,
Um filho bastardo,
Com elle rebente
Sobre o costado.

—Minha *luz estrangeira*,
Minha querida aurora,
Mana, minha mana,
Não vinde agora.

—Vai-te, meu Dom Bruno,
Vae e vinde logo,
Dize á minha mãe,
Que venha aqui logo.

—Deus te salve, ó sogra,
Em braço d'ourado.
—Apeia-te, ó genro,
Que hasde vir cançado,
Um copo de vinho,
Ração ao cavalo.

—Eu venho cançado,
Por quem me regala,
E' que a *Flôr do Dia*,
Me ficou de parto.

A mãe que isto ouviu
Tratou de abalar,
No meio do caminho
Sinos a dobrar;
Lá mais adeante
Pastor encontrava.

—Dize-me, pastor,
Pelas santas almas,
Que dobres aquelles
Que são tão soados?

—E' a *Flôr do Dia*
Que já é faltada.

—Minha querida aurora
Minha *luz estrangeira*
Que tão só se viu,
Numa terra alheia,
Com falta de mãi,
Que não de parteira.

Na *Encyclopedia republicana*, a pagina 171, foi publicado pelo fallecido Reis Damaso, sob o titulo Dom Bozo, um rimance, colligido por aquelle escritor, em Lagos, que parece ser outra versão do romance Dom Bruno. E' o que se segue:

DOM BOZO

(Lagos)

—Levantai-vos, ó Dom Bozo
Se bem me quereis;
Ide chamar vossa mãe
Cá vós la chameis.

—Acordai, ó minha mãe,
Do doce dormir,
Venha á Flôr d'alma,
Que está para parir.

—Se parir, que pare
Um rapaz varão,
Que arrebente, estale,
Pelo coração.

—Confiai vós, minha alma,
Na Virgem Maria,
Minha mãe não está em casa,
Foi a uma romaria.

—Levantai-vos, ó Dom Bozo,
Se bem me quereis,
Ide chamar vossa mana,
Cá vós la chamareis.

—Acordai, ó minha mana,
Do doce dormir,
Venha á Flôr d'alma,
Que está p'ra parir.

—Se ella parir que pare
Uma rapariga,
Que arrebente, estale,
E acabe a vida.

—Confiai vós, minha alma,
Na Virgem Maria,
Que minha mana não está em casa
Foi a uma romaria.

—Levantai-vos, ó Dom Bozo,
Se bem me quereis,
Ide chamar minha mãe,
Cá vós la chamareis.

—Acordai, ó minha sogra,
Do doce dormir,
Venha á Flôr d'alma,
Que está p'ra parir.

Subi, Subi, meu genro,
Comei um bocado;
Emquanto eu ponho
Este negro toucado.
Acordai, ó meus moços,
A selar as mulas,
Emquanto eu visto
Estas negras vestiduras.

—Pastorinha nobre,
Que o gado guardais,
A quem se dobram
Estes signaes.
—E' pela Flôr d'alma,
Que morreu de parto.

—Ai minha querida filha,
Filha da minha vida,
Se eu lá estivesse,
Ainda eras viva.
Ai, minha querida filha,
Do meu coração,
Se eu lá estivesse
Morrerias ou não.

A sogra cançava
De accender os cirios
A mãe não cançava,
Em dar suspiros;
A sogra cançava
Em accender as velas,
A mãe não cançava,
Em chamar por ella.

Estas duas lições glosando o mesmo thema, servem de provar que nunca se pode ter a certeza de que se faz uma collecção completa de uma dada provincia uma vez que se não tenha feito o estudo dessa provincia, nas suas cidades, villas, povoações e aldeias, e ainda em todos os seus montes e casais.

No *Romanceiro geral* lè-se, sob o titulo—*Romance de D. Pedro* uma versão da Beira Baixa que tem alguma semelhança com o romance que publiquei sob o titulo—D. Bruno. Sou o primeiro a duvidar da autenticidade da ultima quadra do meu romance, e tel-a-ia illiminado se a não encontrasse em todas as lições que aqui observei.

Do meu illustre amigo, o snr. J. J. Nunes, de Lagos, recebi ultimamente uma nova lição d'este romance. Não o acompanha com o titulo, mas vê-se claramente ser nova lição de D. Bruno:

—Quem me dera agora ir
Até á horta d'Alvade,
Trouxera por companhia
A senhora minha madre.

—Vai, Dona Clemencia, vai,
Vai até lá a cavalo.
—Quando Dom Bruno vier
Quem m'o hade acommodar?
—Mandarás-lhe pôr a ceia,
Para logo elle cear,
Mandarás fazer a cama
Para elle se deitar.

Dona Clemencia a abalar
Dom Bruno que ali chegava.

—Que é da minha Clemencia
Que é da minha saudade?
—A tua Clemencia foi
Até á horta d'Alvade;
Ella aqui o que falou
Pela boca ella o pague;
Que eu era má mulher,
Tu eras filho de um frade,
Uns irmãos, que Deus te deu,
Eram filhos de um abbade.

—Alto, alto, meus criados,
Vão lá selar o cavalo;
Que eu quero agora ir
Até á horta d'Alvade.

E Dom Bruno qu' abalava
O criado que encontrava.

—Deus vos salve, ó meu Dom Bruno,
Alviç'ras vos quero dar,
Que tendes um filho infante,
Que Deus vos deixe criar.

—Nem o infante se crie,
Nem Deus o deixe criar,
Nem a mãe que o pariu,
Se chegue a levantar.

Elle indo mais p'ra diante
A sogra que vira estar.

—Deus vos salve, genro meu,
Alviç'ras vos quero dar;
Que tendes um filho infante
Que Deus o deixe criar.

—Nem o infante se crie,
Nem Deus o deixe criar,
Nem a mãe que o pariu,
Se chegue a levantar,
Vá-se ella alevantando,
Que eu já a quero levar.

—Ha duas horas que é parida
Já vós a quereis levar?
—Antes que ella fôra á uma,
Não m'havia de cá ficar.

Dom Bruno que abalava
O sangue já era tanto
Que o cavalo abanhava.

—Andai, Dom Bruno, andai
Dê esporas ao cavalo,
Que alem, áquella ermida,
Vos haveis de confessar.

—Andai, ó Dona Clemencia,
Dai esporas ao cavalo,
Que até, aquelle valle,
Vos haveis de confessar.

A confissão que lhe deu:
Acabou a de matar.

—Toma lá este menino
Da-me-o tu a criar,
Não m'o dês á tua mãe
Que ella o hade matar,
Da-m'o á minha mãe,
Que ella o hade criar,
Com o fumo da sua boca
Ella o hade defumar,
Com as lagrimas dos olhos
Ella o hade lavar,

Com a touca da cabeça
Ella o hade limpar.»

Depois das duas mortes feitas
Fez a confissão geral.

Desgraçados são os homens
Que em suas mães se fiam,
Uma madama tão linda,
Enterrada em terra fria.

10

Este romance conhecido em Loulé sob o titulo—Dona Silvana— e em Lagos, sob o titulo—*A Condessa*—é um dos mais apreciados nesta villa. Toda a gente antiga o conhece. Tendo apurado duas lições, ambas gosam da mesma auctoridade. Registei-as por me não julgar habilitado a preferir qualquer d'ellas.

De Lagos mandou-me o snr. J. J. Nunes uma lição do mesmo romance, que ali apurou. E' a seguinte:

A CONDESSA

Filha d'El-rei de Marrocos,
Todo o dia está *llorando*,
Seu pai lh'está perguntando
Porque *lloras*, filha minha?
—Se eu *llorava*, ó meu pai,
Tenho motivos para isso;
Ha meninas dos meus annos
Que casa e vida já teem,
Eu com toda esta edade
Nem caso nem vida tenho.

—Que hei-de fazer, filha minha,
Se não acho quem te sirva?
Só o conde da Allemanha
Esse tem mulher e filhos!

—Esse mesmo, ó meu pai,
Esse mesmo é qu'eu queria,
Mandamos hoje chamal-o
Pela nossa fidalguia.

—Está em casa o senhor conde,
Está em casa a fidalguia?
El-rei o manda chamar
Mais a princesa sua filha.
—Se El-rei me manda chamar
E' p'ra me mandar matar,
Lançando minha cabeça
Nas ondas do claro mar.

—Vinde com Deus, meu bom conde,
Vinde com Deus, ó fidalguia,
Vai matar tua mulher,
Casarás com minha filha.
—A minha mulher é moça
Ella a morte não merecia,
Metto-a logo num convento,
Nem sol nem luz veria.

—Faze, conde, o que te mando,
Não uzes de mais porfia,
Traze-m'a a sua cabeça
Nesta dourada bacia.

Volta o conde para casa
Agoniado d'agonias.

—Que tindes, ó meu bom conde,
Que tindes, ó alma minha,
Contai las vossas paixões
Eu contarei alegrias,
—Manda-me já pôr a meza
Só assim t'as contaria.

A meza estava já posta,
Nem um, nem outro comiam;
As lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam,

—Que tindes, ó meu bom conde
etc., etc., etc.
—Manda-me fazer a cama
Só assim t'as contaria.

A cama era já feita
Nem um, nem outro dormiam;
As lagrimas eram tantas
Que pela cama corriam.

—Que tindes, ó meu bom conde
etc., etc., etc.
—El-rei te manda matar
Par'eu casar com su'filha.

—Cala-te, ó meu bom conde,
Que isso remedio teria;
Vou metter-me n'um convento,
Nem sol, nem lua veria;
Dá cá aquelle tinteiro
Mais aquella escrivaninha,
Quero escrever a meu pai
As desgraças desta filha.

Dá cá aquelle menino
Quero dar-lhe de mamar.

«Mama, mama, ó meu filho,
Não deixes pinga de leite;
Inda hoje tindes mãe,
Mãe que tanto te queria,
Agora tindes madrasta,
Da mais alta fidalguia.

Ella pondo-s'á janella.
Os sinos da Sé que ouvia.

—Quem morreu, quem morreria?
Morreu El-rei de Marrocos,
E la princesa, sua filha,
Queriam desmanchar casais,
Cousa que Deus não queria.

Nas lições de Loulé, encontrei alguns versos que no meu entender representam sofisticações modernas. Expurguei-as dali; no entanto como este meu trabalho tem simplesmente em vista fornecer aos entendidos nestes assuntos os materiaes por mim encontrados nesta provincia e de que os sabios se servirão para construir os monumentos d'arte, vou indicar quais foram os versos que eliminei, e que figuram quasi no final de uma ou outra das lições.

Não me matem com um ferro,
Que dum ferro eu tremeria,
Num laço dos meus cabellos
Eu mesmo me mataria.

Adeus, adeus, meu jardim
Lá onde me divirtia,
Adeus, criados fieis,
Que muito bem me serviam.

Adeus, adeus, conde Alberto,
Claro sol e luz do dia,
Adeus, adeus; conde Alberto,
Minha dôce companhia.

Adeus, adeus, conde Alberto,
Lindo espelho onde me via,
Dá-me cá o nosso filho
Eu de mamar lhe daria.

Mâma, mâma, meu filhinho
Este leite amargurado,
Agora ainda tens mãe,
Amanhã estarei no adro.

Mâma, mâma, meu filhinho,
Este leite de amargura,
Hoje ainda tu tens mãe,
Amanhã na sepultura.

Mâma, mâma, meu filhinho,
Este leite de agonia,
Amanhã terás madrasta,
Da mais alta fidalguia.

Do meu illustre amigo, o ex.^mo^ snr. J. J. Nunes, de Lagos, recebi a seguinte versão:

DONA SILVANA

Estando Dona Silvana
No seu quarto bordando,
Seu pai lhe apparecia,
D'amores a accommettia.

—Oh tomara, oh Silvana,
Oh tomara, oh minha filha,
Dormir contigo uma noite,
Brincar contigo um dia.

—E as penas do inferno
Meu pai quem nas passaria?

—Passa tu, ó minha filha,
Que eu passarei todo o dia.

—Passe meu pai, se as quizer,
Que eu as passar não queria.

Nestas razões em que estavam
Sua mãe que lhe apparecia.

Que é isto? o que não é?
—E' Dona Silvana que quer
Dormir comigo uma noite,
Brincar comigo um dia.

A mãi que aquillo ouvia
Mandou pô-la numa torre
Nem sol nem lua veria.

Subindo a uma ventana,
Da mais alta que *tenia*,
Viu estar suas manas,
Bordando o que ellas sabiam.

—Deus vos salve, ó minhas manas,
Pr'a que sejam bem criadas,
Mandai-me dar um jarro de agua,
P'la hostia que é sagrada,
Que ou de fome ou de sêde,
Está-la-me apertando a alma...

—Não vos posso dar de beber,
Nem tão pouco sustentar,
Que se nossa mãe soubera
Vos mandaria matar.

Subindo outra ventana
A mais alta que *tenia*,
Vira estar os seus manos
Jogando o que elles sabiam.

—Deus vos salve, ó meus manos,
P'ra que sejais bem criados
etc., etc., etc.

—Não vos posso dar de beber,
Nem tão pouco sustentar,
Que se a nossa mãe soubera
Vos mandaria matar.

Subindo outra ventana
A mais alta que *tenia,*
Vira estar a sua mãe
Bordando o que ella sabiá.

—Deus vos salve, ó minha mãe
P'ra que sejais bem casada,
Mandas-me dar um jarro d'agua,
etc., etc., etc.

—Vai-te d'aqui, ó maldita,
Vai-te d'aqui amaldiçoada
Por amôr de ti, maldita,
Passo eu tão mal casada.

Subindo a outra ventana
A mais alta que *tenia*
Vira estar o seu pai,
Entre meio da fidalguia.

—Deus vos salve, ó meu pai,
P'ra que sejais bem casado,
Mandai-me dar de beber
P'la hostia que é sagrada,
Que ou de fome ou de sêde,
Esta-la-me apertando a alma,
Que daqui para diante
Serei vossa namorada.

—Subam, subam, meus criados
Vão todos ao meu mandar
Levar agua a Silvana,
Comer p'ra se sustentar.

Quando as toalhas vieram
Os anjos a amortalhavam,
Nossa Senhora ajudava,
E para o ceu a levava.
Vindo uma nuvem branca
A menina encaminhava
Vindo uma nuvem preta
Pelo pai e mãi pegava.

—Oh perdoa-me, ó Silvana,
Oh perdoa-me, ó minha filha,
Que a tua alma já vai salva
E a minha condenada estaria!

11

Não obstante serem differentes os titulos,—Dona Galançúa — Carlos de Monte Alvor ou Montalvão e Valdivinos, creio representarem lições do mesmo romance. Registei-os distintamente porque assim os encontrei na tradição.

O meu illustre amigo J. J. Nunes mandou-me duas versões, colligidas em Lagos, a 1.ª sob o titulo: *D. Carlos de Monte Alvar*, e a 2.ª sem titulo; Reis Damaso publicou na Enciclopedia republicana, a pag. 203 e 285 dois romances, um sob o titulo *Lisarda*, colligido em Fan e outro *D. Carlos de Mont'Alvar*, colligido em Lagos. Vou registal-os:

D. CARLOS DE MONT'ALVAR

(LAGOS)

Estando Dona Galançúa
No seu jardim a serenar,—(seroar)?
Quem logo ali passaria?
Dom Carlos de Monte Alvar,
Oh! mas que linda menina,
Para comigo brincar.

—Eu sim brincaria, Dom Carlos,
Mas não te havias gabar.

—Juro ao corte da minha espada,
De tal me não gabar.

—Arriba, arriba, Dom Carlos.
Toda a noite a brincar.

Já era quasi de manhã,
Quando D. Carlos d'ali saíu,
Foi a praça passear.

—Deus vos salve, meus senhores
Já vos trago que contar,
Qu'eu brinquei c'uma menina,
No mundo não ha igual.

Estavam dois cavalleiros,
Chegados á casa real.

—Quem seria, quem não seria?
Filha d'El-Rei Cardeal!

Alvic'ras, ó meu El-Rei,
Que eu novas vos quero dar.
Sua filha Galançúa
Com Dom Carlos a brincar.

—Se eu tivesse lenha acolhida,
Já a mandava queimar.
Como não a tenho acolhida.
Já a mandarei buscar.
Criados, ó meus criados,
Os que estão ao meu mandar.
Vão buscar lenha ao mato,
P'ra princeza se ir queimar.

—Não se me dá que me matem
Nem que me queiram matar,
Que eu tenho no meu ventre
Parte de sangue real.
Quem tivesse um criado,
Oue meu pão quizesse ganhar?
Que me fosse levar uma carta
A Dom Carlos de Mont'Alvar?

Vem um anjo do ceu mandado.

—Escreve a carta, Galançúa,
Que o criado t'a vai levar.

—Se elle estiver jantando
Deixai-o acabar;
Se elle estiver dormindo.
Deixai-o acordar;
Se elle andar passeando,
Podeis logo entregar.

Foi o anjo em tão boa hora
Que elle andava a passear;
Elle pegou na carta
Logo se poz a chorar.

—Criados, ó meus criados,
Os que estão a meu mandar,
Vão sellar os meus cavallos
Não os queiram demorar.
Que viagem de quinze dias
Numa noite se hade andar.

Vestiu-se em trage de frade
Logo tratou de abalar,
Quando chegou ao caminho
A justiça que encontrava.

Arreda, justiça, arreda,
Se não faço-vos arredar,
Que a menina que ahi vem,
Ainda vem por confessar.

—Se vos sois o confessor,
Bem n'a podeis confessar.

No meio da confissão
Um beijo lh'elle quiz dar.

—Alto la, senhor frade,
Não se queira adeantar,
Quem em Dom Carlos pôz boca,
Outro não se hade gabar.

—Eu dom Carlos sou, princeza,
Que vos venho aqui livrar;
Arreda justiça, arreda,
Se não faço-vos arredar,
Vão dizer ao cão do pai,
Que a venha agora buscar,
Que eu monto-a no meu cavallo
Vou á praça passear.

Segunda versão colligida por J. J. Nunes e sem titulo.

Estando Dona Galançúa,
Filha d'El-Rei maioral
Uma noite a seroar,
Viu passar Dom Carlos
Dom Carlos de Monte Alvar.

—Oh! que bella menina
Para um homem brincar.

—Uma noite, duas noites,
Pouco é de aventurar,

Pois sois moço e menino,
A' praça te ireis gabar.

—Com esta me tirava a vida,
Ou com outras de mais cortar,
Donzella com quem dormisse
Quando m'eu fossse gabar.

No outro dia pela manhã,
A' praça se foi gabar.

—Eu dormi c'uma donzella
Clara como um papel,
Vermelha como um coral,
Cavalleiros cuidadosos,
Quem seria, quem será?

—Salvo ella, é Galançúa
Filha d'El Rei maioral.

Fidalgos que aquillo ouviram
A El-Rei foram contar,
Que sua filha Galançúa
Com Dom Carlos foi brincar.

—Se eu tivesse lenha feita
.... queimar.

—Não se me dá que me queimem
Nem que me deixem de queimar,
Da-se-me só do meu ventre
Que leva sangue real.
O' criados, ó vassalos,
Os que estão ao meu mandar.
Levem-me já esta carta
Ao conde do Monte Alvar.

LISARDA

(Faro)

—Lisarda, amor, Lisarda,
Lisanda, amor primeiro,
Se tu me deras um bejo
Lisarda, amor verdadeiro....
—Não te dou nem um nem dois,
Nem um, nem dois te heide dar,
Que eu não quero que depois
Tu de mim te vás gabar.
—Eu já fiz um juramento
Protesto de o não quebrar,
Menina com quem eu durma
Nunca a heide difamar.

Mas ao fim de tres mezes,
Para o jogo se foi gabar;
Os seus manos que ali estavam
Disseram um para o outro:
—Será a mana Lisarda ou não?
Quando vieram para casa
A' mãi foram contar.

Sua mãi, assim que tal soube,
Lisarda mandou queimar,
Estando Lisarda fechada
Triste, triste, agonisada,
Ella chegou á janella:
«Quem o meu pão quizer ganhar
Esta carta hade entregar
Ao meu conde do Mont'Alvar.
Appareceu-lhe um menino
De sete annos, mais não,
—Oh, menina, eu levo a carta
Escrita no coração!

—Se elle estiver jantando
Deixa-o primeiro acabar,
Se elle estiver dormindo
Deixa-o primeiro acordar.

«Logo foi fortuna minha
Encontral-o a passear.»

—Pegue lá, ó Conde,
Esta carta de pesar,
Que lhe manda sua amada
Pois ella vai a queimar.
—Tanto se me dá que a queimem
Como a deixem de queimar,
A pena que meu coração sente,
E' seu ventre sangue real levar.
Alto lá, os meus criados,
Os cavallos vão a ferrar,
Com ferraduras de cobre,
Que é para assim se não gastar,
E' jornada de vinte dias
Que nós temos para andar.

Elle se vestiu de padre
Ao caminho foi esperar.

—Alto ahi, parai, justiça,
Se não eu te faço parar.
Essa menina que ahi levam
Ainda vai por coufessar.
—Pois confesse-a o seôr padre
Emquanto nós vamos jantar,

—Ajoelhe oh menina
Faça o seu pelo signal,
Que no meio da confissão
Um beijinho me hade dar.

—Não permitta Deus dos ceus
Nem nos santos do altar!
Boca que um Conde beija
Padre nenhum hade beijar!
Não permita Deus dos Ceus
Nem nos santos do altar!
Corpo que um Conde abraça
Padre nenhum hade abraçar.

O padre então sorria
Pregando os olhos no chão.

—Esse rir, ó seôr padre,
Esse rir de mangar,
Parece-me a mim ser
Do meu Conde do Mont'Alvar.
—E' verdade, ó menina,
Prenda do meu coração,
—Se tu eras o meu Conde
Para que me fizeste zangar?
—Calai-vos, menina,
Que foi para t'experimentar;
Manda chamar os teus manos
Que te vão agora acusar;
Manda chamar tua mãe,
Que te mande agora fechar.
Manda chamar teu pai
Que te mande agora queimar;
E manda chamar a justiça
Que te venha aqui buscar.
Que amanhã por esta hora
Na egreja havemos de estar.

(Encl. rep. pag. 215)

DOM CARLOS DE MONT'ALVAR

(Lagoa)

Estando Dona Galançúa
Pela sua varanda a passear,
Por alli passou Dom Carlos,
Dom Carlos de Mont'Alvar.

—Que linda menina esta
Para comigo brincar,
—Brincaria toda a tarde
Se te não fosses gabar.

No outro dia pela manhã
Ao bilhar se foi gabar:
«Eu brinquei com uma menina
Que no mundo não ha tal».

Olharam uns para os outros
—Quem será? quem não será?
—E' Dona Galançúa,
Filha de El-Rei Cardeal.
Pelas minhas barbas juro
Que ao pai heide ir contar.

—Aqui venho, ó seôr Rei,
Tristes novas lhe quero dar,
Sua filha Galançúa
Com Dom Carlos foi brincar.
—Se não tivesse lenha colhida
Já a mandava matar,
Como tenho lenha colhida
Já a mando queimar.

—Não se me dá de morrer
Nem tão pouco de acabar,
Só se me dá do meu ventre

Que leva sangue real.
Tenho aqui uma carta.
Não tenho quem m'a vá levar.
Veio um anjo do ceu á terra
—Senhora eu vou levar.
—Se o achares dormindo
Deixae-o acordar;
Se o achares jantando
Deixae-o acabar.
Em tão boa hora foi
Que o achou a passear,
Logo que pegou na carta
Logo se poz a chorar.

—Corram, corram meus criados
Os que estão ao meu mandado,
A ferrar os meus cavallos,
Com ferraduras de bronze,
Que esta noite, toda a noite,
Quinze leguas teem que andar.

Chegando ao convento
Onde ella ia a queimar,
—Arreda, arreda justiça,
Se não faço-a arredar;
Que essa menina que ahi vai
Ella vai por confessar,
—Se vós sois o confessor
Ide-a já a confessar.

No meio da confissão
Um beijinho lhe quiz dar,
—Não permitta Deus d'Arcello
Nem a sua coroa real
Que ninguem mais me ponha a boca
Se não Dom Carlos de Mont'Alvar,
Que da morte me veio livrar.

Encicl. rep. pag. 203.

12

No *Romanceiro do Algarve* por Estacio da Veiga vem, sob o titulo—Dona Aldonça—um romance, que tem muitas relações de parentesco com o que publíco sob o mesmo titulo. Passo a transcrevel-o pela síngularidade que noto. A mulherzinha que me forneceu uma das lições, que aqui encontrei, foi a mesma que Estacio da Veiga ouviu, quando colligiu o seu *Romanceiro*. Então a pobre velhinha era uma mulher quarentona e fòra á feira de Tavira e hospedara-se em casa de um parente do nosso escritor. Sinto certa satisfação em dar esta noticia, pois que não obstante certa forma litteraria do *Romanceiro do Algarve*, que denota um especial apuro, que se não casa com este genero de trabalhos, Estacio da Veiga revelou qualidades de um patricio cuidadoso pela conservação das tradições da nossa provincia:

Devo, porem, notar que a velhinha dá ao romance o titulo—Valdivinos—o que me faz crer que o titulo adotado por Estacio da Veiga o foi elle buscar a outras lições, que ouvira noutros logares.

Segue-se o romance :

DONA ALDONÇA

A' porta de Dona Aldonça
Corre um cano d'agua clara;
A mulher que della bebe,
Logo se sente pejada;
Dona Aldonça bebeu della
Em má hora, desgraçada!
Indo assentar-se á meza
Seu pai lhe bem olhava.
—O que é isso, Dona Aldonça,
Que me pareces pejada?
—Ai não é, não, senhor pai,
Sim a saia mal rodada,
Do mal vestida que foi
Me ficou alevantada.

—Como a falta é só da saia
Que seja logo queimada...
Recolhe-te, Dona Aldonça,
Recolhe-te á tua sala;
Nunca mais tu me appareças
Com saia tão mal talhada...

Retirou-se Dona Aldonça
Muito triste e magoada;
Indo pela escada acima,
Dôr de parto que apertava,
—Anda cá, criada minha,
Anda cá, minha creada,
Corre, corre, vae ligeira,
Vê quem passêa na praça.
—Senhora, minha Senhora,
Não vos deis por malfadada,
Só passêa Valdivinos,
Rico primo da vossa alma;
Já de cá lhe fiz aceno
Elle poz-se de abalada:
Tal razão não era dita,
Valdivinos que chegava.

—Deus vos salve, minha prima,
Que já estaes descançada.
—Anda cá, ó Valdivinos,
Rico primo da minha alma,
Toma lá esta menina,
A criar irás leval-a,
Despeza que ella fizer,
Eu sómente ei-de pagal-a.

Indo pela escada abaixo
Com seu tio se encontrara.

—Que Deus vos salve, ó meu tio,
Rico tio da minha alma.
—Anda cá, ó meu sobrinho,

Meu sobrinho da minha alma.
Ai, dize-me, ó Valdivinos,
Que levas n'aba da capa?
—Amendoas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada.
—Vai convidar tua prima
Que ella nesse estado estava,
—Mesmo agora de lá venho
Já ficou bem convidada;
—Da-me uma, dá-me duas
Deixa ver se estão qualhadas;
—Não posso, senhor meu tio,
Não posso que vão contadas.

Ao dizer estas palavras
A menina que chorava.

—Foge daqui, Valdivinos,
Perdição da minha casa,
Se meu sobrinho não fôras
Aqui mesmo te matava.
Dona Aldonça, tua prima,
Depois tambem a queimara
—Não se me dá que me matem,
Nem que ella seja queimada,
Dá-se-me desta innocente
Que me fica desgraçada.

—Eu se mato Dona Aldonça
E' minha filha adorada;
Eu se mato Valdivinos,
Ella fica deshonrada.
Casará elle com ella
Nesta hora aventurada.

Voltam ambos; Dona Aldonça
Que em suspiros se finava,
Quando o pai lhe a filha entrega
Para que bem a criara,

Tal foi seu contentamento,
Que, de alegria, chorava.

Data certamente desses bellos tempos o entrecho do romance — *A donzella* e o *punhal* — do snr. Estacio da Veiga, que passo a transcrever:

A DONZELLA E O PUNHAL

Em uma grande cidade
Gentil donzella habitava;
Já seu pae perdido tinha,
Porem pouco lhe faltava,
Pois um padrastro que houvera
Por filha sua a tratava.
Vai pedil-a um cavalleiro
Que bem com ella egualava,
Mas não deram a menina,
Seus parentes a negaram.
Em frente della apparece
Mancebo de raza escada,
Que do seu labor vivia,
Sua casa sustentava.
Tanto se queriam os dois
Que c'o a vista se falavam;
Tambem em certa janela
Muito bem que se amostravam.
Diz-lhe uma noite o mancebo
Com bem maguas de su'alma:
— Grande pena me estás dando,
E a causa vai ser falada;
Por Dom Pedro estás pedida
Homem de grande embaixada!
—Não o creias, minha vida,
Ai, não o julgues, minha alma;
Basta que tu sejas homem
Para cumprir tua palavra,
Que eu tambem serei mulher

Para sair d'esta casa;
Com o pouco que trouveres
E o que é meu, da minha arada,
Muito bem hade chegar-nos,
Que eu sou mulher governada;
Do que eu herdei de meu pae
Não podem tirar-me nada.

Vai-se o mancebo contente
Queda-se ella consolada,
Subindo aos seus aposentos,
Na cama se já deitava.
N'outro dia, manhã cedo,
Foi sua mãe a chamal-a:
—Desperta, filha querida,
Desperta, filha adorada,
Tu casarás com Dom Pedro
Senhor de grande embaixada,
Pois se acaso eu te morrer,
Já ficas bem emparada.
—Não me mettam em cuidados,
Deixem-me aqui descançada.
—Se tu o não queres, filha,
E' que és d'outro enamorada!

Ajuntaram-se os parentes
Fizeram grande ajuntada,
Quatro ficaram de dentro
Para ver o que se passava,
Os mais foram para o campo
Onde o pobre trabalhava:
Descuidado o surprehenderam,
Deram-lhe sete facadas.
Meia noite fôra em ponto
Quando a nova lhe chegava;
A dama não a acredita,
Pois a zombar a escutava.
Nisto chega o desengano,
Um sino ao longe dobrava.

Quando ella ouvira o sino
Seus cabellos arrancava.

—Coração que te não partes,
Que esperança ainda guardas?

Tinha esta dama uma prima,
Prima que muito estimava;
Subira a cscada sósinha
Para ver se a consolava.
—Oh, minha prima querida,
Rica prima da minha alma,
Ao que morreu perdoou Deus
Sua paixão tresloucada!!
Tu casarás com Dom Pedro,
Homem de grande palavra.
—Não o creias, minha prima,
Minha prima, sempre amada,
Quando eu daqui sair,
Heide ir logo amortalhada.
Sua prima tal não crê,
De a consolar só tratava,
Mas reparando em seus gestos
A viu muito atribulada,
O sangue já lhe corria,
Que ella a si se apunhalara,
E corria tanto e tanto
Que toda a sala arrazava.

—O' minha tia querida,
Tia, tia, da minha alma,
Vossa filha está morrendo,
Está toda ensanguentada!
Chamem já o confessor,
Não morra desamparada
Sem confissão, como foi
O villão que tanto amava.
Veiu logo um santo frade,
E como boa christiana

A sua mãe deixou dito
Que orasse pela su'alma
E do malaventurado
A quem tanto ella estimava.

Cada um em seu caixão
Seus enterros se ajuntavam,
Elle parecia um cravo,
Ella rosa desmaiada!

Mães que tendes vossas filhas
Ai, deixai, deixai casal-as,
Não lhes tireis seus desejos,
Se as não quereis desgraçadas!

13

No *Romanceiro* de Estacio da Veiga vem um romance muito mais desenvolvido, o qual, pela relação que tem com a minha lição, colligida em Loulé, passo a reproduzir:

O CAPTIVO

O meu pai era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era;
Os moiros os captivaram
Numa linda caravela,
E a mim me foram vender
A' fronteira de mi terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim dinheiro dera,
Apenas um vil judiu
Então comprar-me quizera:
A vida que me elle dava
Já me parecia eterna;
Dia e noite trabalhava,
Dava-me uma vida perra;
De dia pisava esparto,
De noite moia canella,

C'uma mordaça na boca
Porque não provasse d'ella,
E que se della provasse,
Seis mil açoites me dera.
Deu-me Deus boa ventura (1)
De encontrar patroa bella,
Que em o perro indo á caça
Da prisão me desprendera; (2)
Dava-me a comer bom pão,
Melhor que o perro comera;
Dava-me a beber bom vinho,
Melhor que o perro bebera;
Catava minha cabeça (3)
Como mãi que me tivera.
Deitava-me em sua cama,
O que ao perro não fizera;
E sempre ella me dizia—
—Christão, vai-te á tua terra. (4)

—Eu sim iria, senhora, (5)
Se lá moeda tivera.
—Se la moeda te falta, (6)
Mil dobrões te dar quizera;
Se é por falta de cavallo (7)
Bem melhor egua te dera,
Que de sete em sete passos
Anda uma boa legoa;
Se é por falta de companhia,
Ir-me comtigo pudera.

Nestas razões em que estavam,
O perro que era chegado.
—Que é isto, filha, que é isto
Que tem teu rosto mudado?
Que é isto na nossa casa,
Com o christiane ao teu lado?
—Perdoe-me, senhor meu amo,
Ou eu seja castigado.
—Valha-te Deus, bom christiane,

Que a tanto me has obrigado;
Dize-me, christiane, se queres
Ser judio, arrenegado?
—Como heide eu, senhor amo,
Ser judio arrenegado,
Se tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado?
—Valha-te Deus, bom christiane,
Que a tanto me has obrigado;
Dize-me, christiane, se queres
Ser judio, arrenegado?
Dar-te-hei tanta riqueza
Que te forme um grande estado.
—Como hei-de eu, senhor amo,
Ser judio arrenegado,
Se tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado?
—Valha-te Deus, bom christiane
Que a tudo me has obrigado;
Dize-me, christiane se queres
Ser judio arrenegado;
Dar-te-hei um leito de oiro
Por cima com cortinado;
Já te não falo na cama
Que tu bem a tens mirado... (8)

—Eu não quero ser judio,
Não quero ser renegado,
Pois tenho aqui no meu peito
Um senhor crucificado;
Se tal coisa hoje fizera
Logo fora castigado,
—Treme então se isto não queres,
Que irás a ser açoitado.
—E' tarde, senhor, é tarde
Para ser tão maltratado...
Já de ha muito vos espero,
Tenho por vós suspirado,
Que lá moeda já tenho

Por fazer-me resgatado;
Um anjo do ceu m'o trouxe
Dentro de um vaso dourado.

—Porque choras, filha minha, (9)
Rica filha da minha alma?
E' pelo christiane, filha,
Que te deixa deshonrada?
—Deixe, meu pae, o christiane (10)
Que elle não me deve nada
Mais que a flor da minha vida,
Que a dou por bem empregada!
Heide-me vestir de luto
Com saia de lona branca
Quero ver o mar salgado
De cima dessa muralha.
—Que não digam perros moiros
Que tu ficas deshonrada!
—Digam tudo! pouco importa (11)
Numa hora tão minguada!

(1) Quiz Deus e a Virgem Maria
Que achasse patroa bella
(2) Bom prezillo me trouvera
(3) Tratava de mi cabeça
Como mãe que Deus me dera
(4) Bom christão vai á tua terra.
(5) Como heide ir, senhora
Se não tenho la moeda
(6) Se foras pela moeda
Os mil dolares eu te dera
(7) Se fores pelo cavallo
Eu te daria uma egoa.
(8) Que tu bem a tens provado.
(9) Anda cá filha querida
Dá-me aqui uma palavra
Conta-me isso do christiane
Se acaso estás deshonrada
(10) Pai deixai ir o bom christiane

(3) Corre em Tavira uma versão cujo acabamento se faz com os seguintes versos:

Mas coitadita daquella
Que cai em boccas do mundo
Que é como barco sem leme
Que se anaga e vai ao fundo.

Nota-se neste romance repetida mudança de rithmo, cousa que não é muito vulgar neste genero de poesia (Estacio da Veiga).

As naos a villa já vejo
Para a cruel despedida:
Com que coração direis,
Adeus, ó alma, adeus, vida,
Espelho da claridade,
Clara luz onde me eu via!
Se a tua lei fora outra
De ti não me apartaria!

Viola, minha viola,
Mais te não quero na mão
Que já vai de barra em ferro
A flôr do meu coração!

Na *Encyclopedia republicana* publicou Reis Damaso, sob o titulo—Christiane—um lindo romance, que elle colligira em Portimão, Ferragudo e Mechilhoeira. E' o seguinte:

CHRISTIANE

(Portimão, Ferragudo, Mechilhoeira)

—De manhã pisar pimenta,
De tarde cravo e canela,
A noite que era chegada,
Me deitei no collo d'ella.

—Dize-me cá, ó Christiane,
Por que não vais p'ra tua terra?
—Como eu hei-de ir, senhora,
Se me falta la moeda!

Mette a mão á fraldisqueira
Trinta mil duros lhe dera.

—Dize-me cá, ó Christiane,
Se vais por mar ou por terra;
Que se tu foras por mar
Companhia eu te fizera;
E mal que eu la chegasse
Caso de mim não fizera;
—Pelo contrario, senhora
Lhe chamarei minha bella.

—Vai áquella cavallariça,
Vae buscar aquella egoa,
Se encontrares o rei turco,
Dize-lhe que vais para a eira.

Palavras não eram ditas
O rei turco era chegado.

—Bemdito e louvado seja
O senhor seja louvado,
Já chegou a minha hora,
De eu poder ser respeitado.

—Vinde cá, ó Christiane,
Vinde cá, ó meu escravo,
Quem te dera tanto dinheiro
Para tu seres resgatado.
—De tres irmãos que eu tenho
Todos tres me teem ganhado,
E me mandaram agora
Pelo correio passado.
—Vinde cá, ó Christiane,

Vinde cá ó meu criado,
Se te queres tornar turco,
Mouro, perro, arrenegado?

—Não me quero tornar turco,
Nem mouro perro arrenegado,
Que Christo por mim morreu
Numa cruz crucificado;
Se delle merecer castigo
Delle serei castigado.

—Vinde cá, ó Christiane,
Vinde cá, ó meu criado,
Se te queres tornar turco,
Mouro, perro, arrenegado,
Eu te farei general,
General do meu reinado.
—Não me quero tornar turco
Nem mouro, perro, arrenegado;
Que Christo por mim morreu
Numa cruz crucificado.
—Vinde cá, ó Christiane,
Vinde cá, ó meu criado,
Se te queres tornar turco
Mouro, perro, arrenegado,
Eu te farei alferes-mór,
Andarás sempre ao meu lado,
Casarás com os melhores olhos.
Que tem este meu reinado,
—Não me quero tornar turco.
. . . .
—Vinde cá, ó Christiane,
Vinde cá ao meu chamado,
Se te queres tornar turco,
Mouro, perro, arrenegado,
Casarás com minha filha,
Pois bem na tens enganado,
E tu pela minha morte,
Ficarás um rei coroado

—Não me quero tornar turco
. . . .
—Vinde cá, ó minha filha,
Vinde cá ao meu chamado,
Dize-me se Christiane,
Se elle te tem deshonrado.
—Mande embora Christiane
Que elle a mim não deve nada,
Leva-me a luz dos meus olhos
Doul'-a por bem empregada.
—Vai-te embora, Christiane,
—Vai-te embora p'ra tua terra:
Pede lá ao teu rei
Que me não arme mais guerra.

No Romanceiro Geral lê-se este romance sob o mesmo titulo (variante de Lisboa) e sob o titulo=*Romance do Cativo do Argel*. Consoante a opinião de Garrett este romance é do meado do seculo 17. O nosso erudito escritor Theophilo Braga crê derivar-se este romance do *Cancioneiro de Romances*, de 1581.

Sob os titulos—*Paladim Captivo*—e a *Captiva*, publicou o sr. Estacio de Veiga, no seu Romanceiro do Algarve, os seguintes romances:

O PALADIM CAPTIVO

Sendo em terra de moirama
Surprehendido um paladim,
Como escravo foi levado
Ao nobre miramolim.
Tinha o rei moiro uma filha
Bem mais alva que um jasmim, (1)
Lindos eram os seus olhos, (2)
O seu corpo mui gentil. (3)
Certo dia olha Celima (4)
Para as torres de Safim, (5)

Viu estar o nobre escravo, (6)
Pensativo, andando ali. (7)

O que n'alma ella sentira,
Bem o quizera encobrir!
Chorava a triste, chorava,
Que se não podia ouvir.
Desde então seus passatempos
Não a podem distrair,
Que lá estão os seus amores
Que tanto a fazem sentir!
Sobre as torres do castello
Passa os dias até ao fim
Para ver o pobre escravo
Trabalhando no jardim.
A princeza mais não pode
Sua paixão comprimir;
Quanto amôr sente em seu peito
Ao christão vai descobrir;
Porem elle não responde,
A' princeza nada diz,
Recorda só os amores
Que tinha no seu paiz.
Dado ao seu constante arrojo,
De Celima nada quiz;
De rijo bronze é seu peito
Que não se deixa ferir!
Vendo que o amôr o não vence,
Ella então lhe fala assim:

—Todo o meu oiro e riquezas
O serão tambem de ti,
Para resgatar teu corpo
Que me captivou a mim:
Dize-me christão, não queres?
Ai! dize-me não ou sim!
—Eu não quero o vosso oiro,
Nem quanto ha por ahi,
Que do meu paiz, senhora,

Hade elle chegar aqui.
—Se não queres o meu oiro
Nem quanto ves por aqui,
Então serei tua escrava
Para em tudo te servir.
Dize-me, christão, não queres?
Ai! dize-me, não ou sim.
—Para escrava eu vos não quero;
Que Deus vos dê melhor fim,
Senhora, minha senhora,
Como errais e errais por mim!
—Se o meu Deus tu não quizeres,
Nem meu pai miramolim,
Eu amarei o teu Deus,
Teu pai o será de mim:
Dize-me, christão, não queres?
Ai! dize-me, não ou sim.
—Não quero os vossos amores,
Nem as riquezas daqui,
Que mais amôr e riquezas
Tenho eu no meu paiz.
Mal haja a hora, mal haja
Em que eu para aqui vim!
Tenho uma alma para Deus,
Um coração para mim...
Ficade-vos pois, embora,
Que para vós não nasci.

Quando ella ouviu tais palavras
Jurou vingar-se por si;
Ao cabo de sete dias
Morto era o paladim;
Se foi traição da princeza
Inda se não sabe ali.

(1) De estremada formosura
(2) Lindos olhos gentil corpo
(3) Branca tez, doce candura
(4) Certo dia do seu quarto

(5) Zulima viu o christão
(6) De amores logo rendido
(7) Teve a moura o coração.

A CAPTIVA

—Eu na terra fui gerada,
Nas ondas do mar nascida,
Do meu triste nascimento
Minha mãe foi falecida.
A mim para me casarem
A' Italia me levaram;
A ama que me criou,
Oh! que bem que me queria!
Commigo estava ella sempre,
De ao pé de mim não saía:
Chamava á luz dos meus olhos
A luz de um claro dia.
De tudo ella me ensinava
Que de tudo bem sabia;
A educar me mandava
Nas escolas de harmonia.
Ao cabo de sete annos
Era a triste fallecida.
Coitada de mim coitada!
Que para sempre a perdia,
Que tão moça em terra alheia,
Tão sósinha me via!
Eu por minha devoção
A' cova rezar-lhe-ia;
Ali lhe prantava flores,
De suspiros a cobria;
As lagrimas dos meus olhos,
Olhos que eram o seu dia,
Sem que detel-as pudesse,
Aquella terra bebia!
A filha do senador,
Que amisade me fingia
A um escravo promettera

Sua carta de alforria,
Se me elle degolara
Quando eu a rezar ia.
A' sombra do cemiterio
O negro me apparecia;
Olhava-me elle de longe,
Que ao perto não se attrevia;
Um dia quíz degolar-me,
Mas eu delle me fugia:
Junto ao rei da Babilonia,
Que uma estatua ali havia,
Por uns moiros que espreitavam
Muito bem fui soccorrida.
O que então me captivara
Mais que todos me queria;
De amor elle me falava,
Mas eu não lhe respondia.
O negro ali o mataram,
Morto ali se quedaria;
Captiva então me levaram
Mais ao pranto qne eu vertia.
Captivaram-me esses moiros
Para lhes ganhar a vida,
Cuidando que eu a ganhasse
Como mulher já perdida.
Instrumentos eu quizera
Que assim bem a ganharia,
Commigo elles caminhavam,
Commigo elles percorriam;
Tangendo minha viola,
Tristes cantos repetia;
Minha ama me lembrava,
Só por ella eu cantaria!
Numa linda caravela
Sobre o mar meu pai corria;
Em toda a Italia o mesquinho
A procurar-me andaria;
Sabendo o meu captiveiro
Noutros mares decorria;

Dia e noite navegava
Nas costas da Barberia.
Que da sua caravela
O nome só eu sabia;
A minha ama, coitada!
Quantas vezes m'o dizia!
A caravela chegava
A's areias de Tarifa;
Ali me levam os mouros
A pensar que ganhariam.
—Abre-me a porta, meu pai,
Que hoje acaba a tua lida,
Abre tambem os teus braços,
Que aqui tens a tua filha!
—Ha sete annos que andava
Sem saber de ti, mi vida;
Aqui tens estes meus braços,
Filha de mim tão querida!

Os moirinhos que tal ouviam
Ei-los que vão de fugida.

O ENCARCERADO

Lá onde se acaba a terra
E o mar d'Hespanha chegara,
Mil castellos em ruinas
Esse mar avassalara.
Em uma soberba torre,
Que nas aguas se mirava,
Enamorado captivo
Bem triste vida arrastava;
Não comia nem dormia,
Dia e noite passeava;
Elle apenas ali tinha
Uma viola que levara.
Lá por essa noite velha
Suas saudadades cantara;
O mar seus cantos sumia,

Que o ceu não os escutara.
Rota barca aventureira
Pela praia se rolava
Em uma noite que a lua
Incerta luz espalhara.
Vendo a barca, um doce intento
Em su'alma então raiara.
Muro abaixo vai correndo,
Mas o mar como bramara!
Com o levante que havia
Contra a praia arrebentara.

—Ondas do mar abaixai,
(Assim o triste clamara)
Deixai-me chegar agora,
A' terra que tanto amara,
Donde trouve-los cuidados
Que em alta noite cantara.
Não me sepulteis, ó mar,
Dai-me o rumo que buscara,
Para que matar-me o corpo,
Se a alma delle se apartara!
Para matar-me, sabei
Que esta ausencia me bastava.
Abaixai, ondas salgadas,
Que eu tantas vezes saudara!

De repente a barca sobe,
Com ambas as mãos remara;
Já longe estava da terra,
A lua se sepultara.
Em meio do mar, sózinho
Triste o captivo se achava,
Sem saber o que fizera,
Que o trabalho o fatigava.
O vigia de menagem
Nisto do somno acordáva;
E diz que ouvira uma voz
Que no alto mar bradava.

A' torre logo subira,
Que era já de manhã clara;
Mas só vira terra e mar
E uma barca que boiava,
Que o captivo sepultado
Lá nas vagas se quedava.
Meio dia que era em ponto,
A barca em terra varara;
O mar, como era mui rijo,
Logo ali a destroçara.

Quem perdeu foi o captivo
Que da prisão se soltara
Para ver os seus amores
Que noutra terra deixara!

Estacio da Veiga no *Romanceiro do Algarve* traz uma licção egualmente colligida no Algarve. Eil-a:

SANTA IRIA

Achava-se dona Iria
Na sua sala assentada,
Bordando de agulha de oiro
E com o seu dedal de prata;
Bate á porta um cavaleiro
Que lhe pedira pousada;
Dona Iria lhe responde,
Muito triste e maguada:
Que sua casa não era
Estalagem de acoitada,
Que se sua mãe lh'a desse,
Estava muito bem dada.
Elle quando aquillo ouvira
Muito tríste que ficara;
Picando no seu cavalo
Sósinho se retirava.
Ella de compadecida
Do seu balcão lhe acenava,

Que a sua mãe foi pedir
Para lhe dar acoitada.
Volve atraz o cavaleiro
Com má tenção que levava;
Mandara-lhe pôr a mesa,
Muito bem que elle ceava;
Mandou a fazer-lhe a cama
Para que se elle deitara.
Negro somno ella dormia;
Elle somente velava;
Pesado corria o somno,
Meia noite era já dada.
Lá por essa noite velha,
Cavaleiro em pé na casa, (1)
Já sellado é seu cavalo
Que á luz da lua alvejava;
A' cama de dona Iria
Corria que não andava; (2)
Pouco tempo era passado,
Já com ella cavalgava,
Levando a triste donzela (3)
Em seus braços desmaiada.
Longo caminho corrido,
Nem um nem outro falava,
Mas a donzela em seus braços
A chorar se dilatava.

Ao cabo de sete legoas
Para amôr a requestava,
Mas só pranto erám as vozes
Com que lhe ella tornava.
Cavaleiro com brandura
Suas falas lhe soltava:
—Como vos chamaes, donzela,
Como vos chamaes, minha alma?

—Eu lá na minha terra
Fui dona Iria, a fidalga,
Agora nestes montios (4)

Sou Iria, a desgraçada!
Elle que lhe aquillo ouvira,
Alma lhe ficou damnada,
E quer já vencer por força
O que não vence a palavra;
Mas a Virg'era do ceu,
Pelo ceu era guardada.
Com a espada que trazia,
Logo ali a degolara,
E lá mesmo abre uma cova
Em que mal a soterrava;
Pois com a pressa seus cabellos
Fora da cova deixara.
Ali se forma uma ermida,
Que a todos bem que pasmava,
C'um letreiro que dizia,
«A Santa Iria, a fidalga»
Ao cabo de bons sete annos
Cavaleiro que passava;
Vendo aquella linda ermida
A um pastor perguntava:
—Dize-me, ó pastor da serra,
Pastorinho da minha alma,
Ai, que ermidinha é aquella
Que alem vejo tão armada?
—Aquella é de Santa Iria,
De Santa Iria, a fidalga.
Que por mão de um cavaleiro
Ali fôra degolada;
A ermida cresceu, cresceu
Sem de ninguem ser tratada

Cavaleiro que tal ouve,
De joelhos se prostrara.

(1) Elle da cama saltava
(2) Prestes dali se marchava
(3) Levando a donzelinha.
(4) Agora cá por montanhas

—Minha linda Santa Iria,
Santa Iria da minha alma,
Perdoai-me a dura morte
Que vos fiz com esta espada,
Que já partida aqui fica,
Para sempre sepultada,
Eu serei vosso romeiro
Em longa peregrinada! —

Uma voz saiu da ermida,
Que parecia encantada:

—Ergue d'ahi, cavaleiro,
Mais a tua dura espada,
Que a tua alma neste mundo
Não pode ser perdoada;
Tua alma não é do ceu,
Pelo ceu foi condemnada.—

D'ali parte o cavaleiro,
Vai fazer longa jornada;
Chegando ás portas de Roma,
Vira a santa degolada,
—Atrás, atrás, cavaleiro,
Tua alma é já perdoada.

Como se vê da comparação das tres lições o seu final varia.

No *Romanceiro Geral* encontra-se este *romance*, consoante as variantes colhidas em Santarem, Covilhã e Minho.

No *Romanceiro do Algarve* lêem-se outros romances da origem christã — *A Senhora dos Martires* — *A Senhora da Orada* — *A Senhora da Piedade* — *Santo Antonio e a Princesa* — *Santa Cecilia*—*Senhora das Angustias*, *e A Fonte das Almas*; são tão curiosos e tão pouco conhecidos que os vou transcrever pela ordem por que os indiquei, acompanhando o primeiro de uma pequena descripção feita pelo illustre autor do *Santuario Mariano*—De *Santa Cecilia* occupar-me-hei na *nota* seguinte sob o n.º 14.

Devo, porem, antes destes, transcrever o romance *Dona*

Branca, colligido por Estacio da Veiga, e que tem muitos pontos de contacto com o *romance de Santa Iria*.

DONA BRANCA

Achava-se Dona Branca
Sentada á sua janella
Com as suas duas filhas
Que Nosso Senhor lhe dera.
Quem as via não sabia
Qual dellas era mais bella.
O ladrão de Dom Tarquinio
Zombava e ria com ellas,
Vai-se a pedir a mais moça,
Mas só lhe dão a mais velha,
Assim se correm as bodas,
Ao gosto delle mais della.
Ao cabo de sete mezes
Leva-a para a sua terra:
Mal que fôra chegado,
Um mau sentido lhe dera.

—Fica-te ahi, Dona Branca,
Que eu por mim vou para a guerra,
Mas inda serei de volta
Pelos pagens que me esperam.

Lá no meio do caminho
Lhe lembra a érmana que houvera;
A' casa da sogra corre
Com má tenção que tivera.
—Deus vos salve, ó minha sogra,
A quem tanto bem quizera!
—Dona Branca, onde a deixastes
Que novas me trazeis della?
—Dona Branca está mui triste
De se ver em 'stranha terra;
Aqui me mandou, senhora,
Emquanto não vou á guerra,

Para ver se lhe eu levava
Sua ermana Filomena,
Para ser sua comadre
Do que Deus lhe dar quizera.—

Filomena se prepara;
Ninguem já por ella espera;
Já veste saia de lona,
Já veste saia de seda,
Já poz toucas engommadas
Que de Flandres lhe vieram,
Dom Tarquinio em seu cavallo
Logo d'ancas a puzera.
Sete legoas são andadas
Sem que nada lhe dissera,
Lá em meio do caminho,
De amôres acommettera.
—Tem-te, ó perro traiçoeiro,
Que eu por mim te não quizera.
Se meu irmão tu não fôras,
Maldição te logo dera.

Arrancando um punhal douro.
Para que nada dissera,
A lingua ali cortaria
A' desgraçada donzella!
Assim a deixa sósinha,
Que elle vai-se a outra terra.
Passa apôs um pastorinho
Que lá granada vendera; (1)
Por acenos o chamara,
Que lingua não a tivera. (2)
Na ponta da sua touca
Cinco letras escrevera,
E todas de sangue puro,
Que outra tinta não houvera,
Assim a manda á ermana
Para que tais letras lera.
Sua irmã quando tal vira,

Logo um infante movera, (3)
E o mette numa caçoila (4)
Para o pai quando estivera,
O perro estava de volta;
Antes elle não viera!
—Poe a mesa, Dona Branca,
Que a fome já não espera,
Come carne, mulher minha,
Que ella está gostosa e tenra,
Que carne tão doce é esta
Que outra assim nunca eu comera?
—E' a tua mesma carne
E a lingua da Filomena. (5)

Elle quando aquillo escuta,
Nem mais ouve nem tolera;
Com o punhal que trazia
Cem punhaladas lhe dera.
A' mai já chega a noticia,
Como doida a recebera.

—Mulheres, que tendes filhas,
Casai-as na vossa terra
Que de duas que eu amava,
Bem maguas que recebera!
Uma me ficou sem lingua,
Sem que mais della soubera;
Outra morta ás punhaladas
Por mão da sedenta fera,
Como flôres as criara
E um ladrão se gosou dellas.

(1) Granada—erva do campo.
(2) Que por lingua não pudera (variante)
(3) Seu filho macho movera (variante)
(4) Manda-o metter em caçoila (variante)
(5) Mais tenra era, ladrão,
A lingua de Filomena (collector).

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES

Candida Virgem dos Martyres,
Formosa Virgem Maria,
Estrella do ceu fulgente,
Clara luz do claro dia.
Cantar todos seus milagres,
Quem contal-os poderia?
De todos o mais patente
Acha-se ahi nessa villa
De Castro Marim chamada,
Que já foi de Mouraria,
E' este santo milagre
De tal poder e valia,
Que em Portugal e Castella,
E lá mesmo em Barbaria,
A quantos bem o conhecem,
Faz espanto e maravilha!

Era um christão que passava
Negra vida; que soffria
Debaixo de duros ferros
Lá para as bandas de Arzila,
Captiveiro mais penoso
Outro christão não havia.
O perro moiro infiel,
Que o comprára em Almeria,
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria.
Sempre o maldito do perro,
Que receioso vivia,
Maltratar o pobre do escravo,
Com ferrenha mão soía.
Já invenção lhe faltava
De como elle o guardaria.
Mandou fazer um caixão
Muito forte em demazia,
E nelle sem mais detença
O triste christão mettia;

Mas por certo inda o não dava
Apesar do que fazia;
Aquella mente maldita
De mil receios ardia.
Nova ideia de tormento
Alma lhe enche de alegria;
Com uma grossa corrente
De pés e mãos o prendia,
E ainda sobre o caixão
O indino perro dormia!
Negro pão e agua turva
Era o manjar que teria;
Mas uma ardente esperança
Que na Virgem Santa havia,
Vida nova lhe apontava
Sobre a que lhe já fugia.
A Virgem Mãe Soberana
Invocava noite e dia
Para que lhe désse n'alma
Vigor, que se lhe extinguia,
E que de todo o livrasse
De tão dura escravaria.
A Santa Virgem dos Martyres,
Que todo seu rogo ouvia,
D'aquelle espirito afflicto
Muito bem se condoia.
O caixão que em terra estava,
Cercado d'agua se via,
E com o perro do moiro,
Que em cima delle dormia,
A' tona d'agua boiando
Tres dias assim corria.
Já despontava a manhã,
A manhã de um claro dia;
Novas arêas se mostram,
Novos céus, outra alegria!
Da torre o gallo tres vezes
Este milagre annuncia;
Os sinos do campanario

Repicavam á porfia
Sem que ninguem os tangesse
Porque tudo inda dormia.
O ladrar de muitos cães
Em todo o mar percutia.
Quando o perro ouvira os sinos
Sobre tudo se doria,
Que junto de terra estranha,
Terra que não conhecia,
Por sua desventura
Com seu escravo se via!
Encalhado em fina areia
O mesmo caixão se abria.
Com rosto mais que magoado
O moiro ao escravo dizia:
—Christão, que paiz é este
De tão alta senhoria?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sínos, ladram cães
Logo ao despontar do dia?
—Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia.
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia,
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia.—

Assombrado o sarraceno
Do que do christão ouvia,
Sem mais pergunta fazer-lhe,
Da corrente o desprendia.
—Ergue-te, christão, perdôa-me
Todo o mal que te eu fazia;
Até hoje eras meu 'scravo.
Teu 'scravo sou neste dia!

Para ver este milagre
Toda a a gente alli corria;

Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem
Caminho de santa ermida;
O moiro com viva crença
O baptismo já pedia;
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria,
Tão cristallina e tão pura
Que a todos pasmar fazia.
Com esta agua bemdita,
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptisado
O moiro de Barbaria.
Baptisado o sarraceno,
Ao pé da fresca fontinha
Se formava um lindo mar
Daquella agua, que corria;
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias
Mesmo ao meio das aguas
Um lindo freixo nascia,
Que o que mais maravilhava
Era o ver como crescia!

Desde então ficou o Virgem
Tendo grande romaria
De Portugal e Castella.
Tudo ali corre em seu dia.

O snr. Alberto Pimentel no seu apreciadissimo livro—Historia do Culto de Nossa Senhora, em Portugal, regista tambem uma lenda—A Senhora dos Martyres de Castro Marim, cuja lição difere algum tanto de que acima reproduzimos. Eil-a:

Captivo de um perro mouro
Em terras de mouraria,
Debaixo de duros ferros

Um pobre christão vivia.
Negro pão e agua turva
Só lhe davam por medida,
De manhã até á tarde,
A um moinho moia;
E á noite o perro infiel,
Com medo que lhe fugisse,
Num caixão grande o fechava
Muito forte em demasia.
Depois em cima deitado
Em tom de mofa dizia,
Como quem Deus não conhece,
Esta horrivel herezia:
—Livre-te daqui agora
A tua Virgem Maria!

Chorava o pobre christão,
Mas seus males não carpia,
A blasfemia que escutava
Era o que só lhe doia,
Todo em lagrimas banhado,
Desta maneira dizia:
—Senhora! que não castigas
Esta grande aleivosia!

Se elle bem a invocava,
Melhor a Senhora o ouvia,
Uma noite, á meia noite,
O caixão, que se movia,
Sem que ninguem lhe tocasse
Ao mar direito corria:
O mouro, no melhor somno
Em cima delle dormia,
Já lá vai por essas aguas
Cercado de ondas se via.
Adeus, terra da mourama,
A terra ao largo fugia.
Assim tres noites vogaram,
Tres noites e mais dois dias,

O mouro, como encantado,
Do somno não se bulia.

Já desponta a manhã clara,
Manhã do terceiro dia,
Novas areias se mostram,
Novos ceus, nova alegria.
Já perto se houve roncar
O mar pela penedia,
O ladrar de muitos cães
Por toda a costa se ouvia.
Da torre o gallo, tres vezes,
Este milagre annuncia,
Os sinos do campanario
Repicavam á porfia,
Sem que ninguem os tangesse,
Porque tudo ainda dormia.

Com os sinos acorda o mouro,
Sem atinar com o que via,
Já muito contrito e humilhado
Para o captivo dizia:
—Christão, que terra é esta
De tão alta senhoria?
Na tua terra, christão,
Cantam gallos á porfia,
Tocam sinos, ladram cães
Logo ao despontar do dia?
—Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia...
Na minha terra, senhor,
Cantam gallos á porfia
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia...
—Ergue-te, christão, perdoa-me
Todo o mal que eu te fazia,
Hontem eras meu escravo,
Teu servo sou neste dia.

Para ver este milagre
Toda a gente alli corria;
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, ja se partem,
Caminho da Santa Ermida;
O mouro por Deus tocado
Desta maneira dizia:
—Oh mãe de Deus perdoae,
Piedosa Virgem Maria,
Perdoae-me os meus peccados,
Que eu christão me tornaria!—
Eis que aos pés da Virgem Santa
D'agua uma fonte se abria,
Tão cristallina e tão pura!
Que linda que ella corria!
Com esta agua bemdita,
Agua de tanta valia,
Foi logo ali baptizado,
O mouro da Barbaria;
E para maior milagre,
Ao cabo de sete dias,
Mesmo no meio das aguas
Um verde freixo nascia;
Tão copadinho e tão verde,
Oh que bem que parecia!...

Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria
De Portugal e Castella
Tudo alli corre em seu dia.

Todas as lendas da edade media tendiam a localizar-se escreveu o snr. Teophilo Braga; por isso não nos deve causar espanto encontrar esta mesma lenda na *Hist.* de S. Domingos, liv. IV C. V. fl. 211 v., sendo ali substituida a miraculosa Virgem dos Martyres pelo são Domingos da Severeira, de Penamacôr.

Qual é a mais antiga?

O *romance*— a Senhora da Orada—já ficou mencionada a folha 218.

A SENHORA DA PIEDADE

Em nome de Deus bemdito
Saiba toda a christandade,
Que está o mundo assombrado
De ver um santo milagre,
Que a uma certa donzella
De seus quinze annos de idade,
Que numa serra morava,
Chamada serra do Algarve,
Por sua graça infinita
Fez a Virgem da Piedade.

Com seu pai e mãe estava,
Com elles ia á cidade,
Escrever e ler sabia
Desde tenra mocidade.
Sua mãe á Virgem dera
Um altar ao pé de um valle
Estando alí a donzella
Naquella gruta uma tarde,
Offerecendo umas rezas
A' sua divina imagem,
Passou, que não ao acaso,
Um fidalgo de linhagem,
Que havia muito mirava
Para a sua virgindade.
Ameigando a donzelinha
Com seu damnado semblante,
Estas palavras lhe disse
Com amorosa humildade:
—Guarde Deus a ermitanita,
Nunca vi tanta beldade!
Entre as rosas que Deus cria
Nao ha uma que te eguale!
Se o meu amôr te merece,

Ai, vamos para a cidade;
Vestir-te-ei de prata fina,
Terás quanto desejares;
Andarás entre senhoras
Que hão-de vir a visitar-te;
Quando a passear tu fores
Levarás contigo pagem,
Rosa linda, vem commigo,
Isto que peço, faze.
—Não gaste, senhor fidalgo,
Não gaste o tempo debalde,
Que o meu pensamento é outro
Mais proprio da minha idade.
A minha alma só a entrego
A' Virgem Mãe da Piedade—
Elle quando aquillo ouvira,
Bem que começou a airar-se;
Da gruta logo a arrancara,
Se lhe ella não gritasse,
Com pranto a triste pedia
Que dali a não levasse,
Torna-lhe inda em altas vozes,
Que se fosse, que a deixasse,
Que pelo sangue de Christo
Mais pranto não lhe arrancasse.
Elle sem querer ouvil-a,
Segue com seu rogo ávante;
Quanto mais ella chorava,
Mais se lhe rendia amante;
Nem tinha já que pedir-lhe,
Que elle estava delirante.
Numa volta que lhe dera,
Pôde a donzella escapar-lhe
E aos pés do altar prostrada
Com fervorosa humildade,
Já não pede ao cavalleiro,
Pede á Virgem da Piedade,
Que outro amparo ali não tinha
Para a sua virgindade.

Encheu-se a gruta de flores
Da mais pura castidade;
Do ceu desceram donzellas
Com palmas bentas na mão
Em signal de santidade,
E entre todas a levaram
Para a celeste cidade.
Elle que vê tal prodigio,
Fica em grande anciedade;
D'ali se parte sozinho,
Vae-se logo a metter frade.
Dizom que o mundo esquecera
Depois d'aquelle milagre,
E que morrera tão santo
Como a Virgem da Piedade.

No Algarve, ha apenas duas ermidas com a invocação da Virgem da Piedade; uma em Lagos, fundada em um alto serro, perpendicular ao mar; a outra em Loulé, edificada sobre um alto monte, que domina um grande vale a nascente e ao sul.

No romance diz-se que uma donzelinha de quinze annos

Que numa serra morava
Chamada serra do Algarve.

Ora a capella da Virgem da Piedade, de Lagos, dista da serra mais de vinte quilometros, ao passo que, no mesmo serro, onde se acha construida a capella da Virgem da Piedade de Loulé, ha uma grande extensão de terreno, cultivado e povoado, chamado a *serra;* e assim podia muito bem uma menina de quinze annos visitar a capellinha.

Diz-se ainda:

Um altar ao pé de um valle, circumstancia que muito bem se adapta á da Ermida da Virgem da Piedade de Loulé.

Por estas razões supponho dever-se aqui localizar o conto —*A Virgem da Piedade*.

Muito a proposito chamo aqui o lindo *romance. A Pastora*, do nosso Estacio da Veiga, como o de *Santo Antonio e a Princeza*, *A Senhora dos Martires* e o da *Fonte das Almas.*

A PASTORA

Que fazeis aqui, senhora,
Tão gentil e delicada,
Com chapelinho á malteza,
Saia de lan recortada?
Quem pelos endros da serra
Anda assim tão bem trajada,
Ou é princeza dos bosques,
Ou donzella enamorada!
Dizei, dizei, donzellinha,
Onde é a vossa albergada,
Embora longe ella seja,
La mesmo sereis levada;
Se pai e mãe inda tendes,
Elles me darão pousada,
Que já minha alma não póde
Andar de vós apartada!
Captivaram-me esses olhos
E as vossas faces rosadas,
Renderam-me os vossos cantos
Quando los eu escutava,
Junto ás margens da ribeira
Em que vos vira assentada.
—Deixai-me, senhor, deixai-me
Andar só por esta estrada,
Que a pastora que aqui vêdes
Anda alegre e bem cuidada,
Não é princeza dos bosques,
Nem donzella enamorada,
Vive feliz sem amôres,
Com amôres não tem nada,
Saí, saí, destas selvas,
Que aqui não achais pousada...
—Não me aparto, não, donzella,

Antes que venha a alvorada,
Já que vos vi tão louçana,
Haveis de ser adorada,
—Não me enganam vossos olhos,
Nem vossas doces palavras;
Amor assim não se cría
Numa hora tão minguada,
Ai, não vos quedeis, senhor,
Vos rogo por vossa alma!

A donzella asssim pedia
E a pedir bem qne chorava!
Rendida, já tão rendida
Estava a triste, coitada!
Cavalleiro, que isto ouvia
Não mais que suspiros dava,
Até que mais não podendo
Em seus braços a estreitava,
Já não resiste a donzella,
Nem já pranto derramava...
Tudo é brandura... o receio
Todo em amôr se tornava!
Dali se parte o mancebo
Com pensar que ainda voltava,
E do peito da donzella
Uma rosa lhe levara.
Indo pela estrada avante
Mal que via a mesma estrada,
Que a muito custo enxergava,
Lá em meio do caminho
Grande traição era armada;
Perro villão sae-lhe á frente,
De lado a lado o varava!
Cai por terra o cavalleiro,
E morto ali se quedava;
O villão que morto o vira,
Atrás logo se voltava,
Trazendo na mão a rosa
Que o cavaleiro levava,

Acabada a negra noite,
O novo dia alvorava;
A pastora com amores,
Em vez de dormir sonhava.
Mal o sol era a romper
Já ella vinha toucada;
Desce á margem da ribeira,
E entre flores assentada,
Lembram-lhe ali as venturas
Que horas antes gosava,
E ao som da agua, que corria
Estas saudades cantava.

—Onde estarás, cavalleiro,
Alma de mim tão cuidada,
Que não vens matar saudades
Que me cá deixaste n'alma?!

Onde estão esses teus olhos,
Onde está tua palavra,
Que juraste ser voltado
Logo ao raiar da alvorada?

Ai pobre de minha vida,
Ai pobre de mim, coitada!
Mal começo a ter amores;
Eis-me triste e desgraçada! —

Junto de uma alfarrobeira
O perro villão estava;
Quantas maguas mais ouvia,
Bem mais elle se enraivava.
Amava elle a pastora,
Por vingar-se delle e della.
Esta nova assim lhe dava:

=Senhora, minha Senhora,
Por que estais tão magoada?
Se chorais só pela rosa
Que ha pouco vos foi roubada,

Ei-la aqui—no vosso peito
Seja de novo guardada.
Cavaleiro que a roubou,
Já com a vida a pagava;
Mal lhe tocou este ferro.
Logo em terra se quedava.

Ella ouvindo uma tal nova,
Quer fallar, porém não fala,
Foge-lhe a luz d'ante os olhos,
Dá-se em terra desmaiada,
O villão que assim a vira,
Jurou de não mais amal-a;
Como em signal de desprezo,
Eil-o que vai de abalada,
Deixando-lhe sobre o peito
A rosa, mas desfolhada...

Dizem que a triste donzella
Por morta logo ficara,
E que passado algum tempo
Mesmo ali a soterraram;
Que sobre a cova nascera
Uma roseira encarnada,
E que as rosas, que eram muitas,
Toda a terra perfurmaram.

SANTO ANTONIO E A PRINCEZA

Achava-se em *Realmonte*,
Com sua corte real,
Casada uma dama infante,
Princeza de Portugal.
De Antonio, santo varão,
Do seu paiz natural,
Devota a princeza era
Por crença a mais síngular.
Filha infante ella tinha

Mais formosa que o luar,
Mas a infante era um anjo,
E ao ceu se foi parar.

Toda a corte se ajuntava
Para lhe o corpo levar;
Mas não consente a princeza
Que o levem a soterrar.

Tres dias eram passados,
E ainda por sepultar,
A mãe em continuo pranto,
Mas a infante a regelar;
Somente ella não chorava,
Que resava a bom resar,
Ao Santo varão Antonio,
Que tanto soubera amar,
Sua filha encommendava
Para lh'a resuscitar.
Com grande fé verdadeira
Assim começa a orar:

—Santo, que sois de *mi* terra
Onde não ha outro igual,
Que por todo o mundo andaes
Dia e noite a milagrar;
A esta vossa devota
Vinde, por Deus, escutar;
Aquella que vêdes morta
Mandae-a resuscitar.
Mais sete dias de vida,
Depois, fazei-a expirar.
Afugentae-me esta ausencia,
Que a não posso supportar.

Inda a oração era em meio
Já no céu ia a entrar.
—Sete dias tens de vida,
Podes á terra voltar.—

Disse Deus, e o santo padre
A vida lhe foi a dar.
Do ataúde se erguêra
A infante de Portugal,
E com divinal semblante
A' princeza foi fallar:

—Senhora mãe, que chorais,
Sem saber, por meu pesar;
Aqui me tendes na terra
Onde já não possa estar.
D'entre as virgens me arrancastes,
Onde me quereis guardar?
Deixai-me, senhora mãe,
Que no ceu tenho um altar.
Eu apenas vim ao mundo
Para só vos consolar.
Prometteis, senhora mãe,
De não mais por mim chorar?

—Assim o prometto, filha,
Pódes para Deus voltar;
Ora por mím, tu que és anjo,
E que no ceu tens um altar.—

Os sete dias findavam
Ao resurgir do luar,
A alma da bella infante
Para o ceu se viu voar;
O corpo que era da terra,
Á terra o foram levar.
Toda a côrte se espantava
De não ver a mãe chorar!...

A SENHORA DAS ANGUSTIAS

Estando Nossa Senhora
Na sua cella assentada,

Sobre as suas amarguras
A triste nova chegava,
De que era morto seu Filho
Rico penhor de su'alma.
Pelas ruas corre a Virgem
E a quem via perguntava,
Se morto era seu Filho
Rico penhor de su'alma.
Diziam uns que amarrado
A uma columna estava,
Outros que pela cidade
Sob uma cruz caminhava,
Indo a Virgem mais avante
Uma mulher encontrava;
Vai-se logo a perguntar-lhe
Pelo que ella não achava;
A mulher era judia
A assim mesmo a consolava.
—Por aqui passou um homem
Com uma cruz que arrastava,
A cada passo que dava
Toda a terra se abalava;
O lenho como era verde
Até o chão tormentava;
Como fosse grande o peso,
A cada instante ajoelhava;
O baraço na garganta
Era o que mais o magoava;
Elle me pediu um lenço
Para alimpar as suas chagas,
Eu lhe dei a minha touca
Com que a cabeça toucava.

Tudo isso ouvia a Virgem
E cada vez mais chorava;
Indo a volver os seus olhos,
No chão cahiu desmaiada.
San João, por bom sobrinho,
Pela mão a levantava.

—Levante-se, ó minha tia,
Que o que ouviu não será nada.—
Indo lá mais adiante
Com o Senhor se encontrava.
—Porque chora, minha mãe,
Oh! minha mãe da minha alma?
—Não choro as almas perdidas,
Que por ti serão ganhadas;
Choro por ver tuas carnes
Tão doridas e rasgadas;
Choro por ver do teu sangue
Estas ruas ensanguadas!
—Ai, minha Mãe, minha Mãe,
Que esta gente vai ser salva!
Suba alem áquelle oiteiro
Onde a cruz é já cravada;
Quando o meu sangue correr
Toda a culpa será paga.

Fez o Senhor testamento,
Nelle a todos se deixava;
E deixa a S. Pedro a chave
Para que o ceu governara,
A São Miguel a balança
Para que as almas pesara,
A São João o deserto
Para que logo o habitara;
O coração deixa á Virgem
Com que a elle adorava.
Do todos já despedido
Subindo á cruz expirava!

Vendo a Mãe já morto o Filho
Com tamanha angustia d'alma,
De *Angustias* lhe dão o nome
Por elle fica adorada.

A FONTE DAS ALMAS

Era de maio uma tarde,
De taes flores perfumada,
Que a Virgem Mãe do Rosario
De tanto enlevo enlevada,
Jnnto á margem de um ribeiro
Ceu e terra contemplava.
Nas aguas que alli corriam,
Via-se ella retratada,
E dos myrtaes e roseiras
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecêra
Para a Senhora da Orada.
Tecida que era a capella
Logo alli se assentava,
Levando no seu regaço
O Filhinho de su'alma.
Indo em meio do caminho
Grande calor apertava;
Agua o menino pedia,
Mas sua Mãe lha não dava,
Que d'entre aquellas restevas
Olho d'agua não brotava.
Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parava.
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava de face
Com tal ardor, que crestava!
Palavras que a Virgem disse,
Logo pelo ceu entraram,
E o rochedo que as ouvira,
Em fonte se transformava.
O caso é que em bem pouco
Agua tão fresca jorrava,
Que aos pés da santa corria
Como quem lhe os pés beijava.
Bebendo que era o Menino,

Toda a fonte se cercava
De alecrins e mangeronas,
E rosas de toda a casta.
Desde então ficou a fonte
Chamada «A fonte fadada».
Déra-lhe a Virgem tres chaves,
Uma d'oiro e as mais de prata,
Uma para ser aberta,
Outra para ser fechada,
E outra para alli guardar
Almas puras como a agua.
Das almas que a Santa Virgem
Muitas vezes lá guardava,
Ficou o povo chamando
Á fonte «A fonte das almas».

14

Tem estreitissimas relações com este *romance*, se não é uma *variante*, o *romance* do nosso *Romanceiro do Algarve*, sob o titulo—*Santa Cecilia*. Para sua demonstração basta aqui reproduzir o collegido pelo nosso *Estacio da Veiga*. Eil-o:

SANTA CECILIA

Acolá naquelle oiteiro
Ha uma linda ermidinha;
E junto della morava
Uma gentil pastorinha.
Todos que a viam, pensavam
Que fôsse uma donzellinha.
Malquerenças não tivera,
Só de uma perra vizinha,
Que bem jurou de perdêl-a
Por inveja que lhe tinha.
Cecilia assim se chamava,
Que assim lhe pôs su'madrinha,
Do mundo nada quizera,

Nem tinha ella outra vida
Mais do que rezar suas rezas
Desde que alvorava o dia.
Uma vez sem mais nem menos
A traidora da vizinha
Vai-se a ter com seu marido,
Que ella delle gostaria.

—O que vai por vossa casa,
Quem dizel-o poderia!
Ai, valha-me a mãe do Carmo,
Valha-me a Virgem Maria!
Assim que vos ausentaes,
Não ha mais do que alegria;
A mulher que Deus vos deu
A fallar emprega o dia;
De amores toda se rende
Com um Dom de Fidalguia.

O marido que tal ouve,
A casa logo corria.

—Bem te pódes confessar;
Confessa-te, mulher minha,
Que mulher que é tão errada
Pagar só deve co'a vida.

—Quer me mates, quer me deixes,
Eu confessar-me queria.
Se me matares, enterra-me
Aos pés da Virgem Maria.

D'enraivado que estava,
Logo alli a mataria.
Ao cabo de sete mezes
Grande cantar lá se ouvia.
Foram chamar o marido
Para ver tal maravilha.

—Mal haja todo o casado
Que acreditar em visinhas!
Perdôa-me, ó minha santa,
Perdôa-me, ó mulher minha!

—Como te heide eu perdoar,
Se tu'alma está perdida?
A minha, que hoje é dos anjos,
Pelos anjos foi remida,
No mundo andarás em penas,
No céo não terás cabida!

Dizem que elle ouvindo aquillo,
Morto logo alli caira,
E que a soterral-o foram
Lá baixo ao adro da ermida.

No *Romanceiro Geral* do sr. Theophilo Braga e sob o mesmo titulo—A Senhora da Ermida, encontra-se o mesmo *romance*, mas com algumas *variantes*. Assim, no referido *Romanceiro*, relata-se o nascimento da criança:

Abriram a sepultura
Onde a encontraram parida
Com uma menina nos braços
Que se chamava Maria.

no que eu collegi diz-se o modo como se effectuara o baptismo e o nome dos personagens que ao baptismo assistiram. Na lição trasmontana ouve-se um surdo cantar da criancinha; na versão de Loulé o canto é substituido pelo toque dos sinos. No romance de Estacio da Veiga, que bem pode ser outro, refere-se expressamente ás intrigas da vizinha.

15

Entre os romances colligidos por Estacio da Veiga e Reis Damaso não encontro qualquer que se pareça com o que colligi sob o titulo—A Cativa. No *Romanceiro Geral* do sr. Theo-

philo Braga encontro sob o titulo—*Romance da Branca Flôr*—um romance que tem relações intimas com o que colligi. Não o reproduzo, mas pode ser lido a paginas 103 d'aquelle *Romanceiro*. Faro foi chamada cidade de Santa Maria.

16

O romance — Conde de Allemanha o é muito conhecido em Loulé. Talvez o episodio da filha da rainha muito devessse ter contribuido para a sua popularidade.

Do meu illustre amigo J. J. Nunes recebi uma versão sob o titulo:

REI DE ALLEMANHA

Já lá vem o claro sol,
Já lá vem o claro dia,
E o conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Ninguem no palacio o sabe,
Ninguem no palacio o sabia,
Sabia-o só a vossa filha,
Infanta Dona Maria.

—Filha, se vós o sabeis,
Bem me podes encobrir,
Que o conde é muito rico,
De oiro te ha de vestir.

—Eu não lhes quero o seu oiro,
Nem tão pouco o seu damasco,
Porque inda tenho pai vivo
Já me querem dar padrasto!
As mangas do meu vestido
Não nas chegue eu a romper,
Que em meu pai vindo da corte,
Tudo lhe hei-de eu ir dizer;
As mangas do meu roupão
Não nas chegue eu a rasgar,

Que em meu pai vindo da corte,
Tudo lhe hei-de contar.

Nestas rasões em que estavam
O seu pai que ali chegava
—O que é isto, senhora?
—E' uma mãe, uma filha;
—E' o conde, ó meu pai,
Que comigo quer zombar.
—Deixa-te lá, minha filha
Que o conde é zombadôr
Contigo gosta de zombar.

—Não gosto do seu zombar
Nem tão pouco da zombaria
S'eu fosse p'lo seu zombar
Não era Dona Maria.

—Filha se isso é assim
Dá cá um copo de agua,
Que antes do sol raiar
Vai o conde a degolar.

—Maldição te deito, filha,
Pelo leite que mamaste,
Que uma morte tão tirana,
Mesmo tu a «causuaste».

—Cale-se lá, minha mãe,
Não nos oiça aqui ninguem;
Que a morte que o conde teve
Não na tenhais vós tambem.

17

Esta xacara vem precedida da seguinte historia:

Ficaram duas crianças orfãs de pai e mãe. O mais velho foi servir com um tio, negociante do Brazil; a mais nova ficou em casa de uma pobre tia, que mais tarde falleceu, ven-

do-se a criança obrigada a servir de pastora em casa de um lavrador do campo. Annos depois chegou do Brazil o irmão, muito rico, e tratou logo de procurar a irmã. Informado do logar onde ella residia, foi falar ao lavrador e perguntou-lhe pelo comportamento da irmã.

—E' a rapariga mais honesta destes sitios—respondeu o lavrador.

—Vou estar com ella.

—Mas diga-lhe quem é, aliás a rapariga não lhe dá attenção.

—Vou falar-lhe d'amor e aposto em que ella me hade dar ouvidos.

—Aposto que não.

E apostaram.

A xacara diz quem perdeu.

Sob a designação a *Pastorinha* enviou-me o snr. Theophilo Braga a seguinte, colligida em Lagos.

A PASTORINHA

Deus vos salve, oh pastorinha!
Que vosso gado guardaes.
—Vinde com Deus cavalleiro,
Mãe de Deus, salvo sejais,
—Eu salvei e vós salvaes,
Cumpri bem o meu dever;
Foi criação que me deram
De eu a todos responder.
Uma bella rapariga
Como vós, linda pastora,
Tão bonita, tão formosa
Fala tão encantadora.
. . . .
Adeus mãe, e adeus pai,
Adeus gado, que eu gardei,
Adeus manos e adeus manas,
Adeus terra onde m'eu criei,
Como pode um pai prohibir,

Uma filha a querer bem?
Os braços de um pai são fortes,
O amor mais forte *os* tem.
Deixa-me ir deitar meu gado,
Despedir do meu paiz,
Para ir acompanhar
Quem a mim faz tão feliz.
. . . .
. . . .
Estando a pastar meu gado,
Ouço cantar passarinhos,
Não me posso sustentar
Se não d'abraços e beijinhos.

Ainda sob o titulo *O Cabreirinho* devo á amabilidade do Snr. Theophilo Braga, colligidos em Lagos, os seguintes versos:

O CABREIRINHO

(Lagos)

Já lá vem o cabreirinho,
Com seu cajado na mão;
Ainda hontem guardou gado,
Já hoje vem com presumpção.

—Ainda hontem guardei gado,
E inda tenho o meu rebanho,
Tambem te trazia a ti
A' sombra do meu castanho.

—Já lá vem o piolhoso
Todo cheio de gafeira,
Hei-de te comprar este anno,
Para te vender na feira,

—Chamaste-me piolhoso,
E' certo que algum me viste,
Só se tu m'o apegaste,
Quando comigo dormiste.

—Chapéo de meia moéda
Ninguem tem senão eu;
Hei de amar a quem me ama
Dar figas aquem m'as deu.

—Chapéo de meia moeda
Aqui está quem o comprou;
Beijinhos e abraços...
Teu corpo é que o pagou.

—Semiei no meu quintal
Sementinha de landum,
Não me criou minha mãe
P'ra quem cheira a chibarrum.

—O que dirão entre nós
Do que entre nós foi pasado!
Sebastião cuida teu mel,
O enxame vai crestado!

—Volta atraz que vaes errado
Este papel não é o meu
Quem te principiou a crestar
Diga que o mel já é seu.

18

Na *Encyclopedia republicana* a paginas 236 foram publicados pelo snr. Reis Damaso sob o titulo—*Cantares de despique*, uns versos colligidos na *romaria* da Senhora da Guia, e em Lagoa e Porchas. Eu creio que os versos por mim colligidos sob dois titulos—Os *namorados* e os *conversados* da *Fonte*, formaram em tempo uma só collecção; encontrei-os porém na tradição sob os dois titulos e assim os registei.

Seguem os versos colligidos pelo fallecido Reis Damaso:

CANTARES DE DESPIQUE

—Com licença dos senhores
E da Senhora da Guia,

Diga-me, senhor mancebo,
Se vem aqui por alguma via...
—A via porque aqui venho
Eu vos digo na verdade,
Venho por passar o tempo,
Que é cousa da mocidade,
—Mocidade, mocidade,
Tudo isso faz prazer;
Diga-me, senhor mancebo,
Se sabe lêr ou escrever,
—Não sei ler nem escrever
Nem tampouco tocar viola,
Mas espero de aprender
Menina, na vossa escola.
—Escola tenho eu,
Neja p'ra vós aprender,
Deus vos dará juizo
E memoria p'ra saber.
—Que tendes minha senhora
Que tão esquiva me falais,
Sempre pensei, menina,
Que vós me quizesseis mais.
—Muito vos quero, meu mancebo,
N'alma e no coração,
Mas ainda comtudo isso
Não me deve pôr a mão.
—Eu não lhe ponho a mão,
Nem tampouco bulo comvosco,
Mas estar á sua vista,
Levo eu em grande gosto.
—Desgostai, meu mancebo,
Desgostai por vida vossa,
Que esta cara que aqui vêdes,
Ella é d'outro, não é vossa.
—Se ella é d'outro, não é minha
Eu o espero de ser,
Diga, menina, a seu pai,
Que nos mande a receber,
—Isso não, não direi eu,

Serão palavras escusadas,
Menina de quinze annos
Não é capaz de dirigir casas.
—Outras de menos idade,
Dirigem casas e marido,
Assim fareis vós, senhora,
Quando casardes comigo.
—Voltai, meu mancebo,
Pelo caminho por onde viestes,
—Pelo caminho donde eu vim
Bem o vejo eu d'aqui,
Quem se ha-de apartar
Sem a rosa em par de mim?!
—Vinde cá outra vez
Que a resposta levareis
—Não venho cá outro dia
Gastar solas em balde
—Tendes razão, mancebo,
Que as solas custam dinheiro
Podeis-vos gabar, mancebo,
Que fostes vós o primeiro.

(Encycl. repub. pag. 236—).

No *Romanceiro geral* lêem-se diversas xacaras — a dos *conversados* — a Conversada da Fonte — que teem relação com as do texto e com a de Reis Damaso. N'este mesmo gosto, singelo e divertido, o *Romanceiro do Algarve* traz as seguintes xacaras mui curiosas:

OS DOIS AMANTES

—Ausente de vós estava
Sem vos poder encontrar;
N'uma carta vos dizia,
Que já me sentia airar.
—A vossa carta, mancebo,
Cá não póde inda chegar;
O que quericis dizer-me,

Eis-me aqui, podeis fallar.
—As falas que vos eu devo
Já não as posso occultar;
Quero, pois saber, senhora,
Se me quereis albergar.
—Eu por mim não digo nada,
Não tenho razão que dar,
Dizei-me a tenção que tendes
Para vos bem contentar.
—A minha tenção é boa,
Não tendes que duvidar;
Já desta casa não parto
Sem comigo vos levar.
—Eu comvosco não irei,
Não vos devo acompanhar,
Que se meu pae tal souber,
Nunca mais me hade abençoar.
—Vosso pae não dirá nada,
Não tendes que arreceiar;
A má fama que vos derem,
Eu vôl-a heide quitar.
—Eu má fama não n'a tenho
Nem a quero procurar;
Quem uma vez perde a fama,
Não mais a póde ganhar.
—Ninguem trate de honrarias
Quando amôr só quer folgar...
—Ai, falai, falai, baixinho,
Pode meu pae acordar.
—Não se me dá que disperte,
Nem que me venha encontrar,
Mesmo que elle aqui viesse,
Sogro lhe havia eu chamar.
—Se isso assim é, manceho,
Eu o vou a dispertar,
Que venham já testemunhas
Para o poderem jurar.
—Para jurar ha bom tempo,
Mais tarde, mais devagar,

Que eu a vossa geração
Inda não fui indagar.
—Minha geração é boa,
A melhor de Portugal;
Minha mãe, nobre senhora,
Ella nos ha de ajudar.
—Não vos agasteis, donzella,
Que eu não vos quero aggravar,
Se castigo vos mereço,
Vinde-me já castigar.
—Aggravos vossos não tenho,
Não tenho que me agastar;
Se outro escrito me mandardes,
Ainda o hei de acceitar.
—Outro não vos mandarei,
Que bem mais vale o falar;
O primeiro... em vós o tendes;
Deixai, deixai-m'o buscar...
—Dou-vos licença, buscai-me,
Que o não haveis de encontrar.
Bem vejo que estaes buscada;
Como podél-o eu achar!...
Pelo aivado da colmêa
Logo eu quiz desconfiar...
Pensei que crestava favos,
Nenhum era que crestar!
O cortiço já não tinha
Do mel que eu ia provar!...
—Mal hajam vossas palavras,
Mal haja tanto enganar;
Se boa tenção não tinheis,
Porque vir-me procurar?
Ái, de mim, pobre coitada,
Mais não vejo que esperar;
No bom pano cáe a nodoa,
E ninguem lh'a quer tirar!...
A cadeia te persiga,
Não te deixe respirar;
Tua espada se te quebre

Quando fôres batalhar;
A sepultura te falte
Quando vás a enterrar;
Quando perdão me não peças,
Não possas no céu entrar!

OS CALVOS

Mães, que tendes vossas filhas,
Assim Deus vos dê ventura!
Não lhes deis maridos calvos,
Se lhes quereis dar fortuna.
Ai pobre de mim, coitada,
Que me casei ás escuras
Com um capão de cabeça,
Desbarbado até á nuca!
Mães, casai as vossas filhas,
Mas não lhes deis amarguras;
Para com calvos casal-as
Melhor é vel-as defuntas.
Ponde em mim os vossos olhos,
Se entendeis minha tristeza.
Sem ser turca me casaram
Com homem de meia lúa!
Ha calvas de *mappa-mundi*,
Que só com linhas se cruzam,
Com zonas e paralellos,
Com cidades e com ruas.
Deus nos livre de taes calvas
Dessas nefandas planuras,
Que nos fazem perecer
Mancebas de padre-cura!
Ai, fugi, fugi, meninas,
Desses depennados judas,
Que nos dão cruz e calvario
Em vez de nos dar venturas!
Se o mundo já vem calvo

E a bola nos traz madura,
Ai, como, minhas meninas,
Como fazer-lhe a ternura?...

A ALDEANA

Olhos matadores,
Ai, quando elles olham,
Bem mais luz derramam
Do que a mesma aurora!

Se vária não fosse,
Se ella assim não fôra,
Não tivera o mundo
Outra mais formosa.

Rica de perfumes
Sua linda boca,
Um sorriso brando
Sempre nella mora.

Nas mimosas faces
Da gentil pastora,
Os amores brincam
Com jasmins e rosas.

Suas loiras tranças,
Pelas costas soltas,
Valem mais que o oiro,
Inda mais namoram.

Um suave fogo
Suas mãos vigóra,
Em amores arde
Quem lhe nellas toca.

Suas brandas falas,
Sua voz canora,

Grato amor derramam
Que lhe nella sobra.

Quando ás vezes canta
Ao som da viola,
Té o mar não quebra
Na praia arenosa.

As aves se calam,
O vento não sopra,
Quedo fica tudo,
Somente ella folga.

Em toda esta aldeia
Onde o mar assoma,
Mais formosas graças
Não nas tem pastora!

A NOIVA ARRAIANA

—Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!
—Bem haja o cavalleiro,
Tão discreto em seu falar!
—Nunca elle d'aqui se fôra,
Ou não chegasse a voltar;
Por lá o tragassem mouros,
Se havia assim de tornar,
Que tão demudado veiu,
Que ninguem lhe vem fallar!...
—Ai, meu sobrinho, ai minha alma,
Que és tu pelo teu olhar!
—Eu mesmo, eu, minha tia,
Que volto d'alem do mar,
Que é de meu pai, minha mãi
Que eu aqui deixei ficar
—Tua mãe... essa morreu,
Teu pai... foi a enterrar,

Vieram anjos do ceu
Ao ceu os foram levar!
—Bem la me lembrava eu d'elles
Por elles sempre a chorar!
Que é feito da minha armada
Que eu aqui deixei ficar?
—Essa tua rica armada
O fronteiro a fez ao mar,
Para ir vencer a guerra
Com el-rei de Portugal,
—Que é do meu cavalo branco
Que eu soia cavalgar?
—Teu cavalo foi-se á guerra,
Foi-se á guerra, a guerrear;
Outro melhor não havia
El-rei o mandou tomar.
—Que é feito da minha dama
Que eu aqui deixei ficar?
—Tua dama... está de boda,
Amanhã se vai casar;
De cuidar que estavas morto
Muito levou a chorar!
—Onde é que pára essa noiva
Que eu tambem lá vou parar?
—Ai, não, não vás, meu sobrinho,
Que te podem lá matar,
Fica-te aqui, eu lá vou,
Eu por ti lá vou falar
—Não me matam, que nem moiros
Me sabem a mim matar;
Onde faltar cortezia
Não ha-de a espada faltar.

—Salvé Deus tão grande boda
E mais todo o seu folgar!
—Salvé Deus o cavalleiro
E que se chegue a manjar.
—Eu da boda mais não quero
Do que á noiva já falar;

Eu quero vêl-a e falar-lhe,
Que é minha prima carnal.

Lá de dentro vinha a noiva
Ao ouvir o seu falar,
Mal que vê o cavalleiro
Quasi se deixa finar
O que dizer-lhe queria
Diz-lh'o em seu chorar,
—Se tu choras, se desmaias,
De ti me vou apartar:
Se choras por estes gastos,
Todos los hei de eu pagar.
—Pagar devera co'a vida
Quem tanto me fez penar.
Quando te deram por morto
Para a isto me levar!
—Volta, volta, minha prima,
Nos hemos melhor manjar;
Que todos ahi se quedem,
Se se quizerem quedar;
Os meus primeiros amores
Ninguem m'os ha de emprazar.
—Vamos, vamos, ó meu primo,
Qu'isto é um resuscitar,
Que não ha quem dos teus braços
Me possa já arrancar.
Que venha lá de Castella
De justiça o moiral,
Ou que venham los fronteiros
E alcaides de Portugal,
Que só eu com esta espada
A todos hei-de matar!

A SERRANA

Ao campo se vai Jacintha
Manhanita de San'João (1)
Com seu borzeguim de seda,
E sáia côr de limão.

Para a ver se erguera o sol,
As aves cantando vão;
Jacintha, a flor das campinas,
Sobre as flores corre a mão;
Uma capella tecêra
Das capellas de San'João, (2)
Da cheirosa madre-silva,
Da verde murta em botão.
Não ha ver melhor beldade,
Não ha ver outro condão;
Mais formosa que Jacintha
Outras formosas não são!
Em bailes começa o dia,
Todos correm á funcção,
A villã deixa a cabana,
A fidalga o seu balcão;
De amores todas se tocam
Nos requebros que se dão,
Porém nenhuma aldeana
Inventa melhor canção;
Ao som da sua guitarra,
Que ternos amores vão!
Aquelles sons maviosos
Todos diziam paixão!
Ninguem sabe se Jacintha,
A folgar por San'João,
Da guitarra as cordas fére
Ou se as do seu coração!
Os festeiros que a rodeiam
Por ella morrendo estão,
Todos lhe deitam cantigas (3)
Ella a todos dá demão;
Para os bem desenganar
Canta os versos que aqui vão:

—Tenho o meu amor ausente
Nos campos de Marzagão.
Aqui só tenho saudades
Onde eu tinha o coração;

Outros amôres não quero,
Que os meus amôres virão!

Cantava a linda serrana
Estas falas, e mais não,
Uma voz lhe respondera
Com fingida discreção:

—Os teus amores não voltam,
Captivos elles estão,
Lá nos campos da moirama
Os moiros los matarão.—

Treme Jacintha escutando
Este funesto pregão;
Sua mão, que era gelada,
Sente apertal-a outra mão;
Vai erguer seus lindos olhos,
Eis que dá com Dom Beltrão,
Que vinha de matar moiros
Dos campos de Marzagão. (4)

A alegria que ella teve
Nem seus labios o dirão!
Assim se acaba a Jacintha
Este dia de San'João.

(1) Manhanita — palavra algarvia.
(2) Capellas de S. João — lindas flores do Algarve.
(3) Frase algarvia e alemtejana.
(4) Marzagão é como se diz commumente entre o povo de Loulé.

No genero alegre recebemos do snr. Theophilo Braga os seguintes versos colligidos em Lagos sob o titulo — Mestre Barbeiro.

O MESTRE BARBEIRO

(Lagos)

O mestre barbeiro,
Affonso de Escama,
E' homem de fama,
Trabalha a vapor;
Das bichas que vende,
Das barbas que rapa,
Dos dentes que saca,
Tudo é um primor.
O sol já vae alto
Toca a trabalhar,
Em vindo os freguezes,
Tudo prompto ha de estar.
Quem quizer fatias,
Fatias de Angola,
Vá ao botequim,
Do mestre Nicola.

Em contraposição veja-se o verdadeiro sentimento que revela a seguinte xacara publicada por Estacio da Veiga e que elle considera de origem muito anterior aos dois romances castelhanos, que se encontram na collecção de Eugenio Ochoa e no cancioneiro de D. Pedro Manuel de Urea:

A AUSENCIA

Triste era um cavalleiro;
Mais triste ser não podia;
Quêdo estava ao pe do mar
Assentado em pedra fria;
Com lagrimas e suspiros
Amargamente dizia:

—Destas praias arenosas
Vi fugir minha alegria,
Quando as fontes do meu pranto

Vos perderam tão asinha!
Que força póde apartar-me
De ver-vos, senhora minha?
Como eu hoje vivo ausente
De quem tanto me queria!
Ausente de mim estaes,
Não da minha fantasia;
Com os olhos de minh'alma,
Vos contemplo noite e dia;
Com estes que me não vêdes
Choro eu a flor da vida,
Que no mar da desventura
Vai sem rumo, já perdida!
Ái, ausencia, triste ausencia,
Meu pesar, minha agonia,
Por que o meu amor me escondes,
Que o não vejo onde soía?
Mal haja tão negra ausencia,
E mais esta pena minha,
Que me faz camanha magoa,
Camanha merencoria,
Que tão longo me detêm
De quem tanto ver queria!

Dizem que a ausencia é menor
Quando o amor não tem valia,
Mas este amor de minh'alma
Me cresce de dia em dia,
E com elle meus cuidados,
E um pesar que não havia.
Hoje tenho só tristesa
Onde só tinha alegria;
Descanço já não conheço,
Descançar não saberia;
Esperança se a tivéra,
Eu ainda viviria.
Tudo se me acaba agora,
Menos vida tão mofina.
Que mais perderei, senhora,

A não ser esta existencia,
Que longe de vós não é,
Não é, não póde ser vida?

Dizem que o bom cavalleiro
Na viola assim tangia,
E que ao longe humana voz
A tudo lhe respondia.
Olhava o triste, coitado,
Suspirava e nada via,
A não ser o rijo mar
Que contra a terra se abria.

19

Reis Damaso colligiu em Faro a seguinte xacara:

A MORENA

(Faro)

—Abre a porta, Morena,
Abre a porta, minha alma,
—Como te hei de abrir a porta,
Meu Frei João da minha alma,
Se tenho meu filho ao peito
E meu marido á ilharga?
Levanta-te, meu marido,
Pega nos cães, vai á caça,
Não ha melhor caçada
Que a da madrugada.

Seu marido que saía,
Morena que se aprontava
Com a sua meia de seda
Que na perna lhe estalava,
Com seu sapato de setim
Que no chão nem lhe tocava
Com o seu vestido de seda
Que a todos invejava,
Com uma capa de moiré.

Que o vento lhe levava.
Chegando ao convento,
Por Frei João perguntava;
Frei João que isto ouviu
Se havia correr saltava,
Pegou-lhe na sua mão,
Levou-a p'ra sua cella;
Deu-lhe beijos e abraços
E bocadinhos de marmellada.
—Vai-te embora, Morena,
Vai-te embora, minha alma,
Pode teu marido vir,
E achar a porta fechada.
—Morena que saía
Seu marido encontrava.
—Donde vens, mulher minha,
Que vens tão orvalhada?
—Eu venho da missa nova,
Com ella venho consolada.
—Anda lá mais para diante,
Que uma facada levarás
—Não se me dá de morrer,
Nem tão pouco de acabar,
Só se me dá das contas
Que a Deus tenho eu de dar,
E tambem dos meus filhos
Que outra mãe não hão de ter
—Toma lá esta facada
No lado do coração,
Para não dares beijos e abraços.
Outra vez em Frei João.

Encicl. rep. pag. 201.

Sob o titulo—Xacara da Moreninha—lê-se no *Romanceiro Geral* a xacara por mim colligida em Loulé, Nas notas a esta xacara o snr. Theophilo Braga demonstra que o tal Frei João é tão antigo na lenda portugueza como o Frei Jean dos Entommenres da *Gargantua* de Rabalais, e que esta criação co-

mica provem certamente das aventuras da vida claustral, *vida consumida em ocio santo e beatifica estupidez.*

Se esta xacara tem tal origem não pode ser muito antiga, porque eu encontrei os frades dos primeiros seculos seriamente occupados em arrotear a terra e edificar conventos e mosteiros nas montanhas mais fragosas e nos valles mais profundos e occultos. E se é verdade o que eminentes escritores affirmam aos frades se deve a conservação desses monumentos de sciencia que hoje possuimos dos tempos classicos da Grecia e de Roma.

Do ex.mo snr. J. J. Nunes recebi as seguintes lições da mesma xacara:

ABRE LA PORTA, MORENA

—Abre la porta, morena,
Abre lá porta, minha alma,
—Como t'hei d'abrir a porta
Meu frei João da minha alma?
Tenho meu filho ao peito
E meu marido á ilharga.

Estas razões que eram ditas,
O marido que acordara.

—A quem dais vós, mulher minha
A quem dais as vossas falas?
—Foi a filha da forneira
Que vinha ver se amassava:
Se amassasse pão de leite,
Pinga d'agua lhe deitara;
Se amassasse pão do outro
Uma pinga lhe bastara.
Levanta-te, meu marido,
Vai fazer uma caçada,
Que não ha melhor coelho
Que é o da madrugada.
Marido que abalava,
Ella que se preparava;

A boa meia de seda
Na perna lhe estalava,
Bom sapatinho de seda
Que mal no chão lhe tocava,
O seu bom manto de seda
Que o vento o levava.
Ella chegara ao convento,
Por frei João perguntava;
Frei João que isto ouviu,
Em vez de pular, saltava;
Pegando-lhe pela mão
Par'o seu quarto a levava,
Boa talhada de queijo,
Boa talhada de marm'lada.

—Vai-te embora, morena,
Vai-te embora mal casada,
Pode vir o teu marido
E achar a porta fechada.

Morena, que abalava,
O marido que encontrava.
—D'onde vindes, mulher minha
Que vindes esbrazeada;
—Venho d'ouvir missa nova
Que assim venho consolada.
—Anda lá mais p'ra diante,
Que a tua morte está chegada.

—Não se me dá de morrer,
Nem tão pouco de viver,
Da-se-me só dos meus filhos,
Que outra mãe não hão de ter.

—Esta adagada te dou
Dentro do teu coração,
P'ra não ires outra vez
Aos braços de frei João.

OUTRA VERSÃO

—Quem bate á minha porta
Quem bate á minha janella?
—Sou eu, ó minha morena,
O' morena da minha alma.

—Como te hei de abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Tenho meu menino ao peito
Meu marido á ilharga.

N'estas razões, em qu'estavam,
O marido que acordava.

—A quem dás as tuas falas
O' morena da minha alma?

—Dou á filha da padeira
Que me veiu a perguntar;
Se amassasse pão de leite
Que não lhe deitasse agua,
Se amassasse pão de ló,
Que uma pinga lhe bastava.

—Alevanta-te, mulher minha,
Vai governar a tua casa,
Duas filhas que ahi tens,
Uma á lenha, outra á agua,
Para mais descanço teu,
Eu te varrerei a casa.

—Levanta-te, homem meu,
Pega nos cães, vai á caça,
Que não ha melhor caçada,
Que é a da madrugada.

Tão depressa deu as costas
Ella que se preparava:

O seu vestido de seda
Na cintura lhe estalava,
O seu sapato de seda
Que no pé lh'arrebentava,
Com o seu manto de seda
Que o vento o levava,
Com seu lencinho na mão
Pelo frei João acenava.
Chegando á portaria,
Frei João em casa estava.

—Vai-te embora, ó morena,
Vai-te embora, ó minha alma,
Se ha de vir o teu marido,
Que acha a porta fechada.

Assim que elle disse aquillo,
Ella logo caminhava.
Lá no meio do caminho,
O marido que encontrava.

—D'onde é que vens, mulher minha,
Que assim vens tão escalfada?
—Fui ouvir a missa nova
Que assim fiquei regalada.

—Anda lá, ó mulher minha,
Que a morte te está chegada,
—Não se me dá de morrer,
Que sempre hei de morrer,
Mas tenho dó dos meus filhos,
Que outra mãe não hão de ter.

—Toma lá este punhal
Dentro do teu coração,
Por te não veres nos braços,
Nos braços do frei João.

20

Outra xacara colligida em Lagos pelo Reis Damaso:

O CEGO

(Lagos)

Fecha a tua porta,
Abre o teu postigo,
Da-me cá teu lenço,
Que eu venho ferido.

—Se tu vens ferido,
Vinde muito embora;
Qual é o vadio,
Que anda a esta hora?

—Levanta-te, Annica,
Mais um bocadinho,
A um pobre cego,
Ensina o caminho,
Se elle te pedir pão,
Dá-lhe pão e vinho.

—Não quero o seu pão,
Não quero o seu vinho,
Quero só que Anna,
Me ensine o caminho.

—Eu já estou em anagua,
P'ra ir p'ra cama,
Qual é o vadio
Que a esta hora anda?

—Levanta-te, Annica,
Mais um bocadinho,
A um pobre cego,
Ensina o caminho,

Adeus, minhas casas,
Adeus, minhas familias,
Adeus, minha mãe,

Que tão falsa me eras;
Por duques e marquezes
Me vi perseguida,
Por um pobre cego
Me vejo vendida.
Eu donde estou bem vejo
Os palacios de El-Rei.
—Anda p'ra diante, Annica
Que eu te coroarei.

Enciclo. rep. pag. 202.

No *Romanceiro Geral* lê-se uma xacara intitulada—*Xacara do cego andante*—muito parecida com a que colligi no texto e com a que foi colligida pelo fallecido Reis Damaso. O illustre escritor o snr. Theophilo Braga na nota a esta xacara do seu *Romanceiro Geral* diz que Garret determinou os paradigmas d'esta xacara em duas balladas escocesas de el-rei James V, intituladas *The Gaberlunzieman* e The Jolly Beggar.

21

Este *dialago* colhido da tradição e por mim muito conhecido, desde que, de pequenino, o ouvi a uma tia minha do Monte do Sobrado, da freguezia do Algôs, comarca de Silves, tem estreitas relações com o despique dos *Namorados e Conversados da Fonte*. Parece porém que estes versos — *Mariquinhas* —accusam uma certa desconfiança por parte da moça, bem sensivel nos ultimos versos. A singeleza bucolica dos tempos primitivos recebe o seu castigo nos seguintes versos:

O que você quer está verde
Mais tarde... vá passear

22

Não encontrei em Loulé lição alguma deste romance, que me despertasse a attenção.

Muitas pessoas, velhas e novas, o sabem de cór e o recitam, mas, segundo as suas declarações, leram-no em livros modernos.

Entrecalei a lição que se encontra no texto porque me foi enviada pelo meu illustre amigo, o snr. J. J. Nunes, de

Lagos, e não quiz perder esta occasião de o registar. Segue-se o mesmo romance colligido pelo fallecido Estacio da Veiga.

A NAU CATHRINETA

Nau Cathrineta, tão linda,
Que anda nas voltas do mar,
Manda el-rei que se apparelhe
Para de manhã largar:
O conde se apparelhára,
Nem mais tinha que esperar,
Ao saír da barra em fora
Tudo era arrebicar.
Por um lenho cacilheiro
Amarras manda levar;
Para navegar em cheio
Manda as velas desfraldar.
Salva a torre do Bugio
Quando a nau ia a passar.

Adeus, marinheiros velhos,
Adeus, que vamos largar!
Nau Cathrineta, senhores,
Já vai nas voltas do mar.

Tres annos e mais um dia
Era a nau a navegar,
Já de beber não havia,
Nem havia que manjar.
Deitaram sola de molho,
Que a fome vinha a apertar;
Mas a sola era tão dura,
Que a não podiam tragar.
Dizem todos á porfia
Que um se havia de matar,
Mas as sortes só caíam
No capitão general.

—Arriba, arriba, gageiro,
A'quellle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

—Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal,
Só vejo uma grande armada
Que alem cobre todo o mar;
Dentro d'ella vem um turco
Pelas barbas a jurar,
Que o conde, nosso almirante,
Ha de elle vir degolar.

O conde que tal ouvira
De rastos se foi prostrar;
Abraçado a um santo lenho
E gritando a bom gritar.

—Valei-me, senhor do ceu,
Vinde-me aqui ajudar;
Não permittais, vós, senhor,
Que á moirama eu vá parar!

Palavras não eram ditas,
E as balas de par em par;
O sangue era já tanto,
Que ensanguava todo o mar;
Pelos inbernaes corria,
De continuo, sem cessar;
Umas naus já trebuxavam,
Outras iam a escapar.
Ganhara o conde a batalha,
Não mais havia a ganhar;
Tocam-se logo os apitos,
Tudo corre a manobrar.
Nau Cathrineta, senhores,
Faz-se nas voltas do mar.

—Arriba, arriba, gageiro
A'quelle tópe real;
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

—Não vejo terras de Hespanha
Nem praias de Portugal,
Vejo tres espadas nuas,
Que vos são a ameaçar.

—Mira, mira, marujinho
Sobre esse tópe real,
Vê se vês terras de Hespanha
Areias de Portugal,
Se alviçaras me trouveres
Melhores t'as hei de dar.

—Alviçaras, meu capitão,
Alviç'ras, meu general,
Alviç'ras tenho ganhadas,
Se vós m'as quizerdes dar.
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Tambem vejo tres meninas,
Debaixo de um laranjal,
Uma está fiando ouro,
Outra na tela a bordar,
E a mais pequena de todas,
Com sua mãe a brincar.

—Todas tres são minhas filhas,
Meu é esse laranjal;
As meninas que lá viste
Todas eu te quero dar,
Uma para te vestir
Outra para te calçar,
E a que mais formosa fôr,
Para contigo casar.

—Eu não quero as vossas filhas,
Que não tenho onde as guardar,
Só quero a Nau Cathrineta,
Que anda nas voltas do mar.

—Não dou a Nau Cathrineta
Não a dou, não posso dar,
Dar-te-hei tamanha terra
Que a não possas avistar.

—Eu não quero a vossa terra,
Que por mim não sei lavrar;
A nau Cathrineta quero,
Qué anda nas voltas do mar.

—Não dou a nau Cathrineta,
Não me venhas a tentar,
Dar-te-hei tanto dinheiro,
Que o não possas tu contar.

—Não quero o vosso dinheiro
Que me faz afugentar;
Só quero a nau Cathrineta
Para no mar navegar.

Não dou a nau Cathrineta
Que é de El-rei de Portugal;
Não tens mais que me pedir
Nem eu tenho mais que dar.
Vai-te d'aqui, inimigo,
Ou te vou a exconjurar.

—Não quero a nau Cathrineta
Que ella ahi se vae talar,
Este mar será a terra
Que vos ha de sepultar,

Os peixes serão os homens,
Que vos hão de acompanhar,

Os mastros serão as vellas
Que vos hão de alumiar!

Muito não era passado
E a nau em terra a varar!
Não creiam, não, em feitiços
Lá mesmo em meio do mar!

Na opinião de Estacio da Veiga tem com este romance notaveis semelhanças o por elle colligido sob o titulo, Dom Joaquim, sendo este talvez mais antigo. Este romance, como passo a registar, abre com os seguintes versos:

Sua Alteza, que Deus guarde
Aviso ao mar mandaria.

Referem se elles evidentemente a um rei de Portugal, que ainda não tinha o tratamento de Magestade, por tanto anterior a El-Rei D. Sebastião.

Onde se exhibiria a façanha cantada no romance e quem seria este D. Joaquim, commandante da armada?

A nossa historia antiga regista nos seus annais tantas e tão gloriosas façanhas realisadas pela nossa velha armada em quasi todos os mares do globo que não podemos determinar nem a occasião nem o heroe.

Era no mar alto e contra uma armada turca é o que o romance nos diz.

DOM JOAQUIM

Sua Alteza, que Deus guarde,
Aviso ao mar mandaria;
Que se aparelhasse a armada
Para largar no outro dia.
A armada se aparelhára
Com extrema galhardia.
Meia noite, que era em ponto,
Dom Joaquim já não dormia.
Mal o sol vinha raiando,

Tudo já manobraria;
Tirára peças de leva
Em signal de que saía.
Saindo da barra em fôra,
Quando já terra não via,
Forte armada avista ao longe,
Que em todo o mar se estendia.

Uma á outra se chegára
Pelo pino do meio dia,
A batalhar se puzeram
Cada qual com mais porfia;
A salva que o perro dava,
Tudo era mosqueteria;
Muito tempo já durava,
Nem um nem outro vencia;
Dom Joaquim perdido
Sem saber o que faria,
A um Santo Christo abraçado,
De pôpa á prôa dizia:
—Deus do céu, que me estaes vendo,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes, Deus bemdito,
Que vamos dar á Turquia!

Palavras não eram ditas,
Sua voz o céu ouvia,
Pois passado pouco tempo
O rei moiro se perdia.
As galés que elle trouvéra
Todas lo mar engulia;
De quatrocentas e oitenta
Uma só lhe escaparia,
Essa co'o leme quebrado,
E a pôpa em grande avaria,
Com a bandeira de rastos
Em desprezo da Turquia.
—Que nobre armada era aquella,
Que tão briosa vencia?

—Commandava-a Dom Joaquim,
Mais valente não a havia.
Já voltava ás suas praias
Com soberba galhardia;
O perro moiro vencido
Com muita magoa dizia:
—Não se me dá das galeras,
Nem do que nellas havia,
Dá-se-me da minha gente,
Que era la flor da Turquia,
E mais de uma filha moça,
Que era a estrella do meu dia!...

23

No *Romanceiro do Algarve*, em vez da *Freira*, lê-se uma rapsodia—o *Frade*— em endechas de arte maior, como soíam dizer os antigos. Tenho muitas duvidas ácerca da sua antiguidade e me parece um escrito vasado na linguagem maldizente dos que andam em procura dos escandalos. Não o registo porque este livro desejo seja lido por pessoas de ambos os sexos e tal rapsodia, nem ainda por um *D. Juan* pode ser lida sem que o rubor lhe suba ás faces. Demais que neste concelho não apurei romance algum que se pareça com este.

Dos versos por mim colligidos sobre a epigrafe—a Freira—encontro similhantes os da—*Freira arrependida*, do Romanceiro geral do sr. Theophilo Braga, xacara que elle pôde completar á vista de duas lições fragmentadas colligidas na Beira Baixa e do Manuscripto n.º 338 da Bibliotheca da Universidade, sob o titulo—*Queixa de uma freira*. Porque me convenço de que os versos por mim colligidos no texto são parte d'esta xacara; aqui a reproduzo:

A FREIRA ARREPENDIDA

Não sei para que nasci
De tão bello parecer;
Formosa e gentil mulher,
E tão bonita.

Metteram-me á capuchinha
Cá neste pobre mosteiro,
Onde pago por inteiro
Meus peccados.

Nunca me faltam enfados
Em cuidar de tal clausura,
Pois se me faz noite escura
Ao meio dia.

Nunca terei alegria,
Nem no mundo a pode haver
Em cuidar que hei de comer
Em refeitorio.

Lá junto ao dormitorio
Onde dormem as mais madres,
Suspiram por seculares
Cá entre nós.

Em ver que dormimos sós
Me causa grande agonia,
Pois lá pela noite fria
Já me levanto.

Agora faço o meu pranto,
Já me desvaneço em choro,
Em cuidar que hei de ir ao côro
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas,
Lá por esses corredores
Me lembram os meus amores,
Por quem morro.

Toda a minha cella corro,
Indo-me vêr ao espelho;
Meu rosto ja vejo velho,
Sem que eu queira.

E a abbadessa ligeira,
Como malvada leôa,
Manda que tanjam a noa
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,
Que estás metida entre rêdes,
Entre tão fortes paredes,
Em casa escura.

A meu pai torno a culpa
E a meus irmãos tambem,
Podendo casar-me bem,
Me desterraram.

A meu pai aconselharam
Que me não desse o meu dote;
Porque era melhor sorte
O ser freira.

Avizaram a porteira,
Tambem a madre abbadessa,
Que me metessem na cabeça
Que casaria.

Eu como menina cria,
Cuidando que era verdade,
Que qualquer freira ou frade
Casar podia.

Toda a gente me dizia
Que fosse sem arreceio;
Que havia aqui mais recreio,
Divertimento.

Agora que estou cá dentro,
Que ainda casar podia,
Eu vejo-me noite e dia
Aqui fechada.

Mais valera ser casada
De noite embalar meninos,
Do que a andar a tocar sinos
No campanario.

Quando tudo é solitario
E estão todos a dormir,
Ainda estou a carpir
Magoa tamanha.

Miuha mãe, que Deus a tenha,
Deus lhe dê contentamento;
Deixou no seu testamento
Que me casassem.

E se bem não me esposassem
Que me botem d'aqui fora;
E da casa arrenegasse
Que não tem homem.

24

Neste genero tenho a certeza de que seria abundante a colheita se não se antepusesse uma natural desconfiança dos *contistas.*

As orações em verso são um legado dos nossos maiores e que cada legatario conserva no intimo da sua alma como penhor sagrado, que sómente transmite aos seus herdeiros necessarios. Não tenho duvida alguma de afirmar que a maior parte d'essas orações consignadas no texto são a reproducção genuina do que eu proprio ouvi de minha mãe e de minha ama de leite, que em mim e meus irmãos depositaram a sua herança, recebida dos seus maiores. Que disparatadas algumas das orações transmitidas!...

25

Tanto as cantigas — Janeiras — Reis, Chacotas, Noite de Natal, como ainda as cantigas em louvor de Santo Antonio,

S. João e S. Pedro, estão reproduzidas fielmente; e creio até que nenhuma quadra ficou por colligir. O povo louletano naquelles dias ou naquellas noites, faz gala do que possue no genero e expande as suas crenças a par das suas cantigas.

26

Sob o titulo *Rimas Varias*—colligi um amphiguri, que me foi recitado por uma mulher, que o aprendera de sua mãe, natural do sitio de Alfarrobeira, freguesia de S. Clemente de Loulé.

Do meu erudito mestre, o sr. Theophilo Braga, recebi um amphiguri que em Lagos colligira o dr. Antonio Pedro Xavier de Barros, quando delegado em Lagos. E' uma composição de grande merecimento, segundo a apreciação feita par Filinto Elysio, nos unicos quatro versos de que elle se recordava na sua velhice, como se vê (Bibl. T. 1.º pag. 332).

Diz ali: O unico poema amphigurico que eu vi em Portugal, composto debaixo dos preceitos mais rigorosos do genuino amphiguri, foi o engenhosissimo e engraçado poema anonimo:

Duzentos gallegos
Não fazem um homem
Porque quando comem
Meu dinheiro teu dinheiro
etc. etc. etc.

Parece que o illustre arcadico se refere ao seguinte amphiguri colligido em Lagos pelo dr. Barros:

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Tudo quanto comem:
Meu dinheiro, teu dinheiro.
Homem trapaceiro
Que arriscado anda,
Na sua demanda
Nunca faz o que El-Rei manda.
Já se lhe pagou
A'quelle estudante,

Se elle é meliante,
Alfinetes são amores,
Tenho grandes dores,
Em te vêr auzente.
Se elle está doente
Cá para mim é patarata,
Já se lhe arremata,
Não anda a fragata,
Se ella anda á vella,
Não precisa riba—havemos.
Ai que nos perdemos
Nestas cariocas!
Anda muito em boccas:
Quem tem bocca vae á Roma.
Quem tiver que coma,
Não passará fome,
Vem de lá um home,
Regala a sua barriga,
Elle vem de França.
Ella tem uma trança,
Da bocca faz uma arraia;
E a preta na praia
Vende mechilhão,
Pinhão e pinhão,
Salsa verde e caparica.
Ella é bonita,
E tem mialheiro,
Quem tiver dinheiro,
Demê o a mim;
Porque então assim
Eu o guardarei.
Grita; aqui d'El-Rei!
Não ha quem me acuda?
E' uma carrancuda,
Já lá vai p'ro deserto
E' um céo aberto,
Em te ver ali, menina,
Da sala para a sala
Da sala para a cozinha.

Tambem de Lagos recebi de uma senhora o seguinte amphiguri que considero *variante* do colligido no texto:

Era uma vez que não era,
E andava lavrando,
Soube que o pae era morto,
E a mãe por nascer,
Poz os bois ás costas
E o arado a correr.
Foi por uma estrada que não via,
Viu uma cabra que não conhecia,
Viu ameixeira com maçans,
Subiu e colheu romans,
Veiu de lá o dono e gritou:
Seu grandissimo patife,
Seu grande brejeiro,
Vir colher peras em faval alheio!
Pega num torrão,
E atirou-lhe ao toutiço;
Feriu-o nos calcanhares
Deitou sangue pelo embigo.

27

Segundo escreve o sr. Theophilo Braga quasi todas as profecias foram colligidas em um livro intitulado — *Jardim Ameno etc. etc. etc.*

Não sei se ali se contem a profecia do texto. Devo-a á amabilidade do sr. Luiz Antonio Martins, mais conhecido nesta villa, por Luiz Futre, um homem devotado, alma e coração, ás crenças dos Sebastianistas. Elle explicava cada uma das passagens da profecia; morreu, porem, e não cheguei a registar as suas explicações. Fui o herdeiro das suas profecias, registadas num manuscripto que conservo.

28

Colligi mais de novecentas quadras populares que os rapazes e raparigas cantam nos seus bailes campestres.

ESPECIMENS

Já depois de impressa a primeira parte deste livro recebi de uma velhinha d'esta villa um *lição* do primeiro romance— *A Bella Infanta*. Conservo-o tal como o recebi e passo a registal-o com outros d'outras origens. O primeiro que aqui registo não trazia titulo:

Estando eu no meu quintal,
Estando mui bem assentada,
Lancei os olhos ao mar
Vejo vir uma armada;
Capitão que nella vinha
Logo para mim a guiava,
—Dize-me tu, capitão,
Dize-me tu por tu'alma,
Lindos amores que eu tenho
Veem nessa tua armada?
—Dizei-me os signais que elle tinha:
—Direi eu os que elle levava;
Uma vestezinha de anta
De retrós pesponteada,
A seu peito esquerdo,
Uma cruz de ouro lavrada.
—Pelos signais que vós dais,
Pelos que elle levava,
Lá o vi andar na guerra,
Lá morreu na minha armada,
—Ai! triste de mim viuva,
Ai! triste de mim coitada,
Lindos amores que eu tinha,
Morreram na tua armada
—Mas que dareis vós, senhora,
A quem vol-o trouxesse aqui?
As telhas do meu telhado,
Que são d'oiro e de marfim,
—Eu não quero as vossas telhas
Que não servem para mim,

Que mais darieis, vos, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
—Uma larángeira doce,
Que eu tenho no meu *quintal*
As laranjas que ella dá,
El-Rei as come d'aqui,
—Eu não quero as suas laranjas
Que não servem para mim,
Que mais darieis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
—De tres filhas que eu tenho
Daria vos a mais gentil,
Para ser a vossa esposa,
Para comvosco dormir,
—Eu não quero as suas filhas
Que não servem para mim,
Que mais darieis vós, senhora,
A quem vol-o trouxera aqui?
—Que mais queres, capitão,
Que mais queres tu de mim?
—Esse seu corpo, senhora,
Que foi feito para mim.
—Capitão, que tal disse,
A' guerra eu o visse ir,
E no navio em que elle fosse,
Eu o visse enfundir.
Não estão aqui os meus criados,
Mas eu já os vou chamar,
E ao rabo dos meus cavalos
Elles te vão já arrastar.
—Alembra-te a ti, senhora,
Uma sexta-feira á tarde
Do derradeiro de abril
Um annel de sete pedras
Que eu com a mão parti?
Mostra-me a tua metade
E a minha ei-a aqui.
—Se vocêa era meu marido,
Para que zombava de mim?

—Queria ver a lealdade
Que tu fazias de mim.

D. SILVANA

«Bem puderas tu, Silvana, dormir comigo uma noite, brincar comigo um dia», eu dormir sim dormiria e eu brincar sim brincaria, mas as penas do inferno meu pai quem as pagaria; deixa as penas do inferno que eu com ellas me haveria. Silvana como avisada a sua mãe o diria; deita-te na minha cama que eu na tua me deitaria, veste tu os meus vestidos que eu os teus vestiria; era meia noite em ponto seu pai a accommettia; se soubesse que não eras donzella se soubesse que não eras donzia com este punhal a vida te tiraria; como hei de ser donzella como hei de ser donzia se eu tive D. Francisca e tambem D. Maria e tambem D. Silvana, espelho onde me via; malditos sejam os pais que acommetem os filhos; e malditos sejam os filhos que descobrem os pais. O pai que isto viu encerrou-a num convento sete annos e um dia e comer por onças comia e agua salgada bebia; no fim de sete annos uma janella se abria e viu a irmã mais velha, que na sua sala corria. Deus te salve, ó minha irmã, ó minha irmã da minha alma. Pelo Divino Amor de Deus dás-me uma gotinha de agua, que ha sete annos que eu vivo neste convento encerrada comendo o comer por onças e bebendo agua salgada; vai-te d'ahi, Silvana, cara de pilha salgada se fizesses o que o pai pedia estarias bem regalada; subiu mais alta ventana para ver quem descobria, viu então sua mãe, que na sala corria. Deus vos salve, ó minha mãe, ó minha mãe da minha alma. Pelo Divino Amôr de Deus dê-me uma gotinha de agua, que ha sete annos que eu vivo neste convento encerrada, comendo o comer por onças, bebendo agua salgada; vai-te d'ahi Silvana, minha filha desgraçada, que o ladrão de teu pai até agua traz fechada; subiu ventana mais alta para ver quem passeava viu estar seus tres irmãos com bola de oiro a jogar. Oh! meus queridos irmãos, oh meus irmãos da minha alma pelo divino amôr de Deus dêem-me uma gôtinha de agua que ha sete annos que eu vivo n'este convento encerrada, comendo o comer por onças e bebendo

agua salgada. Respondeu o irmão mais velho; quem tivera um punhal que eu a vida lhe tirava, respondeu o irmão da metade e eu tambem te ajudava e respondeu o mais novo reprovando; se fora passarinho eu no bico ta levava. Subiu ventana mais alta para ver quem passeava, viu seu pai com bolas de oiro que jogava. Oh meu querido pai, oh meu pai da minha alma, pelo divino amor de Deus dê-me uma gotinha de agua, que ha sete annos que vivo neste convento encerrada, comendo o comer por onças e bebendo agua salgada.

Alto, alto, meus vassalos, que estão aqui ao meu lado, ide levar agua a Silvana por aquelle jarro doirado; a agua que chegava, Silvana que acabava. Diga lá ao meu pae que eu não quero a sua agua, que á cabeceira da minha cama me rebentou um cano de agua clara, de mangerona cercada, Nossa Senhora da morte, a morte lhe dava e um anjo a acompanhava.

BERNARDO FRANCEZ

Estando eu na minha cama no melhor do meu dormir espadas ouvira tocar, espadas ouvira tenir, se elle é Bernardo Francez minha porta vou abrir se elle é outro cavalleiro já se pode despedir. Sou Bernardo Francez, senhora, sua porta vinde abrir. Indo pela escada arriba candieiro se apagaria, sentara-o numa cadeira forrada de panagim, lavara-o do pés e mãos com rica agua de alecrim, vestira-lhe uma camisa das que eu tinha para mim, agarrara-o pela mão e deitara-o ao pé de mim; meia noite que era dada sem se elle voltar para mim, que tendes Bernardo Francez que não vos voltaes para mim? ó tendes damas em França ou vos dizem mal de mim? Não tenho damas em França nem me dizem mal de ti; se tens medo á justiça ella já hoje esteve aqui, não tenho medo á justiça que eu com ella já fali, se tens medo a meus filhos chiquitilos são de ti, não tenho medo aos teus filhos que chiquitilos são de mim, se tens medo a meu marido elle lá está no Brazil, má peste lá o mate, as novas me venham aqui, não tenho medo a teu marido pois que o tens em par de ti; Perdoa-me meu marido que foi sonho que eu sonhi; cala-te tu, tiranna que me não levas por ahi; inda o sol não

raiava nem a manhã esclarecia mil facadas lhe daria. Lá a mandei enterrar na igreja de S. Penin. Aonde vais? vou ver a minha amada que ainda hoje eu a não vi, a sua dama é já morta porque eu a mati, as facadas que eu dei nella havia eu de dar em ti, lá a mandei enterrar na igreja de S. Penin. Abre-te cova de flores não te cerres para mim, vive tu meu namorado, vive tu que eu já morri, se tu filha tiveres bota-lhe Anna como a mim, quando bradares por ella te alembrares de mim. Abre-te cova de flores não te cerres para mim, vive tu meu namorado, vive tu que eu já morri, se tu filho tiveres bota-lhe o nome de Matheus, quando bradando por elle te lembrares dos meus. Abre-te cova de flores não te cerres para mim, vive tu meu namorado, vive tu que eu já morri, os braços com que te abraçava na sepultura se quebraram, a bocca com que te beijava de terra se me arrazava, os olhos com que te eu via de terra se me cobriram, vive tu que eu já morri.

DECLARAÇÃO

Cabe-me agora agradecer a todas as pessoas de ambos os sexos, velhos e novos, a sua valiosa collaboração n'este livro, que mui particularmente é consagrado a quem mais estou ligado pelos laços de sangue.

FIM

ERRATAS

Doença do seu auctor obstou a que podesse assistir á revisão das provas até paginas oitenta. Escaparam por isso alguns erros, como ainda depois que elle pôde assistir á revisão. No entanto, como diversos erros, mui principalmente de virgulação, escaparam, mas faceis de emenda, por parte do leitor, por isso entendemos não fazer ementa alguma.

INDICE

SEGUNDA PARTE

ORAÇÕES

RIMAS VARIAS

